



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

DÉBORA KÁTIA MAIA PINTO

**A POLIFONIA DA FESTA EM OLHO D'ÁGUA DA BICA
Santuário de Nossa Senhora da Saúde no Município
de Tabuleiro do Norte – Ceará**

Fortaleza – Ceará.
2004

DÉBORA KÁTIA MAIA PINTO

**A POLIFONIA DA FESTA EM OLHO D'ÁGUA DA BICA
Santuário de Nossa Senhora da Saúde no Município
de Tabuleiro do Norte – Ceará**

Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito básico para a obtenção do título de
Mestre em Sociologia, sob a orientação do

Prof. Dr. Ismael Pordeus Júnior.

Fortaleza – Ceará.
Abril de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

P727p

Pinto, Débora Kátia Maia.

A polifonia da festa em Olho D'Água da Bica : santuário de Nossa Senhora da Saúde no município de Tabuleiro do Norte – Ceará / Débora Kátia Maia Pinto. – 2004.

135 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2004.

Área de Concentração: Sociologia.

Orientação: Prof. Dr. Ismael Pordeus Júnior.

1.Saúde,Nossa Senhora da. 2.Maria,Virgem,Santa – Santuários – Olho D'Água da Bica(Tabuleiro do Norte,CE). 3.Peregrinos e peregrinações cristãs – Aspectos sociais – Olho D'Água da Bica (Tabuleiro do Norte,CE). 4.Santuários cristãos – Olho D'Água da Bica(Tabuleiro do Norte,CE).

5.Olho D'Água da Bica(Tabuleiro do Norte,CE) – Usos e costumes religiosos.6.Religiosidade.

I. Título.

CDD 306.6630428131

**A POLIFONIA DA FESTA EM OLHO D'ÁGUA DA BICA
Santuário de Nossa Senhora da Saúde no Município
de Tabuleiro do Norte-Ceará**

Dissertação de Mestrado apresentada por: Débora Kátia Maia Pinto

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Dr. Ismael Pordeus Júnior (Orientador)

Dra. Maria Lina Leão Teixeira (UFRJ)

Dr. Régis Lopes (UFC)

DEDICATÓRIA

*A meus pais Heitor e Célia e
meus manos Dermon e Dênis, carinhosamente...*

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter sempre me dado forças para superar todos os momentos difíceis pelos quais passei durante a realização deste trabalho e por ter me permitido o convívio com pessoas que muito me ajudaram, de uma forma ou de outra, para que este sonho, que um dia imaginei tão distante, se tornasse uma realidade.

A minha família que sempre me apoiou, meus pais e irmãos, e aos tios Fátima, Evilásio e Elias; Ao querido primo Túlio Marcos pela acolhida em sua residência e pela dedicação sempre a mim dispensada.

Ao meu Orientador Dr. Ismael Pordeus Júnior pela atenção, e por suas considerações sempre pertinentes durante o desenvolvimento desta Dissertação, que me permitiu um amadurecimento intelectual fundamental para a sua elaboração;

Ao amigo e professor da Graduação, Gérson Júnior, com quem muito aprendi, pela orientação na elaboração do projeto de mestrado, mas especialmente por ter sempre acreditado em mim, pelo incentivo e apoio imprescindíveis para a realização desta pesquisa;

A Lúcia Helena: uma professora, uma amiga, pela contribuição teórica que me foi dada e pela presença constante, suas considerações e palavras de estímulo não deixaram que eu desanimasse.

As Professoras Maria Lina Teixeira e Silvia Porto Alegre pela valiosa contribuição teórico-metodológica possibilitando-me uma melhor compreensão sobre o estudo do universo religioso;

A Francisca, com quem dividi tantas angústias desde o início dessa caminhada; pela amizade, pelas sugestões e pelo carinho dedicados ao longo de todo esse tempo; e a Madalena, uma amiga que encontrei nesta fase da minha vida. A vocês, obrigada pela troca de idéias em nossas “conferências” sobre religião, arte e educação.

Aos Professores do Mestrado Rejane Vasconcelos, Lúcia Morales, Alba Pinho, Domingos Abreu e Manfredo Oliveira;

Aos Professores Régis Lopes e Gilmar de Carvalho por terem participado da banca de qualificação tecendo importantes sugestões;

A amiga Dália pela dedicação, pelas longas conversas nas quais temas como religiosidade e violência estiveram sempre presentes e pelos trabalhos de formatação;

A estimada Professora Denise Noronha pela disponibilidade e pela revisão final do texto;

A Rosângela Moreira pela colaboração no começo de tudo; e a amiga Luzanir; aos colegas do Mestrado Flávio, Janaína, Augusto, Rosângela e Denise; A Cristina e Wancarder pela amizade que construímos e pela ajuda recebida;

A Larissa Andrade pelos gentis trabalhos de tradução;

Aos funcionários do Mestrado Aiberê e Socorro;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – pelo apoio financeiro sem o qual dificilmente este trabalho teria se concretizado;

A Professora Verônica de Oliveira Rodrigues pela oportunidade de trabalhar no Projeto IVA/UVA.

A D. Lindete e Seu Lauro, D. Graziela e Seu Nonato, Seu José de Olira e D. Zuleide pela disponibilidade com que me receberam em suas casas. E ao pároco de Tabuleiro do Norte, Francisco Edvaldo Marques;

A comunidade de Olho d'Água da Bica em especial a Ronaldo Guimarães, Rufiniano e Antônio Marcos. Aos romeiros e vendedores com os quais conversei. A Gerardo Nunes Malveira (in memoriun);

A Carlile, com quem tive a oportunidade de contar nesta etapa tão importante de minha vida, obrigada pelas palavras constantes de apoio e por compartilhar comigo mais este desafio.

No dia da festa, esse caminho é um formigueiro de gente em procura da fonte.

Dona Zuleide

RESUMO

A essência deste trabalho consiste na análise da Festa de Nossa Senhora da Saúde, realizada anualmente entre os dias 05 e 15 de agosto, no distrito de Olho d'Água da Bica no Município de Tabuleiro do Norte, no Estado do Ceará. A fundação do santuário é marcada por histórias que justificam, para os que crêem na Santa, que o lugar de fato apresenta aspecto sagrado devido à existência de uma fonte perene, cuja água tem poder curativo, e que foi revelada a um padre através de um sonho. O distrito é, há muitos anos, visitado por pessoas de diversas cidades do Estado e também de outros, o que me conduziu a pensar a festa a partir de uma perspectiva polifônica, ou seja, como um espaço que transcende o núcleo religioso e que é capaz de acomodar diversas categorias que apresentam discursos distintos. São romeiros, vendedores, o clero e os moradores, alguns desses atores que se encontram na localidade neste mesmo período, tecendo, apesar dos interesses diversos, uma rede de sociabilidade que promove a ruptura com o cotidiano do lugar. Neste trabalho, serão discutidos além da fundação do santuário e das relações que se estabelecem na romaria, os aspectos relacionados ao imaginário e às representações simbólicas construídas nesse espaço, evidenciadas através dos rituais de cura, bem como dos relatos orais produzidos pelos atores sociais que encenam a festa de Nossa Senhora da Saúde.

Palavras-chaves: água da fonte, cura, polifonia da festa.

ABSTRACT

The main point explored by this work is an analysis of the religious feast dedicated to Our Lady of Health which takes place every year at the Olho d'Água da Bica district in the Tabuleiro do Norte county in the the State of Ceará from August 5th to August 15th. The sanctuary's foundation is marked by histories that are seen by believers as a proof that the place is indeed sacred due to the existence of a perennial spring whose water has healing properties as revealed in a dream to a certain priest. The district has been visited for many years by people from several places in the state and other regions which led me to evaluate the feast from a perspective of a multiple sound composition, that is, a physical space that houses not only the religious core but also several other categories who present distinct discourses. They are pilgrims, merchants, the clergy and inhabitants, actors who in spite of their different backgrounds get together in the place every year to create a social web that will promote the rupture of local life. Aspects of the imaginary and symbolic representations besides the sanctuary's foundation and the relations that spring from the pilgrimage are discussed in this work according to an analysis of healing rituals and stories as produced by the social actors that perform in the feast of Our Lady of Health.

Keywords: spring's water, cure, polyphony of the party.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vista parcial do distrito.....	20
Figura 2: Atual cruzeiro.....	28
Figura 3: Romeiros pegando água da Fonte.....	30
Figura 4: Romeiro banhando-se com a água do manancial.....	31
Figura 5: Nascente da Fonte.....	33
Figura 6: Caminho de acesso ao manancial.....	35
Figura 7: Imagem que se encontra no altar da Igreja.....	47
Figura 8: Missa campal.....	53
Figura 9: Caminhada da Luz.....	61
Figura 10: Peregrinos a caminho do santuário.....	67
Figura 11: Peregrinos a caminho do santuário.....	68
Figura 12: Romeiros assistindo à celebração.....	71
Figura 13: Romeiras no comércio.....	72
Figura 14: Pe. Francisco Edvaldo Marques.....	77
Figura 15: Romeiros no comércio.....	84
Figura 16: O parque de diversões.....	85
Figura 17: O comércio.....	89
Figura 18: José Vidal.....	102
Figura 19: Casa dos Milagres.....	103
Figura 20: Romeira indo em peregrinação ao Olho d'Água da Bica.....	105
Figura 21: D. Rosália.....	112
Figura 22: Romeiros na Fonte.....	114
Figura 23: Fiel cumprindo uma promessa.....	120

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – O SAGRADO NO MEIO RURAL.....	19
1.1. O Olho D'Água da Bica.....	19
1.2. O Olho D'Água de Nossa Senhora da Saúde: a origem sagrada da Vila..	23
1.3. A fonte milagrosa.....	29
1.4. A tradição oral na origem do santuário.....	38
1.5. A fundação dos santuários.....	43
1.6. O culto às Senhoras.....	46
CAPÍTULO II – CELEBRANDO A FESTA.....	50
2.1. O palco.....	50
2.2. Os atores e o texto.....	57
2.2.1. Os moradores.....	57
2.2.2. Os agentes religiosos.....	62
2.2.3. Os romeiros.....	66
2.2.4. O clero.....	75
2.2.5. Os vendedores.....	80
2.3. “Um acontecimento social total”	90
CAPÍTULO III – AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS NO SANTUÁRIO.....	94
3.1. Noções de representações religiosas e sociais.....	94
3.2. A dimensão cultural da religião.....	100
3.3. Cada prece, uma história.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
BIBLIOGRAFIA	124
ANEXOS.....	133

INTRODUÇÃO

Este estudo incide sobre o Santuário de Nossa Senhora da Saúde, no distrito de Olho d'Água da Bica, na cidade de Tabuleiro do Norte –Ceará. A Bica, assim conhecida popularmente, fica próxima à Chapada do Apodi¹, distando 24 km da sede, portanto a 237km de Fortaleza. É oportuno mencionar que este trabalho é produto de um estudo iniciado no curso de Licenciatura em História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM².

Na graduação, optei por estudar o Santuário de Nossa Senhora da Saúde, já que desejava conhecer a história religiosa daquele distrito, pois me chamou atenção, quando ainda era criança, o fato de tantas pessoas da cidade de Tabuleiro do Norte se deslocarem para lá no período das festividades da padroeira.

Para elaboração da monografia de graduação, privilegiei as representações simbólicas aquáticas, tendo em vista que o santuário, cuja origem reporta-se ao final do século XIX, tornou-se um centro de peregrinação religiosa por atrair fiéis de vários lugares movidos pela crença no poder curativo da água de uma fonte lá existente³. No entanto, na pesquisa de campo, observei que, concomitantemente aos festejos religiosos realizados entre os dias 05 e 15 de Agosto, em homenagem à padroeira do lugar, converge para a vila um grande fluxo de pessoas cujos interesses não se prendem somente ao aspecto religioso.

Resolvi então, dar continuidade ao estudo iniciado na graduação por entender que, a exemplo de todo trabalho científico, este deixou lacunas e algo a ser ainda investigado. De fato, ao pesquisador cabe a tarefa de construir o seu objeto de estudo. Desse modo, em campo, outros questionamentos foram por mim suscitados e, em seguida, transformados em proposta de trabalho.

Como o objeto já me parecia familiar e já havia estabelecido laços de amizade com alguns moradores, seria necessário “desnaturalizar” algumas categorias como comportamentos, gestos e olhares e estar atenta ao que parecia mais irrelevante, pois estranhar o que parece familiar⁴, permite que a riqueza dos detalhes venha à tona. Nessa perspectiva, é importante destacar que o pesquisador

¹ Divisa do Estado do Ceará com o Rio Grande do Norte. (Ver Mapas em anexo).

² A FAFIDAM é uma unidade da Universidade Estadual do Ceará – UECE em Limoeiro do Norte.

³ Sobre a origem do Santuário de Nossa Senhora da Saúde, falarei mais adiante.

⁴ Sobre o exercício de transformar o familiar em exótico e o exótico em familiar, ver Da Matta (1981).

deve estar atento, sendo capaz de constantemente provocar e ser provocado em campo. E que não se pode perder de vista a questão do *distanciamento na proximidade*, aspecto fundamental na relação pesquisador-pesquisado.

Entendo que essa relação só se estabelece através da proximidade com os atores sociais do grupo estudado. É preciso então “viver de perto”, embora, o pesquisador deva manter-se “distante” o suficiente para que possa, de fato, constatar a diferença ou não entre o que é falado e o que é observado.

A análise de determinado objeto de estudo nasce de uma constatação; neste caso, a de que o distrito de Olho d'Água Bica se tornou um centro de peregrinação religiosa por atrair pessoas com interesses diversos. Ancorada na perspectiva geertziana (1978) de que a comparação permite a especificidade, é que procurarei desenvolver esse trabalho.

Nesse sentido, o caráter complexo da festa religiosa, envolvendo atividades sagradas e profanas, não é uma peculiaridade do santuário por mim estudado, todavia, as histórias que narram a sua fundação, as crenças, as relações nele estabelecidas, os discursos proferidos pelos atores que lá se fazem presentes, os conflitos que emergem a cada ano revelam-se como sendo uma singularidade, haja vista estarem inseridos num contexto específico.

A busca de uma cura, o “agradecimento pela graça alcançada”, o pagamento de promessas, a devoção aos santos e os interesses religiosos emergem e se destacam como a dimensão mais evidente da romaria. Com efeito, é possível observar que a festa religiosa acaba por acomodar diversos fenômenos que transcendem o núcleo do sagrado, pois outras manifestações de caráter cultural, econômico e social proporcionam a configuração de uma grande polifonia, podendo ser assim pensada como um *fenômeno social total*, como sugere Mauss (1974).

Acolhendo aqui o alerta de Steil (1996), importa-me particularmente ressaltar que as práticas religiosas expressas na demonstração de compromisso e dedicação dos fiéis, como a realização de sacrifícios por uma graça alcançada, caracterizam a dimensão mais visível da romaria e das festas de santos padroeiros. No entanto, nessas ocasiões, diz o autor, convergem pessoas com os mais variados interesses, evidenciando uma complexa e intensa dinâmica social.

A festa não se encontra isolada de outras dimensões da vida. A exemplo do que ocorre em muitas festas religiosas, é possível perceber na de Nossa Senhora da Saúde a pluralidade de grupos e diversas formas de inserção no evento,

que sinalizam, sobretudo, para o fato de que a romaria configura-se como uma arena onde se estabelece a coexistência conflituosa de múltiplos discursos e práticas em torno dos sentidos do sagrado.

Grupos diversos, a saber: os moradores, o clero, os romeiros, os vendedores, os agentes religiosos e, ainda, os demais visitantes voltados para outras atividades proporcionadas pela festa, conferem à romaria um caráter polifônico. Assim, a proposta desse estudo consiste em perceber como essas categorias se inserem e se acomodam no espaço da romaria de Nossa Senhora da Saúde, podendo revelar uma complexa rede de relações sociais, políticas, econômicas etc., em torno do sagrado. A escolha dessas categorias se justifica pelo fato de considerar a atuação de cada um desses grupos bastante expressiva durante as festividades. Não obstante, impossível seria dar conta de todas as personagens presentes no referido universo religioso.

Para a elaboração deste estudo, considero importante o exercício sistemático e constante da dúvida, pois ele garante ou pelo menos contribui para o rigor científico da pesquisa. É preciso, pois, restituir o significado e buscar as referências culturais do grupo. É necessário estar atenta às falas dos meus interlocutores, percebendo a sua lógica, a sua inserção no grupo e as relações que estes mantêm dentro e fora dele.

Segundo Houtart (1994), a análise sociológica dos fenômenos religiosos deve considerar a complexidade da realidade social, isto é, de todas as relações e inter-relações grupais. É preciso conhecer os elementos que compõem um sistema religioso a fim de que se possa verificar como se constrói a sociedade e como as representações presidem a construção social por parte do homem como ator e produtor da sociedade. A sociologia da religião, portanto, estuda a religião como um fato social e sob tal perspectiva supõe que ela é um fenômeno cultural e social que faz parte das idealizações que os seres humanos fazem de seu mundo e de si mesmos, referindo-se ao sobrenatural.

Outro aspecto a ser realçado é que o objeto de estudo é exigente e que deve ser pensado à luz das teorias. Entendo que a relação dialógica entre teoria e objeto deve permear todo o trabalho, ou seja, a tessitura teoria-empíria é imprescindível, pois estudar determinado objeto não pode se restringir a uma descrição de fatos. Um fenômeno social deve ser tratado para além das configurações empíricas e para tanto, deve ser pensado a partir de uma teoria que

permita a interrogação sobre a realidade. Com isso não se pode perder de vista que os conceitos não devem ser vistos como dogmas, mas podem ser confrontados e recriados.

Assim sendo, neste trabalho lanço mão das elaborações teóricas de Durkheim sobre as representações religiosas e sociais a fim de compreender o referido universo religioso. Um enfoque especial também é dado à teoria da festa, tal como entendem Roger Callois e Jean Duvignaud, já que este estudo privilegia a de Nossa Senhora da Saúde.

É importante salientar que o objeto é construído pelo olhar do pesquisador e vai ser direcionado de acordo com a sua proposta de trabalho. Apesar do distanciamento que deve ser mantido, o pesquisador é um ser social, que traz consigo suas pré-noções e sua simpatia pelo objeto estudado. Tudo que faz parte do mundo social é construído socialmente, pois nada é natural, o problema social também é uma construção, uma vez que é reconhecido e legitimado pela sociedade. Sendo assim, um mesmo objeto pode ter uma abordagem diferente, o viés é dado pelo pesquisador.

Acima, mencionei ser imprescindível a relação teoria-empíria. A ela deve ser acrescido um outro elemento – o método. Cumpre lembrar que teoria e método têm uma relação intrínseca; o método é, pois, responsável pela movimentação da teoria dentro do universo estudado e jamais pode ser resumido a uma relação de técnicas. Então, os conceitos e os fenômenos caminham lado a lado, devendo manter uma relação estreita e coerente.

O método é a via que permite o acesso ao fenômeno que se deseja investigar, é o percurso de investigação escolhido pelo pesquisador entre tantos outros possíveis, implica em estratégia, direção, iniciativa e discernimento na elaboração da pesquisa. Ele regenera a teoria, colocando-a em confronto com o real. A teoria, o objeto e o método juntos têm vida. Desse modo, passei a compreender a relevância do tripé teoria-objeto-método, já que dificilmente teriam êxito se caminhassem sozinhos.

O percurso metodológico por mim trilhado, é a observação participante através da qual procuro atentar para detalhes, aparentemente insignificantes, propondo fazer uma descrição densa como sugere Geertz (1978). O diário de campo é meu grande aliado, pois é nele que descrevo o que observo e expresso

minhas dúvidas e impasses. Faço uso também das fontes iconográficas que revelam detalhes preciosos muitas vezes não observados durante o convívio com o grupo.

Privilegio a análise qualitativa de dados, por entender que as narrações, em forma de entrevistas, vêm abrir um leque de possibilidades muitas vezes despercebidas em questionários, por exemplo. As entrevistas ou mesmo as conversas informais versam sobre os mais variados assuntos, representando o suporte empírico do meu trabalho, e foram realizadas na localidade no decorrer dos últimos quatro anos⁵. A origem do santuário, a festa de “hoje” e a de “ontem”, histórias contadas por moradores, peregrinos, vendedores emergem em nossos diálogos.

É bem verdade que algumas entrevistas são mais complicadas, principalmente quando se trata de um contato primeiro, sobretudo aquelas realizadas durante a Festa de Nossa Senhora da Saúde, já que a grande maioria dos romeiros andava em grupos e por isso não podia ou não queria se dispersar dos companheiros. Outros, porém, narraram entusiasmados histórias de suas vidas. No patamar da igreja, sentados nos bancos da praça ou próximos à fonte, lembraram as vezes que estiveram no santuário, os momentos difíceis pelos quais passaram devido à doença que os acometera, mas também mencionaram a alegria de poder estar lá agradecendo a cura tão desejada. Para conversar com os comerciantes, especialmente os que vêm de outras cidades, aproveitava o momento em que não estivessem atendendo os clientes; normalmente isso ocorria à tarde ou no início da noite, quando ainda não havia tanta movimentação nas barracas. Com a comissão organizadora, o clero, e com os moradores conversei informalmente durante as festividades.

Com efeito, considero importante a relação que o pesquisador mantém no campo. Procuro não tratar os atores sociais com os quais mantive contato como meros informantes, muito embora tenha a certeza de que nesse contexto assumimos papéis diferentes.

Busco estar atenta aos detalhes, ao dito e também ao não dito, àquilo que nem sempre se expressa de forma evidente e verbalizada. E dessa forma, deixo narrar o romeiro que alcançou uma graça e veio cumprir sua promessa a Nossa Senhora da Saúde. Deixo falar aquele vendedor que vive de romaria em romaria

⁵ Alguns dados apresentados neste trabalho foram coletados durante a pesquisa para a elaboração da monografia de graduação.

vendendo seus artigos, o clero local, os moradores, os visitantes, enfim, aqueles atores que lá estão compondo o universo polifônico da romaria, possível de se compreender, em meu entender, somente através da prática etnográfica.

Trato no 1º capítulo sobre a sacralidade no meio rural abordando a fundação de santuários nesse espaço, cujo enfoque notadamente é dado ao de Nossa Senhora da Saúde, no distrito de Olho d'Água da Bica, objeto desse estudo. Para tanto, entendo ser pertinente mencionar suas singularidades a partir da tradição oral que por lá circula, apontando como este se formou e como se tornou então um dos centros de peregrinação religiosa mais importantes do Ceará, haja vista atrair pessoas não só dos mais diversos municípios do Estado, mas inclusive de outros, durante os dias de festejos da padroeira.

Isso me conduz a discutir, no 2º capítulo, a festa como sendo uma celebração religiosa, na qual participam atores sociais diversos, mencionados há pouco, cujos interesses revelam-se por demais distintos, sobretudo porque escapam à esfera do sagrado. A festa é um elemento importante para o fenômeno religioso, pois representa o ponto culminante para a “coletividade” que a celebra. Aqui procurei demonstrar os interesses de cada uma dessas categorias, referindo-me aos motivos que as levaram ao Olho d'Água da Bica e como se configura essa rede de relações sociais que se estabelece no espaço da romaria.

No 3º capítulo dedico-me às representações simbólicas no santuário, detendo-me aos tipos de crenças e cultos que lá ocorrem. Destaco também a religião como um sistema cultural, bem como a utilização dos símbolos sagrados, seus rituais e seus cânticos que compõem o sistema de significações na festa da Senhora da Saúde.

Dessa forma é que tencionarei analisar a polifonia da festa, estabelecendo com tais subsídios, um diálogo entre as narrativas dos atores sociais que dela participaram, entre as leituras que fiz e a experiência vivida no campo.

CAPÍTULO I – O SAGRADO NO MEIO RURAL

1.1. O Olho d'Água da Bica

Tabuleiro do Norte, cidade do interior cearense, localiza-se na região do Baixo Jaguaribe, e apresenta-se dividida em três distritos: a Sede, o de Peixe Gordo e o de Olho d'Água da Bica⁶. Este último, conforme já assinala, é conhecido devido à Festa de Nossa Senhora da Saúde, cuja popularidade vem crescendo a cada ano, sendo hoje considerada uma das mais significativas romarias do Ceará⁷.

Através do Decreto n.º 488 de 20 de dezembro de 1938⁸, a vila tornou-se distrito; e de acordo com o censo demográfico realizado em 2000, pelo IBGE, conta com 4.949 moradores⁹.

As vias de acesso da Sede ao distrito são estradas carroçáveis, as quais ficam inviabilizadas para o tráfego durante o período chuvoso. Antes de se chegar à vila, localiza-se o cemitério. Ao lado direito, na rua principal, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Vidal Malveira. Mais adiante, à direita, encontra-se a Creche D. Francisca que atende às crianças carentes. Na rua principal, a Escola Municipal Erundina Nunes Malveira. Em seguida, a praça, onde está localizado o Cruzeiro, e mais acima, a Igreja Católica. Ao redor da praça concentra-se, basicamente, todo o comércio local: o mercado de carnes, sorveterias, “mercantis”, mercearias, lojas, restaurantes e, principalmente, um considerável

⁶ Fazem parte do distrito de Olho d'Água da Bica as seguintes localidades: São Bento, Lagoa Grande, Patos dos Carriás, Barra do Feijão, Jaçaná, Sítio Morada Nova, Alto do Mendes, Caraúbas, Lajedo de Sousa, Oiticica, Arueira do Estirão, Juazeiro dos Buracos, Palestina, Lajeirinho e Sítio Biá.

⁷ Segundo publicação do Jornal Diário do Nordeste de 15 de Agosto de 2002, a romaria ao santuário de Nossa Senhora da Saúde é vista, sob o aspecto da popularidade, como o terceiro pólo religioso do Ceará, perdendo apenas para as festas religiosas de Canindé e Juazeiro do Norte.

⁸ Arquivos da Prefeitura Municipal de Tabuleiro do Norte – Ceará: Leis Municipais e Decretos.

⁹ No censo populacional realizado em 1996, o número de moradores do distrito era de 5.949, apresentando, portanto, uma diferença de 1000 habitantes em relação ao censo atual. A justificativa para tal diferença é que o IBGE contava com as localidades de Lagoa Grande, Laje do Meio, Sítio Alegre, Sítio Baixa de Minas, Sítio Baixa do Neco, Sítio Baixa dos Cabras, Sítio Belém, Sítio Campos Novos, Sítio Campos Velhos, Sítio Campos Velhos dos Rosendos, Sítio Ceará do Portinho, Sítio Cobiçado, Sítio Ema, Sítio Groelândia, Sítio Juazeiro Francisco Barros, Sítio Lagoa Comprida da Matilde, Sítio Lagoa da Madeira, Sítio Saco do Bode, Sítio Sussuarana e Sítio Torrões, como fazendo parte do Município de Tabuleiro do Norte. Essas localidades constituem-se em áreas de litígio entre o referido Município e o Município de Alto Santo – Ce, sendo que, no último censo demográfico, foram recenseadas para Alto Santo, Município a que legalmente pertencem.

número de bares espalhados não só pela praça, mas por toda a vila, visto que, durante a Festa de Nossa Senhora da Saúde, o movimento nos bares e no comércio aumenta consideravelmente. Ao lado da Igreja, encontra-se o Posto Médico, que atende através do Programa Saúde da Família – PSF e, do outro lado, a Casa Paroquial e a Casa dos Milagres¹⁰. O santuário não dispõe, como se pode observar em outros centros de romaria, de uma loja própria, onde fosse possível encontrar artigos religiosos. As missas só são celebradas uma vez por mês, precisamente no terceiro domingo, causando por isso a insatisfação de alguns devotos que visitam o local no decorrer do ano.



Fig. 1 – Vista parcial do distrito, 11/09/2003.

Foto: Oliveira Filho.

Por trás da Igreja, encontra-se o Salão dos Romeiros e ao lado, os banheiros que são utilizados não só por estes, mas também pelos vendedores de

¹⁰ Lugar onde os peregrinos colocam os ex-votos. A esse respeito me deterei mais adiante.

outras cidades que chegam à vila durante as festividades. À direita, o templo pentecostal da Assembléia de Deus; ao lado, o salão de festas de Seu Adalberto, aliás, o mais solicitado pelos visitantes nesse período. Mais à frente o Cruzeiro antigo, o bebedouro, e por fim, em direção à serra, chega-se à fonte, de onde corre a água, dita por muitos como milagrosa e que também serve para abastecer o lugar, juntamente com um poço profundo cavado nas proximidades da vila.

Atualmente, quase todas as casas são de alvenaria, apenas uma ou outra de taipa. A maior parte dos moradores possui eletrodomésticos e alguns possuem, inclusive, antena parabólica. Na maioria, os fogões são a gás, mas ainda é possível encontrar fogões a lenha. Os meios de transporte variam entre bicicletas, motocicletas, jipes e algumas carroças. Mas a maioria dos moradores não possui transporte e para que possam ir à Sede, fazem uso de um ônibus que diariamente os conduzem à cidade. Algumas residências já possuem telefone, o que parece, para eles, ser a única justificativa para a decisão da Administração Municipal de acabar com os serviços do posto telefônico.

O que dá sustentação econômica à população do lugar é, sobretudo, o comércio, a agricultura e a pecuária. O distrito conta com várias localidades que contribuem para o desenvolvimento daquela região, além da sua riqueza nos aspectos hídricos, já que em toda área territorial existem poços profundos com água de boa qualidade. A produção no campo se efetua através de plantações de médio porte de feijão, milho e castanha, sendo em alguns casos, apenas para a subsistência, já que os agricultores enfrentam dificuldades como períodos de estiagens e a falta de recursos financeiros que representam problemas constantes.

É uma região produtiva na pecuária, na agricultura não totalmente; só em alguns casos, como o feijão, o milho, a castanha e o algodão. Existem muitos poços profundos com água suficiente para o desenvolvimento de uma irrigação local, se houvesse incentivo por parte dos governantes, pois a água só é utilizada para consumo e para abastecer os animais. Se houvesse esse incentivo, geraria novas rendas para o distrito (Ronaldo Guimarães, professor, 05.01.2000).

Seu Gerardo Malveira, ex-prefeito da cidade de Tabuleiro do Norte, residiu durante muito tempo no Olho d'Água. Lá, se tornou estimado pelos

moradores, tendo trabalhado com a finalidade de ver o distrito passar à categoria de cidade. Embora não mais morando no local, é sempre mencionado por todos aqueles que contam algo sobre a Bica. A respeito da vida econômica do lugar, ele diz que:

A região de todo o distrito de Olho D' Água da Bica tem sua economia sustentada no campo, compreendendo criação de gado bovino, de caprinos e ovinos. Isto desde seu descobrimento, e tem se aperfeiçoado bastante, mesmo chicoteado por intempéries da própria natureza, provocando secas rotineiras. Aquela região jamais pára de crescer... Na sua sede distrital existe o comércio a varejo, mas, quem predomina é a produção no campo; é o maior território produtor de leite, de gado de corte, de feijão, milho e algodão. Na localidade de Campos Velhos, está localizada a maior bacia leiteira do Baixo Jaguaribe, destacando-se como fontes de produção para nossa economia (Gerardo Nunes Malveira, liderança política, 22.05.1999).

Já para Seu Zé de Olira, agricultor que não dispõe de tantos recursos financeiros, a vida na Bica não oferece oportunidade de trabalho para seus moradores, o que causa a ociosidade principalmente entre os jovens. Ademais, segundo ele, no verão procura-se outros meios para complementar o orçamento doméstico, como a comercialização de lenha.

Além da agricultura, as pessoas tiram lenha no mato, depois de setembro/outubro, para vender. A vida aqui tá muito difícil. Não tem emprego, não tem fábrica, não tem rio, pois tudo isso facilita a vida. (Zé de Olira, 20.04.1999).

Entretanto, apesar das dificuldades apontadas, e de pontos de vista diferenciados no que se refere à economia do lugar, é sabido por todos os seus moradores que o Olho d'Água da Bica cresceu e progrediu porque nele se estabeleceu um centro de peregrinação religiosa, que há muitos anos vem atraindo fiéis de vários lugares, de modo que se destaca fortemente pela fé e adoração à santa, o que demonstra que o desenvolvimento do lugar está associado à Festa de Nossa Senhora da Saúde.

1.2. O olho d'água de Nossa Senhora da Saúde: a origem sagrada da Vila

Um sonho revelador no final do século XIX deu origem a um santuário localizado no sopé da Chapada do Apodi. Nas histórias narradas acerca dessa origem, o Padre Joaquim de Menezes aparece como o mito fundante do santuário. Essa afirmação é amplamente conhecida entre as pessoas do lugar. A esse respeito, o Sr. Raimundo Lúcio, morador da vila, contou que o Padre Joaquim de Menezes, de Aracati¹¹, havia sonhado com Nossa Senhora da Saúde, pedindo-lhe que construísse uma capela para colocar sua imagem, revelando o local onde o padre deveria construir a igreja. A partir daí ele saiu à procura do lugar¹².

Sonhou com um canto, numa fonte d'água pra ele fazer. Tinha um alvoredo para ele derrubar e fazer a igreja naquele cantinho. Ganhou essas serra, onde sabia que tinha olho d'água ele ia. Serra do Pereiro, essas serra que tinha aí em roda, ele bateu tudinho (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).

Entre os moradores fala-se inclusive que o Padre Joaquim de Menezes foi à serra do Baturité¹³, e mais uma vez não encontrou o lugar revelado no sonho. Após inúmeras tentativas sem êxito, ele teria desistido. Porém, mais tarde tornou a sonhar. Dessa vez, com características mais precisas sobre a serra, o que possibilitou que a mesma fosse identificada. Ao chegar ao Olho d'Água da Bica, no sopé da serra, perto de um pé de feijão bravo, o padre teria finalmente encontrado:

¹¹ Aracati está localizada na região do Baixo Jaguaribe, entre os municípios de Jaguaruana, Itaiçaba, Palhano e Icapuí, distando 159 km de Fortaleza, capital do Estado do Ceará.

¹² As estórias narradas em torno das origens dos santuários sempre tratam da revelação de um lugar sagrado, isto é, de um sinal, seja em forma de sonho ou mesmo por indicação de animais. No santuário do Bom Jesus da Lapa, fala-se de um vaqueiro que teria encontrado a imagem do Bom Jesus diante de um animal que após ter se distanciado do seu rebanho, indicou-lhe o local sagrado que daria origem ao santuário. Outra figura presente nessas estórias é a do padre. Nesse sentido, Stiel (1996) afirma que “o padre é uma constante nas estórias sobre origem dos santuários católicos... a figura dos pastores é central sendo metaforicamente associada na tradição católica aos padres”.

¹³ Localiza-se entre os municípios de Baturité, Guaramiranga e Palmácia, distante 106 km de Fortaleza-Ceará.

O lugar é esse, o pau é esse. Ele subiu lá no olho d'água, visitou tudo, que quando saiu ele já deixou tudo arrancado. Chamou o povo, tinha bem pouquinha gente nesse tempo, aí fez a igreja (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).

Nunes Malveira (1986), ao abordar esse assunto, diz que eram poucos os moradores, porém o desejo de construir a capela fez com que os obstáculos fossem vencidos. De uma forma ou de outra, todos ajudaram; alguns na construção, outros no carregamento de material.

A construção contou com o apoio dos moradores¹⁴ que, apesar de poucos, ajudaram nos alicerces, no carregamento de pedras etc. [...] A imagem e o sino vieram de Portugal, em 1882, doação do Coronel Antônio Joaquim Ferreira Maia; o sino custou 120 mil réis, e a imagem a importância de 90 mil réis; para a época eram quantias avultadas; não era qualquer pessoa que podia dispor desse dinheiro (Nunes Malveira, pp. 22/4).

Mas um dos moradores relatou que os duzentos e dez mil réis para a compra do sino e da imagem, talvez tenham sido adquiridos através da ajuda das pessoas, não fazendo menção ao coronel citado anteriormente.

A Santa sabe quanto foi? 90 mirréis, lá em Portugal. E sabe quanto foi o sino? 120 mirréis, os dois foi 210 mirréis, tudo. Não sei quem arranjou o dinheiro para o Padre comprar o sino e a santa não, mas na minha mente, foi pedindo ajuda ao povo pra comprar a imagem e o sino. Sei que ele comprou em Portugal (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).

A construção da igreja data mais precisamente de 1881, sendo que somente em 31 de maio de 1882, houve a primeira celebração, na qual o sino foi

¹⁴ Consta dos arquivos da Diocese de Limoeiro do Norte – Ceará, o nome de três moradores que teriam auxiliado na construção da capela: Izaías Rebouças, Manoel Pinheiro e João Rebouças (Nunes Malveira, 1986, p. 22).

bento. A imagem de Nossa Senhora chegou à vila da Bica, conduzida em procissão desde Limoeiro do Norte - Ceará, distando 36 km. E como a viagem era desgastante, os peregrinos pararam para descansar; hoje o local da parada é conhecido por Rancho de Nossa Senhora, devido a este fato.

Foi veio de lá [Portugal] e quando chegou em Limoeiro, trouxeram num andorzinho a Santa. Aí de lá pra cá, você sabe que tem o Rancho de Nossa Senhora ali, pra cá de Tabuleiro, onde era o finado Vicente Moreira, ali foi um rancho da Santa, aí botaram o nome Rancho de Nossa Senhora e ainda hoje chamam. Se arranchou lá, daqui tinha pouquinha gente, mas foram encontrar com ela aí vieram (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).

Por duas vezes a igreja foi destruída. Primeiramente, em 1889, devido a um forte inverno. Foram trinta dias ininterruptos de chuva e o terreno era cedido, sujeito a erosões freqüentes, pois se localizava no sopé da serra de onde fluía a água da fonte que corroía o solo, possibilitando com facilidade o seu desmoronamento. Em 1903, os moradores se reuniram para reconstruí-la. Alguns anos depois, em 1917, a igreja desabou novamente, porque o terreno realmente não era propício para suportar o peso do prédio (Nunes Malveira, 1986). Esse episódio também é muito conhecido e divulgado entre os moradores do lugar.

Quando foi em 1917, houve um inverno meio pesado e a igrejinha quis cair, aí tiraram a imagem, butaram lá numa casa, e fizeram essa igreja aí (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).

Portanto, a solução seria mudá-la para um outro local, que fosse seguro e definitivo. Assim sendo, em 1924, foi construída no atual local a nova igreja, que na época tinha como pároco o Padre Acelino Viana Arraes; desde então, conforme assinalei anteriormente, vem no decorrer de todos esses anos atraindo pessoas de vários lugares e das mais diversas camadas sociais.

Ainda segundo Malveira (1986), o Padre Joaquim de Menezes mandou construir, no mesmo ano em que foi celebrada a primeira missa, ou seja, 1882, um cruzeiro de pedras trabalhadas. Quando este estava concluído, o padre benzeu-o e

dirigiu-se aos fiéis pedindo que o mantivessem sempre vivo, pois esse monumento religioso, que era um complemento da igreja, não permitiria que a vila fosse atingida por epidemias.

Apesar da construção da Igreja ser de 1881, só em 31 de maio de 1882 foi celebrada a primeira missa. E nesse dia foi bento o sino. Naquele mesmo ano, em 1882, foi construído o cruzeiro, todo de pedras, artisticamente trabalhadas [...] Quando o cruzeiro estava concluído o Padre Joaquim de Menezes, seu idealizador, benzeu-o e pediu ao povo que mantivesse sempre vivo aquele monumento religioso, parte integrante da igreja, pois, enquanto ele existisse a vila jamais seria atacada por epidemia (*Op. cit.*, pp. 22/3).

Nos anos seguintes, precisamente em 1909, na localidade do São Bento, que é lugarejo vizinho à vila, a bexiga se alastrou, porém na vila não foi registrado nenhum caso. Da mesma forma, já no final da década de 30, a malária atingiu fatalmente grande número de pessoas em Limoeiro do Norte - Ceará e cidades próximas¹⁵. E por mais impressionante que possa parecer, a população da vila não foi atingida, o que serviu para reforçar a crença das pessoas na profecia do padre.

Ele fez o cruzeiro na frente da igreja e disse: “Ói, vocês olhem esse cruzeiro, que enquanto existir esse cruzeiro aqui, aqui não dá epidemia”. Que de primeiro dava epidemia. Anoitecia bom e amanhecia morto. E aqui nunca dá epidemia, aqui mesmo não deu. Aqui mesmo nunca morreu. Mas ali nos Pato dos Caria morreu, ali nos Currais morreu, mas aqui nunca morreu. Isso se acabou pelos milagre de Deus. Essa epidemia era uma coisa medonha (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).

Em 1882, o Pe. Joaquim de Menezes ergueu em frente a Capela um Santo Cruzeiro [...] E aproveitando a celebração da Santa Missa [...] Abençoou com água pura o histórico cruzeiro e disse com viva fé para os fiéis que ali estavam, que enquanto aquele cruzeiro permanecesse ali, nenhuma epidemia contagiaria as famílias de Olho D' Água da Bica, e isto ficou constatado em 1939, quando uma febre devastadora eliminou diversas vidas por toda a região do Baixo

¹⁵ Sobre a epidemia da malária no Vale Jaguaribe, ver artigo de José Olivenor Chaves. *Narrando a arte de lembrar e lembrando na arte de narrar*. Propostas Alternativas – Memórias e Patrimônio Cultural do Ceará. Nº 08, Instituto da memória do Povo Cearense - IMOPEC, 2001.

Jaguaribe, com maior intensidade em Russas, Limoeiro do Norte, Alto Santo, Quixeré, Tabuleiro e São João do Jaguaribe e outros. No Olho D' Água da Bica, ninguém foi afetado pela moléstia, graças ao milagre do Santo Cruzeiro, erguido e abençoado em frente à igreja (Gerardo Nunes Malveira, 22.05.1999).

Com relação ao Cruzeiro antigo, os moradores da vila consideravam-no como abençoado e, portanto, possível de proteger o lugar de todo e qualquer mal. Mas, no ano de 1974, o Cruzeiro foi destruído com o intuito de aumentarem o açude e de construírem o bebedouro.

Acredita-se que como consequência da destruição do Cruzeiro antigo, algumas pessoas adoeceram. Esse acontecimento, de certo modo, não representou surpresa nenhuma para os moradores, já que a profecia do padre era explícita, alertando que o Cruzeiro deveria ser zelado, isto é, conservado na sua forma primeira, para que nada de mal atingisse a vila. Deve-se ressaltar que, em 1978, eles resolveram reconstruí-lo em outro local, sendo este o atual Cruzeiro.

De acordo com Eliade (1996), os espaços revelam-se para o homem religioso, cheios de significações e formas, pois são qualitativamente diferentes. Devido a sua não homogeneidade, estes apresentam quebras, que possibilitam dessa maneira serem percebidos como fortes, tornando-se diferente dos demais. Nesse sentido, as igrejas e os santuários das sociedades modernas podem ser considerados como algo que provoca a quebra da homogeneidade espacial, isto é, a via de acesso que permite a comunicação com os deuses, com o transcendente, saindo dessa forma de um modo de vida mundano para um outro, o da sacralização.

Eliade (1996) esclarece ainda que, por apresentar-se qualitativamente diferente, todo Espaço Sagrado pressupõe uma hierofania, visto que ela pode ser pensada como uma maneira de manifestação do sagrado, “expressa em símbolos, mitos, seres sobrenaturais”, pois o homem é capaz de discernir as coisas sagradas das coisas profanas, já que são mundos completamente opostos. Além disso, as hierofanias estabelecem um ponto fixo e proporcionam um Cosmos organizado. O espaço sagrado não pode ser escolhido livremente pelos homens. A sacralidade de um espaço pode ser revelada através de um ser transcendental e mesmo de alguns animais, o que mostra que os homens não têm permissão para escolher livremente o terreno sagrado. Eles apenas o procuram e o descobrem com a ajuda de sinais misteriosos.

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer não só há uma rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente [...] Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente (Eliade, 1996, pp. 26/30).



Fig. 2 – Atual Cruzeiro, 08/2000.

Foto: Débora Maia.

Então diversas formas podem expressar, para o homem religioso, a revelação de um lugar sagrado. Nesse sentido as hierofanias anulam a homogeneidade do espaço, revelando um ponto fixo e possibilitando a ordem cósmica. Essa questão nos permite pensar na sacralidade da fonte do Olho d'Água da Bica.

1.3. A fonte milagrosa

Não seria demais lembrar, como observa Chevalier e Greebrant (1999) a respeito do simbolismo aquático, que é possível afirmar que as águas têm significações diversas e toda a sua simbologia pode universalmente restringir-se a três funções fundamentais: fonte de vida, centro de regenerescência e meio de purificação e cura.

Assim sendo, convém ressaltar que o referencial de toda a vida religiosa da vila é, sobretudo, a fonte, uma vez que é a água que dela corre, ao ser utilizada como remédio, a responsável pela cura das pessoas enfermas, segundo os fiéis. É muito comum vê-los pagando promessa, bebendo da água do manancial, tomando banho, bem como a levando consigo para suas casas.

Quando chega os romeiro, vão tudo pro olho d'água tomar banho, olhar o olho d'água. Aí sobe e vão bater lá em cima. É tanta oitícica, onde sai o olho da água (D. Olira, 10.04.1999).

Eu e mais duas sobrinhas viemos pagar promessa e tomar banho no Olho d' água de Nossa Senhora da Saúde (Raimundo Nonato – romeiro de Ocara-Ce., 14.08.1999).

E ainda:

Cansei de ver gente vindo de longe fazer promessa pra tomar banho aqui. [...] Aí veio uma moça leprenta, porque ouviu dizer que a água era milagrosa. Aí tomou o banho, e fez a promessa com a Santa pra que, se ficasse boa vinha fazer uma visita e veio, passou a semana aqui. Só tomando banho, limpa, limpa, não tinha quem dissesse que ela tinha aquelas perebas. “Curada” – ela disse – “só com o banho que eu tomei aqui e com o litro d’água que eu levei. Me molhei com ele. Fiquei boazinha. Graças a Deus!” (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).



Fig. 3 – Romeiros pegando água da Fonte, 08/1999.

Foto: Débora Maia.

Eliade (1996), em sua reflexão concernente ao fenômeno religioso, refere-se à água como um “elemento poderoso”, cuja significação simbólica é sempre de abolir as formas, lavar, regenerar e purificar os pecados em qualquer grupo religioso. Assim, afirma o autor que em toda análise acerca da simbologia da água, é imprescindível mencionar e considerar sua função purificadora, em especial no caso das fontes em que ocorrem rituais de purificação e cura, pois segundo ele, inúmeras fontes com função medicamentosa existem em todo o mundo, sendo

demasiadamente procuradas por pessoas que buscam a cura para suas enfermidades, haja vista ser essa prática constantemente alimentada pelo catolicismo popular.

Vim tomar banho no Olho D' água de Nossa Senhora da saúde, depois vou assistir a missa e dá esmola. Fiz a promessa porque eu tava com uma micose e me apeguei com Nossa Senhora da Saúde e fiquei boa (Ana Teófilo – romeira de Fortaleza-Ce., 14.08.1999).

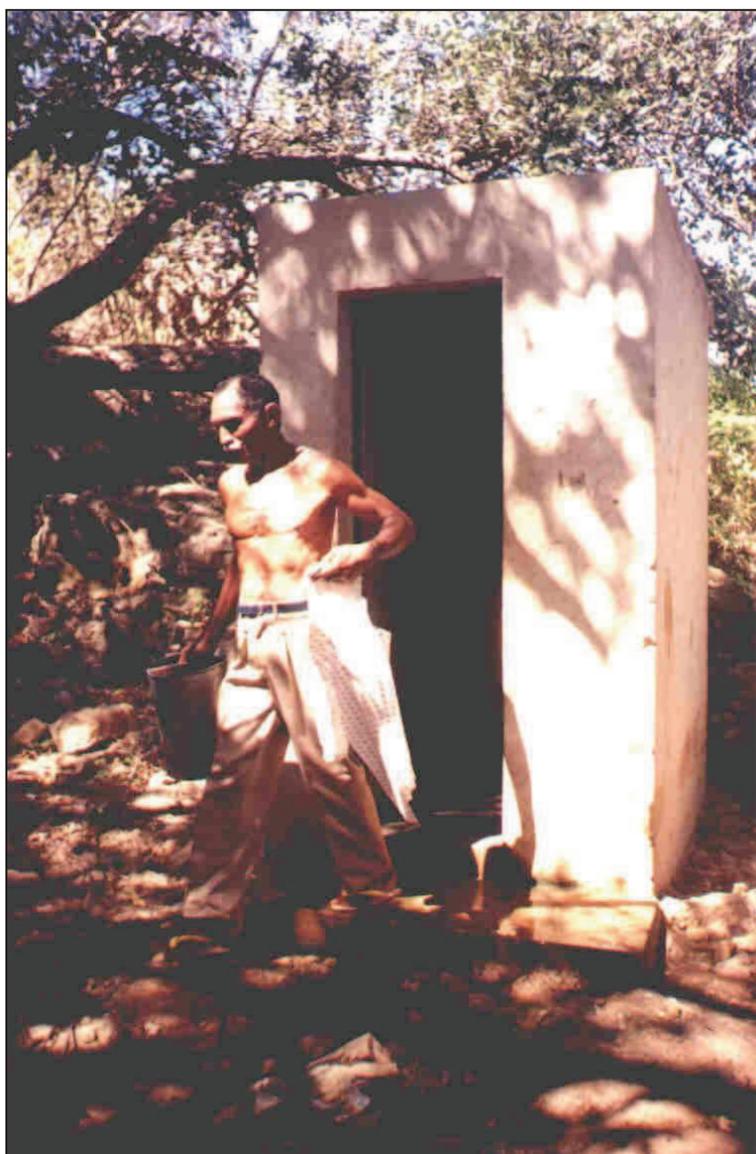


Fig. 4 – Romeiro banhando-se com a água do manancial, 08/2001.

Foto: Débora Maia.

É oportuno salientar, ainda, que além da crença nas profecias do padre e no poder curativo da água, fala-se da presença de uma rã ou jia, alojada na nascente há muitos anos, que faz com que a água da fonte nunca deixe de correr. Cascudo (1971) esclarece, que a crença na existência de seres sobrenaturais, que atuam como protetores de locais considerados sagrados, como é o caso de fontes milagrosas, é comum em diversas localidades do Nordeste brasileiro. Entre os meus entrevistados não há dúvidas sobre a existência de uma jia alojada no manancial de Olho d'Água da Bica:

Já faz 12 anos que venho aqui. Antigamente o banho era lá embaixo. Antigamente tinha uma jia desse tamanho ali. Ela morava ali... era um buraco só e botava o olho de fora. Ali era um olho d'água permanente. De inverno a verão era a mesma coisa (Raimundo Soares – romeiro de Palhano-Ce., 14.08.1999).

O pessoal diz que tem uma jia e se ela morrer ou matarem, diz que seca. Realmente nunca secou (Maria Bernadete Tavares, 07.05.2000).

O povo vem tomar banho aqui porque aqui tem uma lenda. O povo vem fazer promessa e quando é perto da festa da Santa, vem tudo tomar banho aqui. Os mais velho conta que aqui tem uma jia, mas que nunca viram ela não, porque ela é encantada, mas falam que tem (Jeane da Silva Santos – 15 anos, 07.05.2000).

É corrente nos relatos dos moradores antigos da vila que a fonte nunca secou, muito embora a região tenha sido, por vários anos, alvo de longos períodos de estiagens, como em 1877¹⁶. Este acontecimento é visto pelos moradores como um milagre de Deus e de Nossa Senhora da Saúde, já que de fato, segundo eles, a água nunca deixou de correr.

¹⁶ Segundo Raimundo Girão, em *História Econômica do Ceará*, os anos de 1877-78, 1888-89, 1900, 1901, 1902, 1915, 1919 marcaram uma série de grandes estiagens no Estado, provocando a morte de inúmeras pessoas.

Quem é vivo, eu alcancei muita seca medonha, ainda me lembro, nós menina, muita seca medonha, mas que o Olho d'Água de Nossa Senhora da Saúde, nunca secou. Ele fica pouquinho, a aguinha, mas secar, nunca no mundo secou. Dá pra despachar todo mundo. Agora não, que tem água por todo canto, mas tudo era dali, para toda vivente. Dá água pra bicho... pra tudo, mas nunca secou. Nunca faltou água (D. Olira, 10.04.1999).



Fig. 5 – Nascente da Fonte, 08/2000.

Foto: Débora Maia.

De acordo com Moisés do Espírito Santo (1990), em seu estudo sobre o catolicismo tal como é praticado em Portugal, o elemento aquático integra qualquer cerimônia religiosa, seja ela popular ou oficial. O rito que utiliza a água evoca o contato com a mãe e possibilita um novo nascimento ou regeneração. A água que

brotam da terra é considerada sagrada, pois é viva. É comum a existência de nascentes consideradas sagradas, de “águas santas” que brotam da terra e que nunca secam, como constatou em sua pesquisa.

Outro aspecto apontado pelo autor, é que o prestígio se fixa apenas sobre uma fonte, e que sobre todas as outras não recaem atenção especial alguma. Isso é possível observar na região, objeto de minha pesquisa, devido às três nascentes existentes nas localidades de Olho d'Água Bica, dos Currais e de São Bento¹⁷. No entanto, não é feita nenhuma alusão de cunho religioso referindo-se a esses dois últimos mananciais como sagrados. A esse respeito afirma o autor; generalizando:

Por toda a parte se assinala a existência de fontes sagradas, de águas santas vindas das entranhas da terra ou do coração das rochas, e em todos os casos se trata de nascentes perenes. O seu prestígio é justificado pela presença de uma personagem santa ou de um herói mítico... É sempre sobre uma única nascente que o prestígio se fixa, sendo desprezadas todas as outras que lhe ficam próximas (p. 35).

Em Olho d'Água da Bica, Santuário da Senhora da Saúde, a origem é marcada por uma indicação, não por objetos encontrados num determinado local, mas, por uma revelação onírica através da qual foi mostrado o lugar onde a igreja deveria ser construída: uma fonte no sopé da serra. Nascente de água pura, milagrosa e perene, é por isso visita obrigatória dos fiéis; contudo, a fonte milagrosa é também fonte de entretenimento para os moradores da Bica durante a estação chuvosa e desse modo, configura-se a sacralização da natureza num mundo dessacralizado.

De difícil acesso, ao manancial nos dias de festa se dirigem os romeiros, na grande maioria idosos, que além da altura, se deparam com outros obstáculos, os pedregulhos. A propósito, diria que ao me dirigir a nascente sempre encontrava alguém cansado, sentado sobre as pedras, porém disposto a falar sobre o que o levava de fato àquele lugar. No entanto, nem a altura nem o caminho coberto por pedras representaram empecilho algum para aqueles que com muito esforço, com a ajuda dos amigos e entre uma parada e outra, diziam não poder voltar para suas

¹⁷ As localidades de Olho d'Água dos Currais e de São Bento distam três quilômetros do Olho d'Água Bica.

casas sem terem ido ao “Olho d’água de Nossa Senhora da Saúde”, como pode ser percebido nas narrações:

Desde 69 que eu venho aqui em cima, mas hoje eu subi e tô cansada (Maria Irismar de Lima – romeira de Palhano-Ce., 14.08.1999).



Fig. 6 – Caminho de acesso ao manancial, 07/2000.

Foto: Débora Maia.

Aqui já devia ter feito um jeito de melhorar esse caminho, e deveria ter uns guias para ajudar a gente a chegar lá na fonte (Joana de Sousa – romeira de Ocara – Ce., 14.08.2002).

A esse respeito Moisés do Espírito Santo (1990) aponta a dificuldade de acesso do santuário, seja ela arquitetônica ou mítica, como sendo sua característica mais marcante. Isto, segundo ele, permite que o lugar seja freqüentado apenas pelos “puros”.

Callois (1950), baseando-se nas definições durkheimianas do sagrado e do profano, aponta as categorias de puro e de impuro como fazendo parte de todo e qualquer sistema religioso no qual desempenham papel fundamental. Para adquirir a pureza, o homem se submete a um conjunto de *observâncias rituais*, sendo necessário separar a si próprio do mundo do profano, para que possa, sem correr risco algum, penetrar no mundo do sagrado. É preciso abandonar o mundano para que se possa ter acesso ao divino. Desse modo, “os puros” acima mencionados são os devotos que, apesar de todas as dificuldades, desejam entrar em contato com o sagrado, com água que, segundo eles, não jorra de um manancial qualquer, mas sim do de Nossa Senhora. Para tanto, se desligam de suas atividades quotidianas, penetrando nesse mundo sacralizado. Seu estado de pureza permanece enquanto estiver afastado do profano.

Mary Douglas (1976) observa que a pureza e a impureza são categorias *relativas* presentes nos rituais. Seus padrões simbólicos são executados e manifestados publicamente através de regras sociais definidas por crenças de separação e de demarcação, expressas pelo *perigo* de se cruzar fronteiras proibidas entre a esfera do sagrado e a esfera do profano, podendo revelar a ruptura entre o comportamento secular e o religioso.

Essa discussão reporta-me à questão das representações religiosas e sociais sinalizadas por Durkheim (1986)¹⁸. Nesse sentido, é importante salientar a divisão bipartida do mundo em dois domínios: o sagrado e o profano. Estas categorias são o traço distintivo do pensamento religioso, haja vista representarem as duas formas de estar no mundo e, também, a dicotomia de toda religião.

¹⁸ Tal reflexão será retomada no terceiro capítulo.

Sendo assim, coisas, tempos, e espaços são classificados devido a sua não homogeneidade porque ou são sagrados ou são profanos. As coisas revelam-se sagradas pelo valor simbólico que o homem lhes confere. O tempo cíclico, evidenciado pela periodicidade dos ritos e das festas, e o espaço, pelo reconhecimento de lugares sacros. Desse modo, Durkheim (1986) alerta que por coisas sagradas não se entendem apenas os seres chamados de deuses ou espíritos, mas que qualquer objeto pode assim o ser, pois ao homem é dada a capacidade de discernir as coisas sagradas das profanas. Segundo ele, as coisas sagradas são protegidas e isoladas, ao passo que as coisas profanas, devem manter-se à distância.

A divisão do mundo em dois domínios, compreendendo, um tudo que é sagrado, outro tudo que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações entre si e com as coisas profanas. Mas por coisas sagradas, não se devem entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos; um rochedo, uma árvore, uma fonte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada... O círculo dos objetos sagrados não pode pois ser determinado de uma vez por todas; sua extensão é infinitamente variável conforme as religiões. (Durkheim, 1986, p. 68).

Objetos não são, mas tornam-se sagrados. Espaços não são, mas tornam-se sagrados. Os objetos e os lugares passam a ter significados diferentes devido à crença que lhe é aduzida, como no caso da água da fonte para os devotos de Nossa Senhora da Saúde. Trata-se de representações instituídas pela “coletividade” em torno de espaços, de tempos ou de objetos.

Mas as representações coletivas atribuem muitas vezes às coisas às quais se referem propriedades que aí não existem sob nenhuma forma e nenhum grau. Do objeto mais vulgar, podem fazer um ser sagrado e muito forte... Em princípio não existe nenhum que esteja predestinado a isso por sua própria natureza, mas também não existe nenhum que seja refratário a isso. Tudo depende das circunstâncias que fazem com que o sentimento gerador das idéias religiosas se fixe aqui ou ali, sobre esse ponto de preferência àquele

outro o caráter sagrado de que se reveste uma coisa não está implicado... nas suas propriedades intrínsecas: é-lhe acrescentado. O mundo do religioso não é um aspecto particular da natureza empírica, é superposto a ela (Durkheim, 1986 p. 284/5).

O manancial de Olho D' Água da Bica sempre existiu. Porém, o caráter sagrado, hoje muito difundido, deveu-se ao sonho do padre Joaquim que, aliado às suas crenças, passaram a atrair devotos de vários lugares a fim de obterem a cura para suas enfermidades. Construiu-se assim, o Santuário de Nossa Senhora da Saúde, onde fiéis desafiam as suas condições físicas para chegarem à nascente e disputarem a água, que de fato consideram milagrosa. Fiéis que vão em peregrinação, para tão somente estar diante da imagem da santa e cultuá-la.

A fonte tornou-se então um lugar onde ocorrem práticas rituais, e o distrito, centro de peregrinação religiosa. Observa-se, a partir da história narrada acerca do santuário, que o espaço foi socialmente constituído, uma vez que o lugar, até a chegada do padre, era pouco conhecido e não revelava nenhum caráter sagrado para os moradores.

Portanto, a representação de uma figura central, de um herói mítico ou religioso, um sonho revelador, uma fonte perene, cuja água tem poder curativo, a dificuldade natural de acesso ao santuário configuraram apenas alguns entre tantos outros elementos que podem constituir-se de uma ampla interpretação simbólica no contexto em que estão inseridos. É pertinente lembrar que o repertório de histórias narradas em Olho d'Água da Bica faz parte de um contexto oral, comum nos centros de peregrinação religiosa.

1.4. A tradição oral na origem do santuário

Interessa-me aqui o grupo religioso de Olho d'Água da Bica e a maneira pela qual evoca sua memória, relacionando-a com as histórias que fazem parte daquele universo sagrado. É, pois, na perspectiva de que a memória não é um texto físico, mas um mecanismo capaz de trazer a história de um passado ao presente, que se fundamenta este trabalho. Trata-se aqui de histórias narradas por moradores

da localidade e por romeiros que há muitos anos freqüentam o lugar, e dizem respeito à origem do santuário e à força com que este vem crescendo a cada ano devido à crença em Nossa Senhora da Saúde. Sob esse aspecto, a discussão da memória se faz aqui necessária, uma vez que, dela fazendo uso, tentei reconstruir a história desse santuário, cujos testemunhos, como afirma Halbwachs (1990), servem para fortalecer, debilitar ou acrescentar algo a determinado episódio do qual já se tenha um certo conhecimento.

As histórias contadas pelos moradores de Olho d'Água da Bica são quase sempre as mesmas. Falam das mesmas personagens, das mesmas crenças e lendas. É claro que alguns as contam com mais veemência que outros, talvez porque tenham vivido, ainda que crianças, à época em que a localidade passou a ser conhecida como um centro de peregrinação religiosa, e sendo assim, são constantemente apontados pelos demais moradores como exímios contadores de histórias sobre o Santuário de Nossa Senhora da Saúde, como é o caso do Seu Raimundo Lúcio, com quem tive a oportunidade de conversar. Muitos também narram histórias porque "ouviram os outros contar", o que remete à discussão de Halbwachs (1990) ao assinalar que para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas materiais, neste caso, os narradores, não necessariamente tiveram que estar presentes.

Esse leque de histórias aqui suscitadas, através de relatos orais dos moradores e dos romeiros, remete à discussão da memória, uma vez que é através dos depoimentos, das narrações de meus entrevistados que este trabalho é elaborado. É pertinente frisar que a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e que ao reconstruí-la a pessoa se apóia em algumas referências temporais e espaciais, notadamente percebidas nas narrativas dos moradores da Bica.

Parece-me coerente mencionar que ao entrevistar Seu Raimundo Lúcio sobre a fundação do santuário, este se deteve à data, e não lembrando inicialmente, pediu que eu ainda não gravasse. Logo depois, já com a data precisa em mente, passou a narrar a história referindo-se à grande seca de 1877 que assolou o Ceará, para falar da fonte que nunca seca, e, reportando-se à idade de seus irmãos, para precisar a data de construção da igreja.

Desse modo, não poderia deixar de retomar Halbwachs (1990), que considera o tempo como referência importante para a reconstrução da lembrança.

Com relação à data, diz que muitas vezes esta pode não ser lembrada exatamente, mas que há um quadro de dados temporais aos quais essa lembrança está relacionada. Foi o que aconteceu com Seu Raimundo Lúcio.

Com relação ao espaço ocorre o mesmo. Para que o acontecimento seja evocado é preciso que o lugar tenha sido imaginado, visto ou mesmo que se saiba da sua existência. A sacralização da fonte é um exemplo bastante difundido entre moradores e aqueles que visitam o santuário. Observa-se também que, nessas histórias, contam-se casos pessoais e de uma coletividade, pois em todo ato de memória existe um elemento específico que é a existência de uma consciência individual.

O material por mim colhido no Santuário diz respeito ao repertório de histórias da tradição oral que por lá circula. Trata-se da memória, bem como das narrativas orais que condizem a tempos e espaços de uma “coletividade”. E, nesse sentido, a interação, ou por assim dizer, a passagem de um texto oral a um escrito é inevitável. Refiro-me a um processo de textualização do material coletado que permite a transcrição do que é oral para apresentar-se de forma escrita.

Pordeus (2000) remete a uma oralidade no contexto luso-afro-americano, transposta para a escrita, de memórias transmitidas oralmente, de geração em geração, de um exercício mnemônico imenso, cuja transmissão se dá por parte das mães e pais de santo aos seus filhos, a fim de garantir e proteger o saber de qualquer sacrilégio. Diz-nos ainda do poder que a palavra exerce sobre as coisas. Que ao ser enunciado, o pensamento torna-se realidade, podendo assim ser textualizado.

Para Halbwachs (1990), o indivíduo participa de dois tipos de memória: a individual e a coletiva. Todavia, é importante não esquecer que ambas devem estar restritas a um tempo e a um espaço e que exprimem fonte de conhecimento. A memória, seja ela individual ou coletiva, não deve trazer consigo apenas depoimentos, é necessário, sobretudo, que se mantenham os pontos de contato entre uma e outra, pois assim a lembrança poderá ser reconstruída e reconhecida dentro da mesma sociedade.

A memória social ou coletiva não é capaz de explicar todas as nossas lembranças, embora exerça uma influência sobre nossos sentimentos. A memória de um grupo consiste nas lembranças dos acontecimentos e das experiências de vida que dizem respeito ao maior número de seus membros. Ainda segundo Halbwachs

(1990), ela envolve as memórias individuais, isto é, encontra suporte no conjunto humano, porém estas não se confundem. Cada memória individual apresenta-se pois como um ponto de vista da memória coletiva.

A memória individual não é totalmente isolada e fechada, uma vez que, ao evocar seu passado, o homem recorre às lembranças dos outros, referendando pontos externos. Entretanto, restringindo-se a um determinado tempo e espaço, não se confunde com a memória dos outros, porque lembramos daquilo que vimos, lembramos daquilo que fizemos e ouvimos, lembramos do que sentimos em algum lugar e em algum momento de nossas vidas. Essas lembranças são expressões muito peculiares e dificilmente serão evocadas da mesma forma, pois dizem respeito somente a nós. Representam, pois, “nosso bem mais exclusivo como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós” (Halbwachs, 1990, p. 49).

Isso foi notadamente percebido nas narrativas dos moradores de Olho d'Água da Bica. Cada um deles conta histórias sobre o mesmo assunto relembando fatos que consideram importantes e que lhes servem de referência. Cada um tem sua experiência de vida, suas alegrias, suas mágoas, e certamente por isso, as contam de um jeito singular.

Uma lembrança pode ser acionada a partir da nossa memória. Reportarmo-nos ao passado implica assinalar que este pode ser evocado quando quisermos ou então que, apesar de nosso apelo, não será atendido por ser impedido por algo. A esse respeito Halbwachs (1990) aponta que os “fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são do domínio do comum” (p. 49). Já aquelas dificilmente evocadas são muito pessoais e ao aflorarem trazem consigo sentimentos dolorosos, enfim, lembranças algumas vezes “esquecidas” ou apenas adormecidas propositadamente.

Conforme mencionei inicialmente, as lembranças são reintegradas num espaço e num tempo e estão relacionadas ao grupo do qual fazemos parte. Desse modo, é pertinente enfatizar que o ato de lembrar está relacionado a algumas referências, isto é, a lembrança toma corpo e se completa a partir da interferência de quadros temporais e, sobretudo, espaciais.

O pensamento está ativo na memória, deslocando-se e movimentando-se no tempo. Os limites para nele recuarmos são variáveis de acordo com cada grupo. As sociedades tomam consciência de si mesmas ao se permitirem recuar no tempo,

isto é, percorrê-lo, pois assim fazendo serão capazes de perceber os acontecimentos presentes e passados, conferindo justificativa às suas ações e re-significando o vivido.

Em se tratando do espaço, o autor adverte que a lembrança é por ele mais influenciada, uma vez que a memória coletiva apóia-se nas imagens espaciais. O lugar não pode ser interpretado por um grupo “como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos as figuras” (Op. Cit., p. 133). Ele recebe a marca do grupo podendo transformá-lo à sua imagem, ao passo que pode também se adaptar e resistir às mudanças. O espaço físico, a maneira pela qual os prédios, as ruas, as igrejas e os objetos se organizam e se dispõem na vida das pessoas traduzem seu significado; desse modo, é difícil desestabilizar, romper com as relações que se estabeleceram entre “homens e pedras”.

Como toda memória coletiva se desenvolve num quadro espacial, os grupos, sejam eles econômicos, jurídicos, familiares ou religiosos estão ligados pelo fato de estarem próximos no mesmo espaço, o que permite que os laços sejam criados e as relações sociais mantidas.

No caso dos grupos religiosos, a separação fundamental consiste na bifurcação do mundo nos domínios do sagrado e do profano. Assim, as lembranças de um grupo religioso afloram através da classificação de certos lugares, bem como da localização e disposição dos objetos que certamente estão carregados de significado.

Convém destacar que as pessoas fazem opções ao falarem de algo, isto é, selecionam seu conhecimento e também suas recordações. Conhecer e recordar não significam a mesma coisa, porém ambos fazem parte da nossa memória que sendo uma fonte de conhecimento, constitui-se de três elementos, a saber: reconhecimento, evocação e articulação. O passado pode ser reconstruído apoiado na memória e nas narrações, rememorado através das gerações.

É sabido que a memória é seletiva e que a sua relação com a oralidade deve ser considerada. As narrativas emergem e revelam depoimentos e relatos concernentes à trajetória de pessoas dentro dos mais diversificados grupos humanos. Este é um aspecto importante a ser aqui realçado, pois sinaliza para a discussão da interação entre oralidade e escrita. O texto oral, embora passado para a escrita, não perde as marcas da oralidade, pois o texto não pode ser visto como único; dentro dele permeiam outros textos e outras vozes, o que se chama de

intertextualidade e intervocalidade (Zumthor, 1997). O autor propõe, no caso da voz, em falar de intervocalidade.

Em *O Sertão das Romarias*, Steil (1996) debruçou-se sobre a origem do Santuário do Bom Jesus da Lapa, privilegiando os relatos verbais postos em circulação através da comunidade de romeiros e dos moradores locais, compondo, desse modo, um suporte narrativo produzido por um autor coletivo. Tais relatos fazem parte de uma tradição oral na qual desencadeiam vários temas que, ao serem transportados para a escrita, podem fazer com que a originalidade da fala se perca e apenas os fragmentos permaneçam.

O contexto oral representa um corpo de histórias que nunca se fecha, uma conversa nunca acabada, mas quando essas narrativas percorrem o caminho da escrita, sofrem alterações ao se estabelecer “uma relação diferente entre a palavra e o seu referente, uma relação mais abstrata e menos conectada com as singularidades do lugar e do tempo, que é própria da comunicação oral” (Goody & Watt apud Steil, 1996, p. 144).

Ademais, diria que lanço mão, para a elaboração deste trabalho, dos relatos orais dos atores que circulam no santuário, cujos temas abordados referem-se especialmente à sua fundação e aos milagres advindos do poder curativo da água da fonte, responsável pela popularidade do lugar. As histórias narradas em *Olho d'Água da Bica* são contadas por um autor coletivo e fazem parte de um contexto oral, agora transcritas nesta Dissertação. Elas também são transmitidas de geração em geração, e fazem parte de um universo imaginário existente em torno do santuário. A veracidade dessas histórias está no fato de serem sempre contadas com força persuasiva, a exemplo do que ocorre em outros centros de romaria.

1.5. A fundação dos santuários

A história religiosa do Olho d'Água da Bica é reveladora de crenças, de lendas, fala de um mito fundante, de um herói religioso, tal como ocorre nas histórias que narram a fundação de outros santuários; não obstante, traz consigo algumas singularidades. Moisés do Espírito Santo (1990), afirma que o âmago das religiões não muda de um povo para outro, a mudança que de fato ocorre refere-se aos

atores, aos ritos e também à intensidade da vida religiosa de determinado grupo. Assim diz ele: “os símbolos fundamentais permanecem por toda a parte os mesmos, através das eras e das regiões” (p. 15).

A religião popular se aproxima da igreja católica no que se refere ao culto dos santos e de Maria, cujas capelas são muitas vezes edificadas nos montes, próximas a grutas ou fontes, pois o sagrado se fixa sobre elementos naturais. Moisés do Espírito Santo (1990) diz ainda que a imagem da Mãe funda a religião popular. O autor define a religião popular em função da oficial, afirmando que aquela não está associada apenas a uma classe social econômica e também cultural, mas sobretudo a um tipo de cultura transmitida através das relações de vizinhança e da memória coletiva. Ele a considera espontânea, sua criação é coletiva e desse modo, distingue-se do erudito, já que a religião católica e dominante obedece a esquemas intelectuais dogmáticos e rígidos. Assim sendo, afirma o autor:

O culto mariano, hoje como nos primórdios, conta de dois sistemas de valores e de ritos: um litúrgico institucional justificado pelos textos canônicos e pela teologia católica, e um sistema de ritos associados ao calendário rural, a uma simbólica cosmogônica e a um conjunto de arquétipos maternos. No fundo são dois cultos, o oficial e o popular; não se opõem, antes se interpenetram ou são complementares. São historicamente paralelos, sem serem coincidentes (Moisés do Espírito Santo, 1993, p. 125).

Nas aldeias e vilas nas quais se desenvolveram centros de peregrinação religiosa, é comum se fazer alusão a um herói religioso ou mítico, responsável pela construção das igrejas ou fortaleza. A localização, a paisagem ou o nome são escolhidos por ele conforme as lendas que têm força e, desse modo, são vistas como dogmas locais, pois o que prevalece nesses lugares é a memória coletiva e o consenso simbólico, a história factual tem pouco valor. Geralmente essas histórias são transmitidas de geração em geração e em alguns casos podem ser esquecidas ou negadas por seus habitantes.

A localização, o nome e a paisagem da aldeia foram escolhidos por heróis míticos [...] Raras são as aldeias que não albergaram um herói religioso ou mítico construtor de igrejas e fortalezas [...] A história

factual tem pouco valor no interior da aldeia, onde é a memória coletiva e o consenso simbólico que importa [...] Todas as aldeias atribuem a si próprias uma origem sagrada [...] O mito é mais eficaz do que a história factual para a integração dos aldeões na comunidade, e por isso estas narrativas são transmitidas de geração em geração sem que suscitem a menor dúvida (Moisés do Espírito Santo, 1990 p. 26/7).

Nessas aldeias e vilas o espaço no qual o santuário é construído é fechado e seguro. Seus limites são definidos e marcados por uma fonte, uma cruz, uma igreja, ou por tudo isso simultaneamente, o que permite separar o espaço seguro do espaço ameaçador, como sugere Moisés do Espírito Santo (1990). Tais objetos, quando erigidos no centro, expressam a demarcação do espaço e constituem um eixo cósmico. A cruz simboliza a posse total, envolve o espaço e pode evocar tanto a vida quanto a morte; a igreja representa a comunidade inteira, e a fonte, através do ritual utilizando a água, evoca o contato com a Mãe.

O santuário é, pois, o lugar onde são celebradas as romarias, constituindo-se sempre de festas folclóricas e de peregrinações. Destaca-se das simples igrejas porque atrai fiéis de toda a região. Os rituais nele praticados são basicamente os mesmos e os interesses dos devotos se expressam através do cumprimento de uma promessa ou de uma visita ao santo. Para Moisés do Espírito Santo (1990), no santuário tradicional – aquele criado por camponeses – o poder não é exercido pelo clero, mas sim por uma confraria admitida por cooptação.

No que se refere a escolha do lugar para a construção de um santuário, as lendas mostram que tal lugar nunca foi escolhido pelos homens, mas sim, pelo santo tutelar, seja ao acaso ou arbitrariamente. Trata-se sempre de um lugar marcado pelo santo¹⁹: “onde este pau (ou esta espada cair), uma igreja será construída disseram santos ou heróis nacionais que erigiram sumptuosos monumentos” (p. 91).

¹⁹ Alguns exemplos citados por Moisés do Espírito Santo (1990) sobre a fundação dos santuários: “São Gonçalo de Amarante, não sabendo onde construir um convento para se refugiar, ligou o seu destino ao acaso da queda do seu bordão atirado ao ar: *Deter-me-ei onde fores cair*. No entanto, recusou a primeira indicação e ainda uma segunda e acabou por aceitar a terceira, que é o lugar onde se encontra atualmente a vila e o santuário de Amarante. O santuário da Senhora da Peneda, um dos mais interessantes, está situado no local onde caiu o pau que a Senhora lançou ao ar. Por vezes sucede que são os bois, ao transportarem uma pesada imagem acabada de descobrir, que escolhem o sítio do santuário, ao interromperem a sua marcha: noutros casos, são as próprias estátuas que estiveram escondidas durante séculos a exprimirem o desejo de ficar numa capela a erigir num local” (p. 91/2).

O santuário muitas vezes não passa de uma simples capela. A grande maioria localiza-se nas depressões de uma montanha ou de uma colina, revelando sua dificuldade natural de acesso. O cenário pode ser belo ou não e desse modo atrai e também assusta a quem o visita, evidenciando dessa forma as contradições que estão na base de todo o sentimento religioso²⁰.

1.6. O culto às Senhoras

Uma narrativa lendária situada no “início” de uma vila ou aldeia justifica o culto a Maria ou a qualquer santo. O culto mariano está sempre relacionado à devoção das imagens. A *Senhora* pode ser um nome, uma estátua, uma lenda. A imagem cultuada é aquela venerada, é aquela que se encontra num lugar determinado, já que se trata de uma representação que detém um poder peculiar, em especial no culto a Nossa Senhora da Saúde no distrito de Olho D’ Água da Bica.

“As Senhoras” surgem e recebem nomes diversos e suas virtudes estão ligadas a esses nomes. Embora representem a mesma personagem católica, cada uma é diferente da outra, seja pela “posição do corpo, pelo corte das vestes, pela criança que traz nos braços, pelo objeto que tem na mão, etc.” (Moisés do Espírito Santo, 1990, p. 97). Elas podem existir quantas queiram seus fiéis; trata-se, portanto, da representação simbólica a ela atribuída. A Senhora da Saúde é a protetora dos enfermos e em todo o mundo milhões de fiéis a ela recorrem com o propósito de pedir a cura da doença que os acometeu.

O santuário que é de Nossa Senhora da Saúde, cuja devoção é intensa, acolhe, no altar, Nossa Senhora de Lourdes. D. Helena Damasceno, vendedora há muitos anos nessas festas religiosas e conhecedora das imagens de santos católicos, já que, desde criança viu seu pai trabalhar com quadros e imagens, denominou como “estranha” essa troca.

²⁰ Trata-se das dicotomias de todas as religiões: sagrado/profano; puro/impuro; fiel/infiel.

Eu conheço todo tipo de santo, mas quando cheguei aqui, estranhei. Aqui é Nossa Senhora de Lourdes [referindo-se a imagem do altar]. Nós mostramos quem era Nossa Senhora da Saúde que a gente conhecia. Realmente você pode pegar qualquer livro que fale desse assunto que você vai ver que a Nossa Senhora da Saúde que vai encontrar é essa daqui [mostrando a imagem]. Eu trabalhei muitos anos com imagem e por isso eu digo isso. E o padre sabe, ele mesmo comentou ano passado. Mas ele não vai tirar a fé do romeiro. Ele não pode. Mas você pode conversar com ele em particular que ele vai explicar a história. (D. Helena Damasceno – vendedora de Juazeiro do Norte em 12.08.2001).



Fig. 7 – Imagem que se encontra no altar da Igreja, 08/2000.

Foto: Débora Maia.

Entre os romeiros raramente se ouve algum comentário a esse respeito. Na verdade, o que importa para os fiéis é a sua devoção a Maria – Mãe de Jesus –, cuja intensidade corresponde à necessidade pela qual tem passado. Nossa Senhora Aparecida, do Rosário, dos Navegantes ou da Saúde, são títulos dados a uma mesma pessoa. E como surgem em circunstâncias idênticas, as “Senhoras” são consideradas irmãs entre si. Nessa perspectiva, Pe. Manuel Diomedes de Carvalho disse aos fiéis:

Fé, esperança e confiança. É isso que a mãe de Jesus tem para oferecer. Por isso que você está aqui hoje, pois a mãe de Jesus está pertinho de você e o povo brasileiro sabe disso. Por isso tem muita confiança em Maria, e por isso Maria Santíssima tem conquistado cada vez mais novas gerações: crianças, jovens, idosos, homens e mulheres. Nossa Senhora conquista a todos. [...] Vocês vieram aqui para um encontro com a mãe de Jesus, para agradecer um benefício recebido de Nossa Senhora e ao mesmo tempo renovar a fé em Deus, filho de Maria. Você alcançou sua graça pela mediação de Nossa Senhora, nossa boa Mãe que ouviu sua prece, que ouviu seu clamor e intercedeu por vocês concedendo-lhes o bem maior: a saúde²¹.

O que justifica o culto popular de Maria são as aparições, diferentemente das visões em que crê a igreja católica, pois para esta, Maria aparece sob forma de pessoa. Enquanto que as narrativas sobre as aparições das Senhoras populares são na sua essência, análogas. Falam de estátuas que foram enterradas com o intuito de proteger a localidade dos inimigos e que surgem da terra e ao aparecerem a um habitante da região pedem que seja construída uma capela em sua intenção. Caso o seu pedido não seja atendido, a Senhora força-os através de prodígios como uma cura ou uma peste.

Os objetos sagrados que surgem nessas aparições são sempre encontrados nos campos, normalmente em serras ou grutas e jamais o serão em igrejas ou dentro de casa. Os símbolos da boa mãe achados nos santuários são

²¹ Pe. Diomedes é pároco da cidade de Quixeré – Ceará. Participou das festividades no ano de 2002. Sobre a participação de padres de outras paróquias nas celebrações, falarei mais adiante ao tratar da posição do Clero durante os festejos de Nossa Senhora da Saúde.

sempre os mesmos (a camisa da senhora, a gruta, a fonte, a pedra), a cada objeto, é claro, conferido o seu significado particular. As grandes romarias às

Senhoras ocorrem no dia 15 de Agosto, data na qual a igreja católica celebra a Assunção, que significa a “subida” de Maria ao céu, dia em que partiu desse mundo e fez milagres. A festa da Assunção de Nossa Senhora ao Céu é uma das mais antigas da igreja católica. Este é um dos temas sempre proferidos nas homilias durante as festividades da Bica.

Nos lugares onde ocorrem os cultos marianos realizam-se grandes festas em homenagem à padroeira do lugar. Em Olho d’Água a comunidade se reúne e acolhe com festejos Nossa Senhora da Saúde. A celebração acontece com a participação de vários atores que compõe o teatro do social, conforme demonstrarei a seguir.

CAPÍTULO II – CELEBRANDO A FESTA

Por muito diferentes que elas surjam, reunidas numa única estação ou disseminadas pelo decurso do ano, as festas parecem preencher por toda a parte uma função análoga. Elas constituem uma ruptura na obrigação do trabalho, uma libertação das limitações e das sujeições da condição de homem.

Roger Callois

2.1. O palco

O Olho d'Água da Bica, anualmente, é palco da Festa de Nossa Senhora da Saúde entre os dias 05 e 15 de Agosto. Nesse ínterim convergem para lá inúmeras pessoas, cujos interesses são por demais distintos, revelando notadamente uma mudança no quotidiano do lugar, já que este, comumente, é bastante tranqüilo.

Inicia-se uma peregrinação religiosa dos romeiros que se deslocam para o santuário a pé em cumprimento de uma promessa. Geralmente essa peregrinação ocorre até o dia 13 de Agosto, tendo em vista que, no dia 14 de Agosto, a estrada vicinal fica demasiadamente movimentada, já que este é o dia mais esperado das comemorações em homenagem à padroeira do lugar.

Em 2002 estive na localidade desde o primeiro dia da festa, ou seja, dia 05 (Segunda-feira). Os vendedores ainda não haviam chegado, na verdade só começaram a chegar no final de semana, nos três dias que antecedem a festa. O clero, representado pelo Pároco local Francisco Edvaldo Marques, realizou a abertura da festa religiosa. O cerimonial teve início com a participação da banda de música da cidade de Tabuleiro do Norte, e com o hasteamento da bandeira pelo Padre local e pelo Prefeito Municipal. Em seguida, a comunidade rezou o terço, atividade esta que se realizaria em todos os dias de festividades e, imediatamente, a missa. Na abertura estavam presentes devotos de Tabuleiro do Norte, mas a grande

maioria era composta por pessoas do lugar. A presença de romeiros, nessa ocasião, ainda era pequena.

Antes disso, porém, foi realizada uma reunião na casa paroquial entre o padre e algumas pessoas que compõem a comissão organizadora da festa religiosa. Trataram de alguns assuntos como: a recepção dos demais padres, já que haveria, todos os dias, a participação de padres da diocese de Limoeiro do Norte; distribuição e venda de material para as celebrações; as velas para a procissão realizada no dia 14 e os missais, uma inovação deste ano, que além de conter o programa das celebrações e os cânticos, resgatou também o histórico do santuário na tentativa de difundi-lo entre os visitantes, cuja renda foi revertida para a igreja.

Abordou-se também a distribuição de tarefas como o recolhimento das ofertas durante as missas, quem anotaria os nomes das intenções, quem ficaria no santuário à espera dos devotos que chegariam a pé, quem cuidaria da limpeza, da iluminação, da ornamentação do altar, etc. Enfim, foram discutidos todos os assuntos pendentes para que a festa se realizasse da melhor maneira possível.

Dentre as inovações da festa, em 2002, a comissão organizadora incluiu nas suas atividades a projeção de filmes religiosos, que foram exibidos num telão ao lado da igreja, logo após as celebrações. Os filmes temáticos retravam a história de Jesus e de Maria.

Basicamente até o dia 13 de Agosto, a programação religiosa realizada foi a mesma. Pela manhã, a alvorada às 06:00h, o terço às 18:00h e a missa às 19:00h, celebradas ainda dentro do santuário, que permanecia aberto até 01:00h da manhã aproximadamente, à espera dos fiéis que vinham a pé. Alguns dias foram escolhidos para a realização de batizados e confissões.

Outra atividade religiosa foi a *Romaria pela Paz*, realizada na manhã de Domingo (11 de Agosto de 2002), que contou com a participação de pessoas das cidades de Tabuleiro do Norte, Limoeiro do Norte, Russas e Quixeré, além dos moradores locais. Os romeiros estavam com os rostos pintados de branco e portavam bandeirolas da mesma cor manifestando o desejo pela paz. Convém ressaltar que o Vale do Jaguaribe, especialmente a cidade de Tabuleiro do Norte, é marcada pela violência, por assaltos e crimes de pistolagem²².

²² Durante a festa de 2001, houve um assassinato na madrugada de 12 de Agosto ao lado da casa paroquial. Sobre o estudo da história da violência em Tabuleiro do Norte, ver MAIA, Dália Maria B. *De*

Nessa ocasião, muitos devotos se encontravam no santuário, a fim de assistirem à missa, e muitos acabavam de chegar a pé. Já se observava na localidade uma certa agitação, uma vez que os camelôs iniciavam os trabalhos montando suas barracas pelas ruas do distrito. Nos dois últimos anos (2001 e 2002) a administração municipal resolveu retirar as barracas dos vendedores das proximidades da igreja, deixando este espaço apenas para que os féis pudessem se acomodar melhor durante as celebrações. Os bares e restaurantes já atraíam alguns visitantes e aqueles localizados ao redor da praça tinham como atrativo, além das bebidas etílicas, um som alto que competia com a missa celebrada naquele exato momento no santuário.

O Olho d'Água da Bica estava tomado pelas propagandas políticas, pois as eleições estavam próximas. Um partido político montou, inclusive, um "barracão", como foi assim denominado, para receber alguns de seus candidatos com o intuito de fazer campanha política na noite de 13 de Agosto. Todavia, esta prática não se restringiu a este, tampouco a um partido político, pois durante as festividades, circularam pelo distrito candidatos ao governo do Estado, à Assembléia Legislativa e lideranças políticas de Tabuleiro do Norte e também de cidades circunvizinhas, que distribuía panfletos e pediam abertamente votos aos presentes, inclusive a mim. Nesta noite, houve duas festas nos clubes do distrito. Durante a madrugada, foi possível observar também que um grande fluxo de romeiros chegava a pé ao santuário.

Na manhã de 14 de Agosto, dia da Festa de Nossa Senhora da Saúde, os sinos da igreja anunciavam que as atividades religiosas teriam início desde cedo. Às 08h00min foi celebrada a missa da Irmandade de Nossa Senhora. Após esta celebração, chegou ao santuário uma equipe da Prefeitura Municipal de Tabuleiro do Norte, responsável, este ano, pela ornamentação do altar que foi montado no patamar da igreja. Neste dia, ponto culminante da festa, as missas das 19h00minh e da meia-noite foram realizadas fora do santuário, como de costume, pois é sabido que este não é capaz de comportar o grande número de fiéis que lá se encontra. Além disso, ocorreu uma procissão com a participação dos devotos que lotaram a praça durante a missa das 19h00minh. Nessa ocasião, o então Prefeito Municipal prometeu que doaria novos bancos para a igreja.



Fig. 8 – Missa campal, 14/08/2002.

Foto: Débora Maia.

Entre uma celebração e outra, a banda de música entretia os romeiros. Na programação cultural preparada para eles houve também a exibição de um filme religioso. Após a missa da meia-noite, os romeiros começaram a se dispersar, uns ainda ficaram no distrito, a fim de assistirem ao encerramento da festa que seria na manhã do dia seguinte, mas a maioria voltava para suas casas. Nesse entremeio, a vila encontrava-se ainda muito movimentada, já que concomitantemente aos festejos religiosos, outras atrações como os parques de diversões, jogos, prostíbulos, e, sobretudo os bares e os forrós disputavam a atenção dos visitantes que transitavam pelas proximidades da igreja para irem aos clubes.

Houve festa em três clubes da Bica, com bandas famosas, inclusive de outros estados; além dos sanfoneiros e seresteiros que tocaram nos bares e

restaurantes durante toda a noite. Na manhã de 15 de Agosto, por ocasião de encerramento dos festejos religiosos de Nossa Senhora da Saúde o santuário encontrava-se lotado, especialmente por romeiros de Limoeiro do Norte, Quixeré, e Tabuleiro do Norte. Contudo, algo este ano (2002) chamou bastante a minha atenção: o quanto a vila ainda continuava movimentada, sobretudo, alguns bares onde os visitantes ainda dançavam e bebiam às 08h00min da manhã de uma Quarta-feira, que convencionalmente deveria ser de trabalho. A justificativa para tal exaltação seria a de que a festa realizada no clube de Seu Adalberto há pouco havia acabado.

No santuário estavam os devotos da Senhora da Saúde, fazendo suas últimas orações e agradecimentos, e os colaboradores, cuja missão não acabara ainda. Os padres, já cansados, encerravam as atividades religiosas. Na vila, os comerciantes, que ainda tentavam vender algo, e os moradores, que viam pouco a pouco a localidade de volta ao cotidiano.

Em *As Formas Elementares de Vida Religiosa*, Durkheim aponta a festa como sendo um elemento que não pode ser pensado isoladamente do fenômeno religioso, cuja realização evidencia a ruptura do tempo comum para o tempo sagrado, ritualizado através das festas periódicas. É o momento de cultos e cantos, de ritos, de danças e dramatizações. Momento no qual o comum é deixado de lado e em que se quebra a rotina. A coletividade está em movimento e se reúne para celebrar as cerimônias religiosas. A festa é vista como sendo algo que aproxima os indivíduos que se encontram num estado de exaltação, transportando-os para fora de si.

(...) toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias (Durkheim, 1986, p. 456).

Assim sendo, Caillois (1950) corrobora com o fato de que a vida cotidiana opõe-se à efervescência da festa, quando esta rompe com as

preocupações diárias e representa um paroxismo de vida. Toda festa comporta um certo excesso e pândega, um “desregramento”. A dança, o canto, a ingestão de comida e o “beberete”, constituem os elementos básicos de toda festa. E, considerados apenas os aspectos exteriores (pessoas agitadas e barulhentas), ela apresenta as mesmas características em qualquer nível de civilização.

Na perspectiva estudada por Caillois (1950), a festa representa a atualização do passado mítico, de um tempo primordial. Tal como a natureza e o homem que precisam ser renovados, as instituições sociais também devem ser constantemente purificadas e regeneradas. As festas periódicas permitem a renovação da natureza e da sociedade, pois a vida social também é cíclica. “Todos os anos a vegetação se renova e a vida social, do mesmo modo que a natureza, inaugura um novo ciclo. Tudo o que existe deve então ser rejuvenescido. É preciso recomeçar a criação do mundo” (Caillois, p. 99).

A festa se constitui na abertura de um grande tempo, momento no qual os homens abandonam suas vidas sossegadas, sujeitas a um sistema de interditos. Normalmente, realizam-se nos templos, nos lugares santos, figurando também uma abertura para o grande espaço. Celebra-se, então, a festa no espaço-tempo do mito, cuja função é regenerar o mundo real. Os atos de interdito e os atos exagerados não são responsáveis exclusivamente pela diferença entre o tempo do arrebatamento e o tempo da regra. Ainda segundo Caillois (1950), deve-se acrescentar os atos às avessas, pois há um esforço das pessoas em se comportar de forma contrária ao seu comportamento normal. “A inversão de todas as relações parece a prova evidente do regresso do caos, da época da fluidez e da confusão” (p. 119).

Baseando-se na distinção estabelecida por Durkheim entre o sagrado e o profano, Duvignaud (1983) refere-se à festa como sendo um período peculiar, embora seja integrado à sociedade. É o momento em que a coletividade vive intensamente, sobretudo, quando correspondem aos fenômenos relativos ao sagrado e à religião, já que estes representam momentos de efervescência e de unanimidade. Por outro lado, diz o autor, por não se confinar a uma cultura, não existe uma história da festa. Destarte, esta pode se revelar através de manifestações políticas, religiosas, podem apresentar-se como forma de subversão ou de reconciliação, isto é, como uma entidade fraternal.

Caillois (1950) entende que a festa deve ser plenamente definida como o clímax da sociedade, pois é através dela que ocorre sua purificação e sua

renovação. Além do seu aspecto religioso, destaca-se também pelo aspecto econômico, haja vista ser o momento de circulação das riquezas, momento em que o comércio cresce significativamente. Aliás, a Festa de Nossa Senhora da Saúde representa um aumento financeiro não só para o comércio de bares, restaurantes, mercearias e clubes que configuram o lado profano da festa, mas, sobretudo, contribui consideravelmente para o crescimento financeiro do “sagrado”, evidenciado através das doações em dinheiro depositadas pelos peregrinos nos quatro cofres espalhados no interior do santuário, das intenções das missas e das ofertas que são feitas durante as celebrações. Desse modo, é possível afirmar que a festa é financeiramente proveitosa, tanto para o universo sagrado quanto para o profano.

A festa, por mais diferente que possa revelar-se, seja com relação ao local, à data ou ainda ao motivo por qual é celebrada, exerce sempre a mesma função: a de ruptura com as imposições quotidianas.

Por muito diferentes que as imaginemos e que elas surjam, reunidas numa única estação ou disseminadas pelo decurso do ano, as festas parecem preencher por toda a parte uma função análoga. Elas constituem uma ruptura na obrigação do trabalho, uma libertação das limitações e das sujeições da condição de homem: é o momento em que se vive o mito, o sonho. Existe-se num tempo, num estado, em que a única obrigação é despender-se a si mesmo (Caillois, 1950, p. 123).

A festa configura-se, pois, como a possibilidade que os indivíduos têm de viverem intensamente suas emoções, e de transformarem o seu ser, embora que momentaneamente. Ao romperem com suas vidas quotidianas, sentem-se amparados nesse “outro mundo”, e vivem, freqüentemente, a recordação de uma festa e a espera de uma outra. É nessa perspectiva que procurei olhar para as festividades da Senhora da Saúde a fim de conhecer este universo, bem como a atuação de seus atores, que de fato vivem o tempo das emoções intensas e a esperança de participarem de uma nova festa.

2.2. Os atores e o texto

Pode-se, portanto, observar claramente a participação de atores distintos durante as festividades. Como se fosse uma peça teatral, a Festa de Nossa Senhora da Saúde apresenta-se como sendo o próprio palco, e os atores, todos aqueles que lá estiveram presentes. O espaço da romaria configura-se, pois, como um lugar capaz de desvelar a riqueza de suas falas e de suas ações. Sendo assim, estive várias vezes dispersa pelo distrito de Olho d'Água da Bica, buscando atentamente detalhes, falas e gestos dos atores sociais que lá se fizeram presentes, com o propósito de perceber, pelo menos em parte, o quê e como eles faziam de fato a festa acontecer.

A minha tentativa consiste em, a partir de algumas categorias por mim escolhidas, e já elencadas no início deste trabalho, analisar essa rede de relações individuais e coletivas articuladas nesse palco, considerando a complexidade da festa, pois, conforme afirmou Duvignaud (1983), ela é coletiva, real, cujo poder é imenso e capaz de suscitar uma multiplicidade de relações entre seus participantes.

2.2.1. Os moradores

Os moradores do Olho D'Água da Bica aguardam ansiosos às comemorações em homenagem à padroeira do lugar, pois sabem que é durante esse período que a localidade fica demasiadamente movimentada devido à popularidade que a festa religiosa vem alcançando ao longo de todos esses anos. Participam das atividades religiosas, mantêm com os romeiros uma relação de acolhida e também mercantil.

D. Graziela mantém uma relação de generosidade com os romeiros. Devota de Nossa Senhora da Saúde, faz parte do corpo de associadas da Irmandade de Nossa Senhora e não há ninguém que seja de Tabuleiro do Norte que, indo em peregrinação ao santuário, não a conheça. Sua casa, localizada ao lado da igreja, funciona como uma espécie de ponto de apoio aos devotos. Muitos deles, após fazerem suas visitas ao santuário, vão à casa de D. Graziela para que

possam lavar os pés, comerem algo, enfim, descansar um pouco da exaustiva viagem que fizeram.

Na verdade, D. Graziela mora em Tabuleiro do Norte, onde trabalha como costureira autônoma, contudo, nos dias de festa “muda” para sua casa na vila, juntamente com sua família, logo no início do novenário, ou seja, no dia 05 de Agosto. Nessa ocasião, reencontram-se pais, filhos e netos. Seu Nonato, marido de D. Graziela, trabalha com fretamento de carro e aproveita esse período para transportar pessoas e as mercadorias dos vendedores; desse modo, ganha algum dinheiro, podendo também participar das festividades. Já suas filhas trabalham em Tabuleiro do Norte e, ao contrário da mãe, têm que cumprir horário, o que não as impede de estarem na Bica todas as noites. Como é de costume, fazem esse percurso diariamente durante os festejos.

Necessário se faz salientar que, a exemplo dessa senhora que tem casa na localidade e que para lá muda nos dias de festa, existem muitas outras, como é o caso de D. Lindete, que vai para a Bica a partir do dia dez²³, pois também mora em Tabuleiro, onde é professora estadual. Freqüenta o lugar há aproximadamente vinte anos, fazendo o percurso a pé devido a uma promessa feita por sua irmã. Ao ser indagada sobre o fato de ter construído uma casa no Olho d'Água, ela foi enfática:

Por causa da devoção. Antes, mais ou menos em 84 eu ia de madrugada, assistia à missa e vinha embora. Depois eu passei a ir à tarde e a dormir no alpendre da casa da mulher que eu comprei o terreno para construir a minha. Eu dormia, de manhã assistia a missa e ia embora. Agora eu vou dia dez, onze e só volto quando acaba a festa. Eu vou a pé, mas eles não [referindo-se a família]. Essa casa é só para esse fim: para ir a família e acolher os visitantes. No final a gente fecha as portas e só volta no ano que vem (Lindete Gadelha, 26.09.2003)

Existem também aqueles moradores que já estabeleceram uma relação de amizade com alguns vendedores, como é o caso de D. Olira, que acomoda o proprietário do parque de diversão há dezessete anos em sua casa.

²³ Na Bica, D. Lindete realiza trabalhos junto à comissão organizadora do santuário, dos quais falarei a seguir.

Para além da cortesia, da generosidade, existe uma relação mercantil entre moradores e romeiros. Atualmente, já é possível observar, em Olho d'Água, que os moradores “cedem” suas casas para que os romeiros possam tomar banho e descansar um pouco, já que estes chegam à tarde para as celebrações religiosas. Em algumas “lotações” já fica acertado o local onde os romeiros irão se acomodar. Geralmente na casa de moradores que cobram uma quantia já estipulada aos fretadores do transporte.

Algo que é bastante ressaltado, entre os que residem na vila, principalmente os mais idosos, refere-se à diferença entre a festa de “ontem” e a festa de “hoje”. O fato de inúmeras pessoas se deslocarem para o distrito, atraídos por outras atividades proporcionadas pela festa, como bares, forrós, serestas, etc., acaba sendo motivo de censura por parte de alguns antigos moradores, como se pode perceber nas narrações de alguns moradores da Bica:

A festa do Olho d'Água da Bica de primeiro vinha gente de fora, de Caraúbas²⁴, da Paraíba, de todo canto. Mas a festa ia do começo ao fim, e não havia zuada de nada. Não havia briga. Hoje em dia, chega aqui, cai naquelas bebedeiras, naquelas bancas de bebida, só se levanta quando não presta mais. Tem cabra que não vai nem na igreja (Raimundo José da Costa, 20.04.1999).

Uns vem atrás de outras coisa. É isso mesmo, em todo canto é assim, em todo canto tá assim. Outros vem pro modo a influência e tudo, a diversão e tudo (D. Olira, 10.04.1999).

É muito diferente hoje. E outra coisa também, vaidade a gente não via não. Olhe eu cansei aqui de vê, não faz nem muito tempo, aquele Padre Sr. Otávio não queria aceitar jogo, nem tinha festa dançante, não. Agora é direta a festa, primeiro era no São Bento, mas esse ano passado eu ouvi dizer que tinha feito era aí, acolá em Aloísio e ali no finado Adalberto, e tinha noutro canto. Parece que era num bar que tinha uma dança, não sei. O povo tudo dançando. De primeiro não tinha isso não. Eu vi o Padre Otávio numa festa, ele veio pra'qui e inventaram umas mesa de jogo e aí ele disse: “Ou a festa ou o jogo. Se tiver jogo eu não faço a festa”. Ai ele saiu pra ir se embora, ai nós tomamo a frente dele e um magote se juntou e disse: “Nós garante, se botá a peça, nós quebra a banca de pau”. Não bancaram no meio

²⁴ Município do Rio Grande do Norte.

do povo, mais bancaram dentro das casa [...]. Não vem um quarto pela a festa, vem mais pela vaidade (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).

Nesse sentido, Duvignaud (1983), lembra que a festa é uma forma de transgressão, pois desagrega as normas estabelecidas. Os indivíduos sobressaem da “normalidade”, tornando tudo possível. A inexistência de regras é a diferença fundamental que impede de associar a festa à vida social normal. Qualquer espaço pode servir para sua realização.

A festa se apodera de qualquer espaço onde possa destruir e instalar-se. A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada (Duvignaud, 1983, p. 68).

Os moradores da Bica participam das atividades religiosas, mas também, participam de eventos como forrós e serestas, especialmente os jovens, já que são liberados das atividades escolares, o que mostra claramente a ruptura com o cotidiano.

Alguns moradores também são vendedores e consideram a festa como sendo o único meio através do qual podem ganhar algum dinheiro, como é o caso de D. Lúcia, que além de trabalhar na organização da festa religiosa tem que dar conta também do seu restaurante. Sendo assim, diz ela:

Durante a festa é muito complicado porque tenho que ficar dando assistência ao santuário, mas tenho também que trabalhar no meu comércio. Não é por ganância, mas essa é única época do ano que dar pra ganhar algum dinheiro e a gente tem que aproveitar. Eu no restaurante vendo a caminhada da luz²⁵ passar e eu morrendo de vontade de estar a lá. No dia 15 é ainda mais corrido, porque é o dia que passa o carro das bebidas e eu tenho que prestar conta com os vendedores, e é o dia que tenho que ir para Limoeiro pra prestar conta do dinheiro que foi arrecadado durante a romaria (28.03.2003).

²⁵ Procissão que ocorre no dia 14 de Agosto de 2002, antes da missa das 19:00h.



Fig. 9 – Caminhada da Luz, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

Ademais, considero pertinente frisar, tal como sinalizou Steil (1996) em seu estudo sobre a romaria ao Bom Jesus da Lapa, que o universo do romeiro é diferente do universo dos moradores. Aquele, em peregrinação ao santuário, vive um mundo de significados cosmológicos, buscando realizar experiências místicas e sobrenaturais, em torno dos mitos e das histórias que circulam nos santuários. Ao passo que, para os moradores, trata-se de um mundo secular e histórico, isto é, de seu mundo cotidiano. A esse respeito afirma Steil:

A lapa dos romeiros é aquela onde os mitos católicos são recriados em cada evento ritual, ao passo que a dos lapenses é o espaço cotidiano, onde é preciso se envolver com o tempo histórico. Noutras palavras, há duas Lapas do Bom Jesus, uma cosmológica, reconhecida pelos romeiros, e outra histórica, onde vivem os

lapenses. A estas duas representações de cidade corresponde também uma dupla representação do Bom Jesus que é construída por cada um desses grupos (Steil, 1996, p. 76).

Neste sentido, cumpre lembrar que, apesar de a festa proporcionar a ruptura do tempo comum para o tempo extraordinário, os moradores vivem o tempo secular; é possível demonstrar isso, quando estive várias vezes na fonte, também nos dias de festa e, encontrei alguns moradores pegando a água do manancial que consomem quotidianamente para abastecer suas casas, a mesma água que devotos levavam consigo por considerá-la milagrosa.

Todavia, todos eles aguardavam, ansiosos, a festa de Nossa Senhora da Saúde por saberem que ela promove a alegria, o reencontro com a fé, a aproximação dos indivíduos, a possibilidade de ganhar algum dinheiro e a renovação para a volta à rotina.

2.2.2. Os agentes religiosos

A organização da Festa de Nossa Senhora da Saúde contou com a contribuição de inúmeras pessoas da comunidade e de Tabuleiro do Norte. Inicia-se em Julho os trabalhos com os grupos de liturgia cujo objetivo é estabelecer o programa da festa religiosa, incluindo-se a escolha dos Evangelhos, dos cânticos e das orações. Este é o momento no qual se definem os padres celebrantes e, os corais que participarão das missas.

Atualmente a coordenadora desse trabalho é D. Lúcia de Sousa, que exerce esta função há pouco mais de dois anos, além de ser comerciante. Segundo ela, é uma tarefa difícil, pois envolve muitas pessoas, o que torna o consenso distante, mas por outro lado, é gratificante, pois se diz realizada ao desenvolvê-la. Apontou como um dos conflitos mais explícitos entre a comissão do santuário e os donos de bares a questão do som, comumente ligado durante as atividades religiosas, incômodo também para os fiéis. Devido a essas dificuldades com as quais se depara, ela diz que sua família não aprova, já que, além de não ter remuneração, não tem sequer o reconhecimento da comunidade.

Comecei a trabalhar aqui a convite da irmã Giselda. Fiz um curso para ser ministra da eucaristia. E me tornei uma católica praticante. Faço esse trabalho por dedicação e amor a minha religião, mas minha família é contra, pois meu trabalho não é reconhecido. Ano passado fui chamada pelo promotor para uma reunião com os donos de bares e por isso fui até ameaçada pela dona de um bar (D. Lúcia, 28.03.2003).

Encerrados os festejos, não se encerraram os trabalhos. Ao término da programação religiosa, uma equipe formada por membros do conselho do santuário deu início à abertura dos cofres, para somente depois ir à diocese de Limoeiro do Norte para a contagem do dinheiro arrecadado durante a romaria e que é dividido entre a diocese, o santuário e a paróquia de Tabuleiro do Norte, o que acaba sendo motivo de queixa entre os moradores.

Nesse sentido, um aspecto apontado por Bourdieu (1996) no campo religioso, e que merece ser aqui contemplado, é a questão da dádiva. Para o autor, a religião é como uma espécie de empresa, podendo a ela ser atribuídos os mesmos princípios de análise da economia pré-capitalista. A economia da oferenda, da benemerência, do sacrifício, visivelmente expressos na Igreja católica contemporânea, revelam-se como as dimensões “econômicas” da igreja, muito embora esta recuse tal idéia.

Existem duas verdades para a empresa religiosa. A verdade econômica e a verdade religiosa, que recusa aquela. Para as práticas religiosas, seria preciso utilizar duas palavras sobrepostas: “apostolado/marketing, fiéis/clientela, serviço sagrado/trabalho assalariado etc. O discurso religioso que acompanha a prática é parte integrante da economia das práticas como economia de bens simbólicos” (Bourdieu, 1996, p. 185).

Tal ambigüidade configura-se como uma propriedade geral da *economia da oferenda*. Esta troca, seja ela em dinheiro, trabalho prestado ou sobretudo, em sacrifícios, é prática corriqueira em locais de peregrinação religiosa.

A troca da dádiva (ou de mulheres, de serviços etc.), concebida como paradigma da economia de bens simbólicos, opõe-se ao “toma

lá da cá” da economia econômica, já que não tem como princípio um sujeito calculista, mas, um agente socialmente predisposto a entrar, sem intenção ou cálculo, no jogo da troca (Bourdieu, 1996, p. 164/5).

Outro aspecto concernente à dádiva apreciado por Bourdieu (1996) é o da benemerência, isto é, dádiva gratuita de trabalhos e de serviços. Nesse sentido, reafirma a idéia de que a religião pode ser vista como uma empresa, muito embora não se reconheça como tal. Os agentes religiosos não admitem que suas ações e funções sejam definidas e restringidas a partir da dimensão econômica. “As tarefas sagradas são irredutíveis a uma codificação puramente econômica e social” (p. 186).

O trabalho benemérito na igreja é comparado ao modelo das relações familiares. O trabalho das instituições religiosas, tanto na prática como simbolicamente, tende a eufemizar as relações sociais, incluindo as relações de exploração e transformando-as em relação de parentesco espiritual ou de troca religiosa, obedecendo à lógica da benemerência. Para os agentes religiosos há, nesses trabalhos (limpeza de igrejas, manutenção e decoração de altares, preparação de batismos, de casamentos e de cerimônias funerárias), uma dádiva que se constitui na livre oferta dada de tempo e dinheiro. Entretanto, isso se configura para o autor como uma demonstração de exploração *mascarada*, haja vista existir uma ambigüidade na execução de tarefas sagradas.

O funcionamento da lógica da benemerência, e a exploração que ela valida é ajudado e facilitado pela ambigüidade objetiva das tarefas sagradas: empurrar as macas de doentes em uma peregrinação é tanto um ato caridoso, como um fim técnico, que pode ser feito por uma enfermeira assalariada. O cuidado dos lugares do culto é um ato técnico ou ritual (de purificação)? (Bourdieu, 1996, p. 188).

No tocante aos trabalhos beneméritos, geralmente desenvolvidos por mulheres, é notória a participação de senhoras de Tabuleiro do Norte, que vão ao Santuário dar a sua contribuição nos trabalhos da igreja, como ornamentar o altar, recolher as ofertas, anotar as intenções das missas etc. Assim faz D. Lindete, que nos dias de festa também muda para a vila, a exemplo de D. Graziela, conforme assinala há pouco. Sua tarefa consiste em dar conta de registrar e receber o

dinheiro das intenções das missas e das ofertas. Segundo ela, desenvolve este trabalho por fazer parte de sua religião, conforme narra a seguir:

Eu cuido das ofertas e das intenções das missas. Eu dou uma ajuda porque sou catequista em Tabuleiro. Na religião católica, a catequista é segunda pessoa do padre. Então eu vou lá pelo dia dez ou onze e só venho depois do encerramento (D. Lindete Gadelha, 26.09.2003).

Para a realização desses trabalhos a comissão organizadora conta ainda com a ajuda de um grupo de jovens da localidade, que agora se mostra mais inteirado das festividades religiosas.

A Irmandade de Nossa Senhora da Saúde fundada em 1950 pelo Pe. Monsenhor Otávio Santiago e por D. Erundina Nunes também desenvolve atividades no santuário, como a participação nas celebrações e a compra de material, entre eles cadeiras, equipamento de som, toalhas, velas etc. Segundo D. Maria Rufino, residente em Olho d'Água dos Currais, a Irmandade conta atualmente com 118 associadas que contribuem com uma quantia mensal ou anual, mas ressalta que poucas são do Olho d'Água da Bica. Comumente alguns membros se reúnem no primeiro Domingo de cada mês, já que se constitui numa norma do grupo, oportunidade que rezam, cantam e analisam projetos que podem vir a ser realizados no santuário, mas como a maioria das associadas é de Tabuleiro do Norte e de outros lugares o encontro restringe-se a no máximo dez ou quinze pessoas.

Faço parte da Irmandade há muito tempo. Minha mãe foi associada, minha família toda. Foi fundada no Olho d'Água, mas a participação maior é do pessoal dos Currais. O pessoal do Olho d'Água gosta mais do outro lado, não é da religiosidade (Maria Rufino, 20.09.2003).

Ainda conforme D. Maria Rufino, a pedido do Bispo Diocesano e do padre local, a Irmandade teria que desenvolver também um papel social, útil, voltado para os idosos e todos os necessitados que freqüentem o santuário, e não apenas

direcionado para o aspecto religioso. Para tanto, é necessária a legalização da associação já que esta possui estatuto.

Reporto-me à discussão de que a igreja também é uma empresa de dimensões econômicas que se apóia em vários recursos para garantir tal continuidade, como os rendimentos dos bens da igreja e os das oferendas depositadas pelos fiéis. As peregrinações são tidas como empreendimentos econômicos propriamente religiosos, chamadas de empresas de turismo. Em Olho d'Água da Bica, já é possível observar uma organização nesse sentido. As famosas “lotações” como aqui são chamadas, são organizadas meses antes, bem como a estada dos romeiros na localidade, o que gera uma renda extra para o distrito.

Aliás, dada a relevância dessa festa para a economia local, chega-se a afirmar que o desenvolvimento do lugarejo está associado ao santuário. Desse modo, devido à popularidade que a festa vem alcançando, encontra-se em andamento junto a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, um projeto idealizado pelo pároco local Francisco Edvaldo Marques juntamente com o Conselho do Santuário para incluí-la no circuito do turismo religioso. Tal fato demonstra quantos interesses podem estar envolvidos numa festa religiosa. Os moradores não só concordam, como também incentivam a iniciativa do padre, pois entendem que o distrito, a exemplo do que ocorre em outros centros de peregrinação religiosa, crescerá, pois será ainda mais visitado.

2.2.3. Os romeiros

A atuação dos romeiros durante a festa religiosa é intensa. Na romaria de Nossa Senhora da Saúde, vão a pé em peregrinação logo nos primeiros dias de festejos, em cumprimento a uma promessa, e em agradecimento pela graça alcançada, comumente a cura de uma doença. A caminhada é a oração que fazem com os pés. Geralmente são mulheres, mas é possível observar também a participação de alguns homens e de algumas crianças. Formam grupos de aproximadamente dez pessoas. Nas bagagens trazem lanches, remédios e principalmente água, itens capitais já que se trata de uma viagem relativamente longa, num total de vinte e quatro quilômetros para os que saem da Sede, fazendo o

percurso, em aproximadamente seis horas. Alguns grupos solicitam acompanhamento de um carro de algum conhecido ou parente para que preste assistência caso ocorra alguma eventualidade, pois alguns não conseguem concluir a viagem.

Eu vim com uma turma de 18 pessoas entre crianças e adultos, mas, teve duas crianças que não conseguiram chegar aqui a pés, aí vieram no carro. Mas agente conseguiu, com muita fé, a gente consegue. Só que quando amanhece o dia a gente tá arrasada. A gente saiu 07:15 e chegamos aqui 01:20 da madrugada (Rita Soares Chaves – Romeira de Tabuleiro do Norte, em 13.08.2002).



Fig. 10 – Peregrinos a caminho do Santuário, 08/1999.

Foto: Débora Maia.



Fig. 11 – Peregrinos a caminho do Santuário, 08/2001.

Foto: Débora Maia.

Ao chegarem ao Olho d'Água, os romeiros, tomados pelo cansaço, fazem sua primeira parada no santuário, onde oram aos pés da imagem de Nossa Senhora da Saúde, por terem conseguido chegar em paz. Em seguida, se dirigem ao salão dos romeiros ou à casa de algum conhecido a fim de tomarem um banho ou ao menos lavarem os pés. No entanto, pude observar que a maioria dos romeiros que vem a pé volta, imediatamente, para suas casas. Aqueles cujas promessas só são cumpridas ao assistirem a uma missa, passam a noite na vila aguardando a celebração no dia seguinte, pois é durante a madrugada que a maioria dos grupos de peregrinos chega ao santuário.

Sáimos de Tabuleiro 03h15min da tarde e chegamos 09h00min da noite. A viagem é muito cansativa, desgastante. E como só vinha mais mulher, eu vinha com medo. Mas nós rezamos terço no meio do caminho, pedindo a ela que nos ajudasse e ela confortou. Dá sede, dá fome, dá dor nas pernas, mas a gente chega lá. É a força dela

que ajuda a gente a cumprir a promessa. Graças a Deus eu paguei. Quer dizer paguei ainda não, porque falta assistir a missa. Eu vou passar o dia aqui. Quando cheguei entrei diretamente na igreja para fazer a visita a ela, rezei. E se Deus quiser, hoje à noite assisto a missa toda de joelho e vou dar as duas esmolas para depois enfrentar outra viagem de volta para casa (Lena – romeira de Juazeiro da Bahia em 14.08.2001).

Apesar do cansaço, dizem-se felizes por ter conseguido chegar em paz e por ter pago suas promessas.

A viagem foi ótima. Não teve conflito de nada no caminho. A gente tirou o caminho todo em paz. Graças a Deus e a Nossa Senhora eu sabia que a gente ia conseguir chegar em paz. A viagem dá um cansaço. Mas quando a gente chega aqui parece que some aquele cansaço, acaba dor nas pernas e nos pés que a gente vinha sentindo. E a gente fica bem (Raimunda Célia Magalhães – romeira de Tabuleiro do Norte em 13.08.2001).

A questão do esforço físico, do sacrifício do devoto, explícito no cumprimento das promessas, revela a dimensão de sua fé, conforme se observa nessa fala:

No primeiro ano que eu vim em 97 eu vim de moleta. Quase que eu não conseguia chegar. A gente passou mais de seis horas caminhando. Ainda hoje minha perna força. Eu boto uma joelheira pra vir, né? Pra proteger ela. Aí, passo uma semana sem andar direito, fica dolorida, dói muito, mas com o tempo volta ao normal. Enquanto tiver vida, ficando velhinho e vindo. (Jean Elker – romeiro de Tabuleiro do Norte em 12.08.2001).

Existem também aqueles romeiros que comumente vêm nas “lotações” (ônibus fretados) e chegam ao santuário em grande fluxo no dia 14 de Agosto, por volta das 16h00minh. São pessoas não só do entorno, mas também de outras regiões do Ceará e, inclusive, de outros estados que há muitos anos para lá fazem romaria. Conversei com alguns que se tornaram organizadores das lotações de tanto que já visitaram o santuário. Aliás, não poderia deixar de mencionar a

recorrência com que o peregrino do Olho D' Água se refere ao culto a São Francisco de Canindé, sendo este um traço identificador subjacente à romaria. Seu Francisco Barbosa de Freitas, de setenta e sete anos, mostrou-se um assíduo peregrino desses centros religiosos:

Já vim aqui dezessete vezes com essa. Em seguida. Todos os anos. De primeiro eu vinha pagar promessa e dar esmola. Tudo que eu peço a ela, tá alcançado. Tive doente e alcancei uma graça. Enquanto eu puder andar eu venho, aqui e no São Francisco. Agora eu venho só visitar, porque os colega diz que só vem, se eu vier, né? Eu faço a lotação. No dia 14 todo mundo já sabe. Eu saio andando, pra cima e pra baixo, na Barreira em Itaiçaba, até em Russas eu tenho passageiro. Eu já tô organizando pra Canindé também (romeiro de Itaiçaba em 14.08.2001).

Quando chegam ao distrito, passam na igreja e “cumprimentam” Nossa Senhora da Saúde, em seguida vão à nascente para entrarem em contato com a água que jorra da fonte, e que consideram milagrosa. O objetivo é também levá-la para suas casas. Já no final da tarde, voltam para a vila, a fim de tomarem banho, jantarem e, em seguida, irem ao santuário assistir às celebrações.

Os romeiros participam de todas as atividades religiosas quando estão na localidade. Depois de terem ido à nascente, alguns se confessam aos padres e permanecem na igreja cultuando a imagem de Nossa Senhora. Em seguida assistem ao terço e, com muita devoção, à missa das 19h00minh, oportunidade na qual são saudados pela comunidade católica; em seguida, participam da procissão. Neste ano (2002) foram mencionados romeiros das cidades de Russas, Jaguaruana, Ocara, Palhano, Jaguaribe, Fortim, Morada Nova, Jaguaretama, Quixeré, Limoeiro do Norte, Itaiçaba, Nova Jaguaribara, Fortaleza e Apodi-RN. A visita à Casa dos Milagres também é imprescindível, pois é o lugar onde muitos depositam os ex-votos como prova de reconhecimento pela graça alcançada.

A banda de música e um filme religioso exibido ao lado da igreja proporcionavam entretenimento aos romeiros que aguardavam, sentados no patamar da igreja e nos bancos da praça, a missa da meia-noite. Alguns circulavam pela vila a fim de comprarem, como eles dizem, “uma lembrança de Nossa Senhora da Saúde” para alguém querido que ficou em casa. Eles compram artigos variados,

entre eles as imagens de santos, os terços e as famosas “fogosas”²⁶ que nunca faltam nessas festas de santos padroeiros. E desse modo, contribuem para que haja a circulação de dinheiro na comunidade.



Fig. 12 – Romeiros assistindo à Celebração, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

Segundo os romeiros, esta idéia da administração municipal de proibir que os vendedores montassem suas barracas nas proximidades da igreja foi acertada. As inúmeras barracas montadas na praça e na rua que dá acesso à igreja prejudicavam os devotos porque aglomeravam muitas pessoas, inclusive aquelas que não estavam ali com o intuito de participar das atividades religiosas, desse modo, a difícil acomodação e o barulho dos transeuntes acabavam por dispersar a atenção dos fiéis.

²⁶ Biscoito feito com goma e açúcar.



Fig. 13 – Romeiras no comércio, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

Os pedidos feitos à Senhora da Saúde são, em alguns casos, feitos por devotos que, muitas vezes, fazem a promessa em favor de uma outra pessoa, que se não tinha devoção para com a santa, passou a ter:

A minha promessa foi o seguinte. Inclusive, foi minha mãe que fez. Em 97 eu sofri um acidente de moto e o médico me disse que talvez tivesse que operar o joelho. E que eu não ia conseguir mais dobrar ele. Aí, minha mãe fez a promessa. Eu consegui essa graça e não foi preciso operação. Com seis meses voltei a andar e todos os anos enquanto vida tiver tenho que vir pagar a promessa. Eu acredito demais, tenho muita fé. Existem várias religiões, não é? Não critico religião de ninguém, mas eu nasci na católica e por enquanto quero nela permanecer. Na minha família todos são devotos de Nossa Senhora da Saúde (Jean Elker – 12.08.2001).

E ainda:

Eu alcancei uma graça. Tava praticamente aleijada dos meus pés, uma doença que deu, que nenhum dos médicos descobriram. Aí, uma senhora lá da Água Santa fez a promessa por mim. E eu alcancei e vim pagar a promessa ano passado (2000) e vim esse ano só pela penitência mesmo e no próximo ano se eu for viva eu venho de novo. Se Deus quiser e Nossa Senhora me ajudar e me abençoar (Raimunda Célia Magalhães – 13.08.2001).

Este é o romeiro da Senhora da Saúde, que raramente vai apenas uma vez ao santuário: durante a pesquisa conversei informalmente com muitos que freqüentam o lugar há dez, quinze anos ou mais. A visita do devoto a um centro de peregrinação religiosa é marcada pela fé, pois este foi atendido milagrosamente pelo santo padroeiro.

O que me trouxe aqui foi à força de vontade. Eu vim ano passado (2000) aqui pagar uma promessa. Mas à vontade de chegar aqui de pés era tão grande que me deu vontade de voltar esse ano (2001), porque a fé que a gente tem em Nossa Senhora da Saúde é grande demais. E outra, que quando a gente adocece, o que agente pede, a gente alcança. Pede com fé, com esperança, e é isso que faz a gente vim. Eu vim ano passado e eu disse que se eu for viva no próximo ano eu venho de novo, porque a fé que eu tenho em Nossa Senhora da Saúde é grande (Raimunda Célia Rodrigues – 13.08.2001).

O problema que eu passei foi triste. Tinha vários caroço na vagina. Eu sofri muito naquele hospital do câncer, vendo aquele povo morrendo. Uma mulher morreu de frente a minha cama com câncer no útero. Via gente com algumas partes do corpo tudo comido pelo câncer. É triste! Meu Deus do Céu pra quem vê é muito triste. A gente ver tanta coisa que se desespera. Só tem uma saída. Você se apegar à santa que você tem fé, como eu tenho em Nossa Senhora da Saúde, que já me acudiu uma vez num acidente de uma irmã minha. Fiz a cirurgia e não nasceu mais nada, nem quimioterapia eu precisei fazer. Foi uma graça. Nossa Senhora da Saúde me atendeu. Foi uma graça que eu alcancei (Lena Xavier – romeira de Juazeiro da Bahia, 14.08.2001).

Não procura outras atividades proporcionadas pela festa. Seu objetivo de fato é o encontro com a Senhora da Saúde. Seu Francisco Freitas Barbosa salientou, a esse respeito que, a festa atualmente tenha adquirido uma outra dimensão:

Cada ano fica diferente um pouco. E outra coisa hoje, é que o povo quer saber é de seresta e de bar. Festa de igreja é bem poucos que vão. O povo deixa de dar uma esmola a um cego, a um doente, a alguém passando fome para ir brincar. Eu não tenho essa opinião. Eu tendo, pediu eu dou (14.08.2002).

O romeiro de Nossa Senhora da Saúde, ao se deslocar do lugar onde vive, deixa suas atividades diárias e adentra num mundo sacralizado demonstrando que sua ida ao santuário durante as festividades tem por finalidade o agradecimento pelo benefício alcançado e, por conseguinte, o cumprimento de suas promessas.

Eu vim de Juazeiro da Bahia pra cá. É longe, é mais de um dia de viagem e eu vim na intenção só de pagar minha promessa. Não vim em outro termo. Festa eu não vou ficar em festa. Eu vim só pagar a promessa. Hoje à noite eu assisto a missa e depois eu to pegando o ônibus pra ir embora. Eu vim só nessa intenção e ela [Nossa Senhora da Saúde] vai me ajudar a voltar bem e em paz (Lena – 14.08.2001).

Já venho há quatro anos. A gente vem com as pessoas idosas. Às vezes a gente vai nas barracas, mas vamos logo embora (Francisca de Lima Oliveira – romeira de Morada Nova – 14.08.2002).

Ao término de todos os rituais religiosos o romeiro sente-se renovado e purificado, levando consigo o desejo da volta no ano seguinte, fato este que nos remete ao tempo cíclico ritualizado através das festas periódicas. Este é o momento no qual a “coletividade” se reúne para celebrar sua fé para com Nossa Senhora da Saúde através das cerimônias religiosas.

2.2.4. O clero

Participaram da Festa de Nossa Senhora da Saúde padres visitantes, fato que é recorrente nas festas de santos padroeiros, o Bispo Diocesano Dom José Haring, de Limoeiro do Norte, e o pároco local Francisco Edvaldo Marques. Além das celebrações corriqueiras, como as missas, o clero realizou batizados, confissões, correntes de orações, terços, enfim, muitas atividades cujo desejo é tornar a festa mais espiritual, tal como disse o padre local. Aspecto este que foi notadamente ressaltado durante as liturgias.

Assisti às celebrações religiosas tencionando observar os discursos enunciados pelos representantes institucionais da Igreja. A figura do padre emerge nas festas religiosas, na verdade não apenas nelas, mas em outros campos de atuação (seja político, educacional e social) como sendo um representante legítimo da Igreja.

Segundo Brandão (1987), o padre institucionaliza a prática religiosa da cidade e desempenha o papel de mediador entre a sociedade civil e a comunidade católica. Realmente, as liturgias representam um momento de intervenção, pois o padre detém os meios legítimos de manipulação do sagrado local.

Sob essa perspectiva, é oportuno destacar que o pároco local mostrou-se totalmente contra a festa que acontecia fora da “área da igreja”. O clero, juntamente com a comissão organizadora do santuário, tem trabalhado nesses dois últimos anos (2001 e 2002) com a finalidade de que a festa seja de fato para oromeiro e que a comunidade perceba o “seu real significado”.

É preciso fazer uma reflexão para que a festa se torne mais espiritual. Se, estamos numa festa religiosa, devemos dar prioridade às atividades religiosas. Eu fiquei observando que poucas pessoas assistiam ao filme. Eu não entendo como existem devotos que saem do santuário e vão para o forró. Aliás, existem aquelas pessoas que não entram nem no santuário e se dizem católicas. Aqui o filme de Maria; a programação religiosa; lá a programação do mundo (Pe. Marques em 13.08.2002).

A esse respeito, proferiu o Prefeito Municipal:

Vamos fazer desse santuário uma festa marcada pela espiritualidade
(Maiard de Andrade, 14.08.2002).

A atitude da igreja em inovar, promovendo para os romeiros outras atividades que não se limitem às celebrações religiosas pode, em meu entender, ser interpretada como uma tentativa encontrada para “concorrer” com a festa que acontece fora dos seus domínios. Desse modo, recordaria Brandão (1987), que em seu estudo sobre as religiões no Brasil, especificamente sobre a festa de Pirinópolis, afirma que há uma subordinação da igreja em relação à festa e vice-versa.

Nos últimos anos tem havido uma interação maior entre os fiéis e o clero durante as celebrações. Além da saudação feita aos romeiros, é prática do pároco local, reportar-se à comunidade católica concedendo-lhe espaço a fim de que fale sobre a história do santuário ou sobre suas graças alcançadas.

Os temas abordados pelos padres nas homilias versaram sobre os mais diversificados assuntos. Enfatizaram a questão da dominação que os povos sofrem em relação aos Estados Unidos especificamente no caso da Área de Livre Comércio das Américas – ALCA, e falaram sobre a violência mundial; temas demasiadamente discutidos no contexto sócio-econômico atual. A questão da violência é sobretudo discutida no Vale do Jaguaribe devido ao alto índice de criminalidade observado na região. Em entrevista ao jornal “Diário do Nordeste”, em 15 de Agosto de 2002, disse Dom José Haring:

Isso decorre de muitos fatores, como a desestruturação das famílias, a violência propagada pelos próprios meios de comunicação, o período eleitoral, como brigas entre políticos, a corrupção, a incoerência e a falta de sinceridade entre as pessoas. As pessoas vivem hoje num mundo violento pela palavra e pela ação. A romaria serve para animar o povo, sensibilizar as autoridades e, o mais importante, fazer com que o povo não perca a esperança por um mundo de paz.

Ainda sobre o papel da Igreja acerca da violência no Vale do Jaguaribe afirmou o pároco local:

A romaria é o momento de sensibilizar a toda a população e as autoridades para uma cruzada em favor da paz. A violência não pode continuar assim, temos que bani-la. Nossa região e nosso Município passam por um momento de muita violência. Estamos, pois, aproveitando esse momento para fazermos uma reflexão sobre tudo isso que está acontecendo e fazemos um chamamento às autoridades para que restabeleçam a paz (Pe. Marques – Diário do Nordeste em 15.08.2002).



Fig. 14 – Pe. Francisco Edvaldo Marques, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

Em vista disso, outro tema ressaltado pelo pároco local nas homilias incide sobre o significado dos festejos para a Igreja. Referindo-se às demais atividades proporcionadas pela festa, o padre disse aos fiéis:

Este santuário foi a causa de toda essa festividade. Não existe mesa de bar, casa de jogo que lhe dê saúde. Mas aqui, na casa de Nossa Senhora, você já alcançou uma graça e encontrou sua saúde. Peço que as pessoas não se distraiam com os forrós, com os bares, pois isso não combina com a devoção a Nossa Senhora, com o espírito religioso (Pe. Marques em 14.08.2002).

A assertiva acima demonstra que as festividades que não condizem com os rituais católicos são geralmente questionadas pelos representantes da igreja, sobretudo, durante as celebrações. Sendo assim:

A gratidão a Nossa Senhora foi o que trouxe você aqui. Você está aqui agradecendo a esse bem maior, a saúde que o mundo não pode dar. Que os forrós da vida não podem dar. Que as coisas terrenas não podem dar. O bem maior vem de Deus (Pe. Diomedes em 13.08.2001).

O Bispo Diocesano também se referiu ao calendário católico, especialmente à “Assunção”, ou seja, a subida de Nossa Senhora ao céu nas celebrações de 14 e 15 de Agosto, data que, como vimos no início deste trabalho, marca os grandes cultos marianos.

A cada ano novas questões vão sendo incorporadas aos “sermões”. Este ano muito foi falado sobre os trabalhos de panfletagem realizados pelos políticos na localidade. O Clero mostrou-se indignado pelo fato de tais pessoas estarem se apropriando de uma festa religiosa com este objetivo. Fez alusão, ainda, à questão da sujeira em consequência desse trabalho e, por fim, comentou sobre o desrespeito à comunidade.

Simultaneamente aos festejos religiosos, manifestam-se no espaço da romaria, outras atrações que disputam a atenção dos visitantes como os bares, as serestas, as companhias de rodeios, os parques de diversões, os prostíbulos e, principalmente, os forrós, o que deixa alguns moradores mais antigos insatisfeitos e decepcionados, reação análoga à do clero.

Além dessas atrações, outra categoria que se faz presente nesse espaço é a dos comerciantes, que lotam a vila com suas barracas, vendendo os mais variados artigos. No tocante à retirada das barracas das proximidades do santuário, o pároco local, tal como os romeiros, não só aprovou, como também parabenizou a administração municipal por tal resolução.

Ficou bem dividido: aqui, a festa religiosa, sagrada. Lá a festa profana do mercado (Pe. Marques, 15.08.2002).

Isto posto, destaco as representações existentes acerca do “espaço” e, nesse sentido, reporto-me a duas formas de estar no mundo, já mencionadas aqui: a sagrada e a profana. Para Durkheim (1986), apesar de não existir sociedade que não tenha um grau de religiosidade, dificilmente essas categorias se misturariam. Representam duas formas de vida que se excluem e que não podem ser vividas no mesmo instante e com a mesma intensidade. A vida profana e a vida sagrada não podem, pois, coexistir no mesmo espaço e, da mesma forma, não podem coexistir nas mesmas unidades de tempo, daí instituíram-se os templos e os santuários.

Assim, conceber a romaria de Nossa Senhora da Saúde como sendo um espaço onde se manifestam discursos diversos, é uma realidade. Com efeito, afirmar que esses espaços de fato se entrelaçam, é duvidoso. As diversas categorias que lá se encontram, apesar de estarem próximas fisicamente, demarcam seus “espaços”.

A concepção Durkheimiana repousa na idéia de interdito, isto é, de que o profano não deve tocar o sagrado, já que, por definição, este é um mundo à parte e como tal deve ser tratado de maneira particular. As relações com o que o compõem: os gestos, a linguagem e as atitudes, assumem forma diferenciada daquela utilizada no mundo profano. Tempos, espaços e objetos sagrados não se misturam aos

profanos, pois o que os mantém à distância é a força que está na consciência dos fiéis.

O mundo sagrado mantém com o mundo profano relação de antagonismo... Quando pensamos nas coisas santas, a idéia de um objeto profano não pode aflorar ao espírito sem encontrar resistências; algo em nós opõe-se a que ela venha instalar-se aí. É a representação do sagrado que não tolera essa aproximação (Durkheim, p. 383).

É sabido que as categorias sagrado/profano fazem parte de toda religião, aliás, são categorias que marcam as duas formas de estar no mundo. Todavia, fica evidente, através da fala do padre, a tentativa da Igreja para que de fato esses espaços não se misturem, o que remete à questão do interdito, tal como sinalizou Durkheim. Sob esse aspecto, pude observar isso em alguns momentos da festa: quando ele pediu aos fiéis que não se distraíssem com atividades não religiosas e ao apoiar a decisão da Prefeitura Municipal com relação à retirada das barracas das proximidades do santuário. Além disso, ao iniciar a missa da meia-noite, é comum uma pausa nos forrós e nas serestas que acontecem na localidade, cuja justificativa, por parte dos representantes da Igreja é de que o alto volume dos sons atrapalha por demais as celebrações. São, portanto, as chamadas divisórias que possibilitam ao sagrado não entrar em contato com o profano.

2.2.5. Os vendedores

A festa religiosa é um mecanismo gerador de renda para a economia local, já que durante os dias de festejos da padroeira a localidade de Olho d'Água é tomada por peregrinos e outros visitantes. O comércio é responsável pela mudança no contexto econômico do lugar. São vendedores não só da Bica, mas de outras cidades que chegam à localidade alguns dias antes da comemoração maior – o dia 14 de Agosto – e permanecem até o encerramento dos festejos. Nessa perspectiva, cumpre recordar que Callois (1950) refere-se ao significativo crescimento do

comércio nas festas, cujo destaque é dado não somente ao aspecto religioso, mas também ao econômico.

Os vendedores que vêm de fora chegam em “lotações” fretadas em grupos de dez a quinze pessoas. Dividem as despesas e por isso consideram tal meio mais apropriado para esse tipo de trabalho, já que os ônibus não aceitam o tripé²⁷, nem a quantidade de mercadoria que levam consigo. A maioria deles é de Canindé e Juazeiro do Norte-Ce., sobrevivem do que vendem nessas festas de santos padroeiros e acompanham-nas através de um calendário religioso.

A gente tem o calendário das festas. Lá em Canindé trabalho durante seis meses, no tempo do verão, no período da festa. Eu frequento algumas dessas festas de santo, porque todas não dá, pois no período que acontece essa daqui, tá acontecendo em outros lugares e a gente não pode tá em todas (D. Aila – vendedora de Canindé em 13.08.2001).

Alguns vendedores ambulantes têm outros meios de se atualizarem ao circuito religioso.

A gente liga pra cidade, pede informação de quem é a padroeira. Aí falam a data pra gente e quem é a padroeira. Aí, a gente arruma uma equipe de dez a quinze camelôs e chega tudo junto (D. Helena Damasceno –vendedora de Juazeiro do Norte em 12.08.2001).

A gente conhece uma turma né? E de repente conhece outra. Sai procurando festa e começa a formar a turma pra gente viajar (D. Vera Lúcia Romão – vendedora de Juazeiro do Norte –Ce em 13.08.2001).

Gostaria de enfatizar que os vendedores itinerantes com os quais mantive contato, apesar de estarem trabalhando, se mostraram dispostos a falar de suas vidas, ora animados, ora cansados de tal rotina. A maioria deles comentou que ao

²⁷ Suporte de ferro usado pelos vendedores para armarem suas barracas e que pode ser utilizado também como cama.

chegar ao local da festa, procura a igreja para fazer uma oração e pedir que tudo corra bem durante sua estada na localidade. Pude observar como é árdua a vida que levam. Muitos, como dizem eles, estão nessa vida, “porque emprego tá muito difícil” e quando tem, o salário não compensa; desse modo, optam por enfrentar dificuldades como a viagem, a acomodação nas barracas e, sobretudo, o prejuízo nas festas em que o rendimento não é satisfatório. Aliás, segundo eles, as vendas estão “fracas” também nas grandes romarias, o que me faz pensar ser um reflexo da atual situação econômica pela qual passa o país, já que estamos vivendo um período pré-eleitoral, o que provoca uma certa instabilidade no setor financeiro agindo diretamente na vida das pessoas.

Eu trabalho no Nordeste todo. Não tenho emprego, sou formada e exerço camelô. É da vida. Tá super difícil. Mas assim com eu já disse, vim ano passado, pra mim tá sendo uma surpresa, porque aqui ainda é Ceará e Ceará geralmente não nega. Ceará, Pernambuco, Bahia, pois os Estado que é mais fraco é Piauí e Paraíba pra gente. Nesse trabalho ganho mais. Se der um desacerto desse toda festa, aí a coisa pega. Mas tem festa que a gente apura. Às vezes a gente pega quatro, cinco, seis festas num mês. Aí, vale a pena né? Esse período agora até o mês de janeiro não falta festa. Aí também tem o período que é paradeiro (D. Helena Damasceno).

Também dizem estar nessa vida porque é o ramo da família e, como vida de camelô é uma vida “dura”, trabalhar em família torna o labor menos árduo.

Eu viajo com meu cunhado e minha irmã. Em todas as áreas você encontra um tipo de dificuldade. Mas aqui, a gente não encontrou tanta dificuldade porque o pessoal daqui é legal. Eles receberam a gente muito bem. Mas sempre em alguns lugares por aí, a gente encontra dificuldades, mas fazer o quê? (D. Aila em 13.08.2001).

Tem festa que a gente não pode trabalhar direito. Vida de camelô é uma vida mais dura. É corrido. Mas é muito difícil agente chegar numa cidade e não ser bem recebido. Mas eu gosto do que faço. No meu caso, parece que tá é no sangue. Meu pai é comerciante e como minha mãe diz, parece que eu quis herdar isso dele. Meus irmãos tudo tem uma boa posição. Toda vida eu gostei de comércio. Eu toda vida acompanhei meu pai e tomei conta do comércio. Aí eu

casei com 16 anos. Talvez seja isso que até não deixou eu caminhar mais pra frente. Aí me dediquei muito ao comércio junto com meu marido. Mesmo eu trabalhando em sala de aula eu tinha comércio. Aí eu cansei e fiquei só com o comércio de cidade em cidade (D. Helena em 12.08.2001).

Essas pessoas vivem de romaria em romaria, vendendo suas mercadorias. São artigos religiosos (terços, imagens, santinhos, quadros), utensílios domésticos (panelas, copos, baldes, serviço de cama, mesa e banho), roupas e sapatos de todos os tipos e tamanhos, bolsas, cintos, brinquedos, bijuterias, comidas (sanduíches, sopas, churros, sorvetes), enfim, uma variedade de produtos para atender o gosto e as necessidades doromeiro e dos demais visitantes. Sobre o quê oromeiro mais procura, disseram o seguinte:

Nessa festa aqui, artigo religioso; imagens, terço e quadro, né? Eu achei a venda de artigo religioso bem maior. Por sinal ano passado (2001) eu trouxe mais. Minha mercadoria ano passado era mais artigo religioso e eu fiz uma boa venda e achei melhor do que essa que eu trouxe mais brinquedo (D. Vera Lúcia Romão – vendedora de Juazeiro do Norte –Ce em 13.08.2002).

Os produtos são, basicamente, os mesmos, porém os vendedores procuram sempre trazer novidades, especialmente o que está na moda.

A gente sempre traz as mesmas coisas, as imagens. Só muda assim, as coisas que tá em moda. Por exemplo, esses paw ranger, esses cintos de modelo novo, pois aqueles que vão ficando manjado a gente deixa e vai acompanhando a moda, é como confecção. A gente quer trazer novidades melhores (D. Aila – vendedora de Canindé – Ce em 13.08.2001).

Os artigos, os mais variados têm. O que está mais em moda a gente tenta sempre se atualizar. Imagens, por exemplo, essas capelas da Mãe-Rainha são muito procurada, tá bem atualizada. Algumas bijuterias também. (D. Vera Lúcia Romão – vendedora de Juazeiro do Norte-Ce, em 13.08.2002).



Fig. 15 – Romeiros no comércio, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

Mas os vendedores de roupas e sapatos lamentaram-se das vendas que segundo eles foram “fracas”. Pela primeira vez, Seu Severino Vitório, de Caraúbas, no Rio Grande do Norte, participou da festa da Bica a convite de outros colegas de profissão que há alguns anos freqüentam o lugar. Veio com uma equipe formada por aproximadamente quinze pessoas distribuídas em nove carros. Mostrou-se insatisfeito com o lugar de sua barraca, e também, como já disse, com o resultado das suas vendas. Na festa de Nossa Senhora da Saúde, os produtos mais procurados são, pelo que pude perceber, os artigos religiosos, como também bebidas e comidas, o que faz com que os donos de bares e restaurantes não tenham tanto do que se queixar.

Entretanto, nem todos os vendedores se mostraram totalmente contrariados no que concerne à mudança das barracas das proximidades da igreja,

no entanto, afirmam que foram prejudicados, pois entendem que, dependendo do local estabelecido, a mercadoria pode depreciar-se e desse modo as vendas caem significativamente, como afirma D. Helena²⁸:

Porque ano passado a gente vendia perto da igreja, na praça mesmo. Esse ano (2001) eu já tô perto do parque. A poeira né? Aquele mel de terra do parque. Você sabe, alumínio tem que tá sempre tudo limpinho. Aí acaba a mercadoria. Aqui em relação ao ano passado caiu 99%. Não sei se também é porque é cedo ou se porque mudou os locais (12.08.2001).



Fig. 16 – O Parque de diversões, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

²⁸ D. Helena trabalha com gravação em alumínio.

Com efeito, consideram que, de fato, para os romeiros essa decisão foi sensata. Anteriormente, há dois anos mais precisamente, as barracas se concentravam na praça e na rua que dá acesso à igreja. Segundo Seu Antônio:

O romeiro se sente mais à vontade, né? O romeiro que vem de fora. É na área da igreja que o pessoal religioso quer ficar mais à vontade. Lá eles vão assistir muito melhor. Nós, não. Nós somos prejudicados um pouco (14.08.2002).

Ainda sob essa perspectiva:

Assim a cidade fica mais organizada. Eu acho de acordo. Tá certo que nos outros anos ficava ali perto da igreja, aquele tumulto de banca. A gente achou que teve uma venda melhor por estar ali bem próximo a igreja, né? Mas é uma organização da cidade e não tem nada a ver, onde tiver venda o pessoal vai comprar (D. Vera Lúcia Romão – vendedora de Juazeiro do Norte, em 13.08.2002).

Com relação ao tumulto causado durante as celebrações, quando estas eram realizadas no mesmo espaço no qual as barracas dos camelôs eram montadas, afirma Seu Raimundo Silva:

Pra nós seria melhor ficar lá perto da igreja. Porque lá já é tradicional. Mas talvez no próximo ano melhore um pouquinho. Mas pro pessoal religioso é bem melhor. Por exemplo, se eu fosse romeiro achava melhor; pois ouvia melhor, ficava mais à vontade, porque com as banca o pessoal ficava mais perturbado, agora, eu sou comerciante, né? (Em 13.08.2001).

E, ainda, no que diz respeito à localização das barracas e à relação que mantém com os moradores, D. Aila diz que:

Esse ano o padre não quer que a gente coloque as barracas ali [próxima à igreja]. Mas essa rua também é boa. Os moradores receberam a gente bastante bem, muito bem. Eles são muito hospitaleiros (13.08.2001).

Conforme assinalou D. Vera Lúcia: “não existe festa religiosa sem essas barracas. É em todo canto”. Nos centros de peregrinação religiosa, a localização das barracas é sempre algo muito questionado, notadamente quando diz respeito à “mistura” do espaço sagrado e do profano. Contudo D. Helena, que há muitos anos exerce essa profissão, foi categórica ao abordar o assunto.

Nas outras cidades que a gente acompanha, o local das barracas geralmente é perto da igreja. Agora aqui não. Eu não sei porque mudou o esquema (12.08.2001).

A decisão de mudar o local das barracas foi da Administração Municipal, conforme já mencionei. Os vendedores as montam num lugar determinado pelos fiscais da Prefeitura, obedecendo à ordem de chegada ao distrito. Segundo os vendedores, não existe conflito entre eles e os fiscais devido a tal resolução. Aliás, trata-se uma relação pacífica.

O fiscal é um rapaz muito gentil. Ele passou pegando os nomes da gente, ele podia ser uma pessoa nojenta, como a gente encontra por aí. Mas não. Ele foi muito legal. Fez o nosso cadastro e falou que a única exigência do Prefeito era manter tudo limpo. Aqui a tendência é crescer e quem sabe pode até passar a ser cidade (D. Aila – vendedora de Canindé – Ce, 13.08.2001).

O funcionário da Prefeitura Municipal que recebe e acomoda os vendedores durante as festividades afirma que:

A gente tá trabalhando unido com o pessoal das barracas e fazendo nosso trabalho com a polícia também. O pessoal tá recebendo de uma maneira que nunca se viu antes, na maior delicadeza. A gente

faz o possível pra colocar eles no cantinho deles. Eu acho que ficou muito melhor porque essa área aqui que vem de Tabuleiro, a chegada, a entrada pra quem vem a pé, antes era cheia de barraca. Hoje, não. Oromeiro chega cansado e tem onde se deitar, descansar um pouco durante a noite. Hoje tem onde se acomodar. Eu acho que ficou melhor por isso. E tá todo mundo trabalhando bem. Pra onde o camelô vai, vai gente. Claro que vai gente pra igreja, mas depois vem tudo pra essa área aqui onde tem camelô, santo, bijuteria, roupas, essas coisas (José Francisco da Costa, funcionário da Prefeitura Municipal, em 13.08.2001).

A vida desses vendedores é, portanto, itinerante. Não param muito tempo num determinado lugar, a não ser no inverno, pois segundo eles, fica difícil viajar e assim aproveitam esse período para ficar em casa com a família. Nas conversas que tivemos, sempre mencionavam às dificuldades encontradas, a tristeza em deixar a família, e o circuito religioso que freqüentam:

Sou ali da região de Canindé. Então nessa região a gente vai pra Caridade, Paramoti, Tempo Grande. E daí Juazeiro do Norte, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão. Agente vive assim de festa em festa. E mais é no tempo do verão. No inverno fica difícil, a gente não sai pra fora (D. Aila – Vendedora de Canindé).

A gente aqui tá fora. Então a comida, principalmente a comida é a maior dificuldade para mim. Alguns cantos é mais caro, outros mais barato e até a gente se atualizar fica passando de um canto pra outro pra achar o mais barato. A dormida é na bulé do carro. Mas tem muitos que dormem em baixo desse tripé. Essa grade a gente coloca o ferro, tem alguns que arma o colchão e outros arma até rede. Já estamos acostumado. Ai dá pra gente ir se virando (D. Francisca de Sousa – Vendedora de Canindé – Ce, em 13.08.2002).

Eu trabalho com isso o ano todo, já tem mais de 19 anos, bem na porta do museu do Pe. Cícero. Mas, eu vivo mesmo, é no mundo (D. Vera Lúcia – Vendedora de Juazeiro do Norte – Ce em 13.08.2002).

E emocionada ao falar da família, disse D. Helena:

Eu acompanho Juazeiro e Canindé constantemente. Já tô quase morando em Juazeiro. Eu não só trabalho lá, mas em toda a região. Lá é ponto central, onde eu aluguei uma casa. De Juazeiro pra minha cidade que é Bom Jesus da Lapa são 1.381Km que tem romaria e grande. Juazeiro é ponto central de todas as outras festas: Rio Grande, Paraíba, Pernambuco e Piauí. Mas saindo daqui eu quero ir pra Bahia. Saindo daqui dia 15, dia 16, eu já quero tá na Bahia. Eu vou encontrar com meus pais que tem comércio em Candeias e de lá eu vou encontrar meus filhos. Eles viajam comigo nas férias (12.08.2001).



Fig. 17 – O Comércio, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

Convém notar que, além dos vendedores itinerantes, aqueles que sobrevivem das romarias, e dos comerciantes locais, conta-se também com a presença de comerciantes de Tabuleiro do Norte que, em alguns casos, montam seus estabelecimentos geralmente bares e restaurantes provisoriamente na localidade, durante as festividades. Ao contrário do que acontece com o romeiro,

que externa o desejo de estar presente na próxima festa, a volta dos vendedores ao distrito depende do retorno financeiro que lhe é dado. Um grupo de vendedores se desloca para um centro de peregrinação com o propósito de lá permanecer, segundo Seu Antônio, que é vendedor e freteiro, pelo menos entre quatro e cinco dias para que possa compensar as despesas da viagem. Na Bica, entende que só os dois últimos dias de festividades são favoráveis para o comércio, mas, mesmo assim, se diz admirado por a localidade promover uma romaria desse porte [refere-se a ela como sendo uma grande festa]. Assim diz ele:

Depende do final dos festejos que a gente sabe se retorna no próximo ano. Porque a festa aqui, só dá bem mesmo, dois dias. Mas espero que o final seja bom, para que outro ano a gente possa voltar. Acho muito importante um lugar tão pequeno ter uma romaria tão grande. E não é agravando não! Mas no Ceará, uma das cidades melhor que a gente encontrou foi aqui (14.08.2002).

A romaria é, portanto, responsável por um considerável aumento na renda da localidade. Os comerciantes locais, sejam eles os donos de mercearias, lojas de roupas, clubes e restaurantes e, sobretudo, os donos de bares, que aliás são muitos, esperam as festividades de Nossa Senhora da Saúde almejando terem suas vendas aumentadas, já que, quotidianamente o distrito é bastante pacato.

2.3. “Um Acontecimento Social Total”

A festa de Nossa Senhora da Saúde é, de fato, o momento culminante para essa coletividade, porque além de romper com o cotidiano dos moradores e também dos romeiros, representa um vínculo entre o indivíduo e a comunidade. Ela representa um momento de exaltação e de celebração e também a certeza, para esses atores que lá estiveram, que, se puderem, certamente participarão da festa que está por vir, pois como proferiu Pe. Diomedes ao iniciar uma celebração: “Festa é encontro. É alegria, é paz, é vida, é alimento”.

Sendo a festa um momento de ruptura do cotidiano, não só para os moradores, mas também para o público que a visita, destaco ainda aquelas pessoas que praticamente não têm participação nas atividades religiosas. São atraídas por uma programação que transcende o núcleo sagrado, revelando a outra face da romaria, como por exemplo, os forrós e os bares espalhados por todo o distrito. Trata-se de um público jovem que, pelo que pude observar, entra, em minoria, na igreja para fazer uma rápida oração. Encontrei, entre essas pessoas, um visitante que contou que naquele dia a sua presença no Olho d'Água da Bica se devia, exclusivamente, ao fato de querer participar de uma festa, já que há dois dias havia estado no santuário com o intuito de pagar uma promessa e fazer uma visita à santa, como faz todos os anos. E, como ele, é possível observar muitas pessoas de Tabuleiro do Norte que fazem o mesmo.

Neste trabalho procurei demonstrar uma festa religiosa possível de acomodar uma diversidade de vozes, cujos interesses muitas vezes não são explícitos. A presença do romeiro faz a festa acontecer, não obstante, junto a esta personagem, outras convergem para que ela se realize. No palco, ao qual aqui me referi, encontraram-se atores que se misturaram a partir de suas ações e de suas falas, revelando uma rede de relações sociais, políticas e econômicas.

Os romeiros vão ao santuário movidos pela crença que têm em Nossa Senhora da Saúde e, lá, participam das celebrações cuidadosamente planejadas pela comissão organizadora. A maioria deles faz questão de cumprimentar o clero, seja na igreja ou mesmo na casa paroquial. Muitos já conhecem alguns moradores de tanto que visitaram o local. Os romeiros também não voltam para casa sem dar uma volta pelo distrito e, interessados em olhar as barracas espalhadas pela vila, sempre conversam com os vendedores tencionando um preço menor na imagem do santo que querem levar para casa. Os donos dos bares, restaurantes e clubes trabalham intensamente para atender os visitantes, ganhando nesse período o que não conseguem faturar durante todo o ano. Especificamente, nesta última festa, interesses políticos foram evidentes, pois era constante a presença de lideranças políticas na comunidade.

Nesse universo, o mundo do sagrado se exclui e, ao mesmo tempo, se aproxima do profano; são, portanto opostos e complementares, pois não se pode perder de vista a questão dos sistemas de interdito. Callois (1950), recordando o que Durkheim escreveu sobre esses dois gêneros, diz que estes não podem se

aproximar, preservando ao mesmo tempo a sua natureza própria, “por outro lado eles são ambos necessários ao desenvolvimento da vida: um como o meio onde ela se desdobra, o outro como a fonte inesgotável que a cria, que a mantém, que a renova” (p. 22). Afirma, ainda, que o profano sente a necessidade do sagrado. É bem verdade, pois isso me chamou atenção e pude constatar quando fazia trabalho de campo, por ocasião da última celebração religiosa realizada ao meio-dia de 15 de Agosto. Os vendedores davam por concluídas suas atividades, guardando suas mercadorias nos carros e desmontando suas barracas, no exato momento em que o padre encerrava os festejos religiosos mostrando que o profano, de fato, se alimenta do sagrado, já que os romeiros se despediam do santuário, que ficou vazio imediatamente, restando apenas a sujeira nas ruas e o silêncio rotineiro da localidade.

Conforme ressaltai, a festa promove para seus participantes o rompimento com o cotidiano para que se possa provar a vida divina, possibilitando-lhes que saiam renovados e purificados. Assim sendo, ouvi de vários romeiros com os quais conversei a seguinte afirmação: “Faço todo jeito de vir”, revelando desse modo que o romeiro deixa seus afazeres cotidianos, seu trabalho, além das dificuldades financeiras pela quais têm passado, para irem em peregrinação ao santuário. Depois do desregramento e do excesso da festa, sucedem as responsabilidades da vida diária e a expectativa pela festa que está por vir. A rede de relações a qual fiz menção acima, reporta-me à discussão de Teixeira e Sousa Brandão (1999) sobre a Festa de Sant’Ana de Caicó, na qual refere-se aos atores/espectadores afirmando que:

Assumem papéis diversificados e simultâneos, traduzidos nas ações e nos comportamentos daqueles que trabalham, nos que rezam e nos que se divertem; daqueles que trabalham e rezam, nos que rezam e se divertem e, ainda, naqueles que trabalham, rezam e se divertem. Fazem, portanto, todos, parte do elenco que torna o espetáculo da festa espetacular.

Esta citação é capaz de traduzir o que de fato ocorre em Olho d’Água da Bica. Atores que não representam apenas um papel, mas que, inseridos naquele teatro do social, assumem personagens distintas muitas vezes despercebidos por

quem está em volta. Nesse sentido, entendo ser aqui oportuno relembrar que no início deste trabalho me referi à romaria como sendo um “acontecimento social total” baseando-me na discussão proposta por Mauss (1974), em seu estudo sobre a dádiva. Assim sendo, após ter convivido com os atores que compõem o referido universo religioso, pude perceber o caráter tridimensional do *fato social total* de que nos fala o autor. Esta noção está diretamente ligada a diferentes modalidades do social, incluindo os aspectos jurídico, familiar, econômico, religioso, etc. E também a diferentes momentos de uma história individual como o nascimento, a infância, educação, adolescência, casamento, etc. Por fim, relaciona-se a diferentes normas de expressão desses fenômenos, das suas representações individuais e coletivas.

Trata-se de um espaço, conforme mencionei inicialmente, que abraça uma diversidade de discursos que se configurou para mim como uma polifonia. Pessoas que falaram de suas vidas, de momentos difíceis e agradáveis pelos quais passaram. Que demonstraram emoção, alegria, tristeza, saudade, cansaço, gratidão, outras que, embora não falando verbalmente, muito disseram através de uma lágrima contida, da voz trêmula e da sua expressão facial. Espaço no qual a religiosidade e a economia estiveram presentes. Em que as histórias individuais e de uma coletividade afloraram na voz e nas ações de Seu Raimundo Lúcio, de D. Graziela, de D. Vera Lúcia, do Pe. Marques, da D. Helena, de Seu Francisco Barbosa, de D. Zuleide, e de tantos outros; e que foram capazes de revelar que os fenômenos religiosos ultrapassam a esfera da religião, pois eles perpassam outras esferas do social, como sua dimensão simbólica cujo enfoque será dado a seguir.

CAPÍTULO III – AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS NO SANTUÁRIO

A produção de representações, idéias e esquemas culturais é uma realidade humana fundamental. Podemos dizer que a característica do ser humano é construir essas representações da realidade até edificar um mundo de representações; um mundo que, precisamente [...] é construído pelos seres humanos e que lhes permite situar-se no contexto natural e social.

François Houtart

3.1. Noções de representações religiosas e sociais: algumas considerações

No Santuário de Nossa Senhora da Saúde, diria que a crença dos fiéis nas revelações do Padre Joaquim de Menezes, a devoção dos romeiros para com a santa, e especialmente a divulgação dos relatos dando conta de curas através da água, evidenciam um conjunto de crenças e práticas rituais que compõem os sistemas religiosos.

Uma vez um home vinha com uma dor de dente e se arranchou numa casa e pediu um remédio. A mulhé molhou um pedaço de algodão com uma água e o home, já sem dor, perguntou: “Que remédio é esse?”. E a mulhé respondeu: “É a água do Olho d’Água de Nossa Senhora da Saúde” (Antônio Mariano de Sousa – romeiro de Sítio do Góis-RN., 14.08.1999).

Tinha um muié doida, aí um home disse que tinha regulando meia garrafa d’água ainda, já fazia mais de um ano que ele tinha levado, mais tinha água na garrafa. Aí dava de gotinha, de pouquinho. Aí o home disse: “Eu tenho lá em casa uma água, se quiser passar um pouquinho na cabeça dela, pode até ela miorar”. Aí foram lá e ele deu um vidrinho de água. Foi só despejar na cabeça dela, ficou boazinha (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).

O sentimento de fé conduz o romeiro sempre no percurso do sagrado fazendo-o acreditar que sua graça será alcançada. Como demonstram as narrativas dos devotos:

Eu estou aqui porque eu alcancei uma graça muito grande, mas muito grande mesmo, porque eu tive meningite e estive entre a vida e a morte. Já não andava mais e estava paralisada a metade do meu corpo e os médicos diziam que eu não tinha mais condição. Que era difícil eu sobreviver. A chance era pouca e se eu sobrevivesse eu não ficava normal. Eu ia ficar tendo problema. Eu ia ficar parálitica. E nada disso aconteceu. Mas aí, com a graça de Deus e com a fé que eu tenho em Nossa Senhora alcancei a graça de ficar boa. Foi seriíssimo! A metade do meu corpo já tinha paralisado, eu não sentia mais nada porque os órgãos já tava tudo paralisado. Mas eu tinha muita fé e muita esperança e acho que foi por isso que eu conseguir voltar a andar. Não ando bem normal, mas a vista do que eu passei, estou muito bem (Maria Mendes – romeira de Limoeiro do Norte, 14.08.2001).

A primeira graça que eu alcancei foi pelo meu filho mais velho que mora em Fortaleza que sofreu um sarampo. Eu fui buscar ele, cuidei dele e ele ficou bom. E eu fiz esse voto a Nossa Senhora da Saúde de vir de pés. Aí, depois meu menino mais novo sofreu um acidente. Levamos ele para Fortaleza e o médico achava que ia ser preciso operar da bacia. Aí, eu fiz esse voto para Nossa Senhora para que se não fosse preciso operar eu ia continuar minha promessa. Eu continuei e to vindo até hoje pelas graças alcançadas (Alba Gadelha – romeira de Tabuleiro do Norte, 14.08.2002).

Esses relatos trazem em si alguns referenciais como fé, promessa, santidade, peregrinação que condizem com o que Houtart (1994) considera como sendo os elementos constitutivos de todos os sistemas religiosos que são compostos por significações, expressões, ética e organizações religiosas. Esses elementos revelam que o papel de toda religião é produzir sentido através da interpretação da realidade, da história, do homem e do mundo.

As significações religiosas são sistemas de crenças produzidas simbolicamente através das representações que são fruto de um trabalho da mente, individual ou coletiva, porém construídas conforme as condições culturais e históricas dos atores sociais.

Por expressões religiosas podem ser reputados os ritos, os cultos, os sacramentos, as devoções, os sacrifícios e as liturgias de todas as religiões que possibilitem ao homem sair de seu cotidiano. As significações e as expressões religiosas têm uma relação dialética, pois “existe uma coerência entre as expressões e as representações, porque não se podem expressar outras coisas a não ser as que correspondem às crenças” (Houtart, 1994, p. 79).

A ética religiosa representa as normas de conduta, tanto individual quanto social, de todos os sistemas religiosos.

Por fim, a organização religiosa, que se refere a um conjunto estruturado de atores que exercem um papel religioso específico com uma base material e organizativa permitindo o funcionamento dos sistemas religiosos.

Nesse sentido, Durkheim (1986), afirma que trata-se de algo complexo falar de representações religiosas e sociais, já que as considera como sendo produto da sociedade. Entre essas representações está contida a idéia de que as instituições sociais manifestam uma consciência coletiva e que instauram a hierarquia na sociedade quando esta passa a classificar as coisas, os espaços e os tempos.

Berger (1985) esclarece, que o mundo social é apropriado ativamente pelo indivíduo e não absorvido por ele, pois o ser humano é congenitamente incompleto, e por isso co-produtor do seu mundo através de um empreendimento coletivo. Este mundo, construído socialmente, permite ao ser humano uma vida ordenada e significativa que serve de escudo contra tudo que possa ameaçar sua existência. Sendo assim, reporta-se à religião como um empreendimento humano que permite a ordenação e a manutenção do mundo pelo qual se estabelece um cosmos sagrado dotado de significado.

A religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou às objetivações da cultura humana. Há rochedos sagrados, instrumentos sagrados, vacas sagradas. O chefe pode ser sagrado como pode ser um costume ou instituição particular. Pode-se atribuir

a mesma qualidade ao espaço e ao tempo, como nos lugares e nos tempos sagrados (Berger, 1985, p. 38-39).

A idéia de religião também está ligada à idéia de sobrenatural ou de divindade, em qualquer que seja a sociedade. Mas ela não é só isso. É algo muito maior que a idéia de deuses e espíritos; desse modo, não se restringe, nem tão pouco se define em função desta idéia. Ela é um todo formado por partes distintas, apresenta-se como um sistema complexo no qual se aglomeram mitos, dogmas, ritos, cerimônias e idéias. Embora seja tida como unitária, reconhece a pluralidade das coisas sagradas. As religiões exercem o mesmo papel e buscam os mesmos interesses e causas. São passíveis de serem comparadas, já que todas as espécies são do mesmo gênero e permitem a busca de elementos que lhes são comuns. Elas não existiriam sem orações, sacrifícios e ritos. A religião é eminentemente coletiva e, portanto, social, uma vez que é inseparável da idéia de igreja na concepção durkheimiana.

No que concerne aos fenômenos religiosos, estes não poderiam ser pensados sem que fossem relacionados a duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As crenças são estados de opinião, são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, enquanto que os ritos são modos de ação determinados, são regras de comportamento a que o homem deve obedecer diante das coisas sagradas. "Só se pode, pois, definir o rito após ter definido a crença" (Durkheim, 1986 p. 68). Tal como os espaços e os tempos, todas as crenças religiosas supõem a classificação das coisas em gêneros sagrado e profano. O culto não é apenas um conjunto de rituais que o homem é obrigado a cumprir em determinadas circunstâncias.

Ele é sistema de ritos e festas, de cerimônias diversas que apresentam todas esse caráter de retorno periódico. Respondem à necessidade que o fiel sente de estreitar e de reafirmar em intervalos regulares de tempo, o laço que o une com os outros seres sagrados de que depende (Durkheim, 1986, p. 96/7).

De acordo com Durkheim (1986), o que está na base do pensamento religioso não são objetos ou seres determinados e distintos que possuem por si próprios caráter sagrado. Este não está na natureza intrínseca das coisas, mas no que pode ser acrescentado. Ainda segundo ele, nem os animais, nem as plantas, e nem os objetos representam papel eminente na vida religiosa. Na verdade, a força capaz de imprimir às coisas o caráter sagrado está contida nas “representações figurativas”, nos emblemas, e nos símbolos de toda a espécie que guardam o máximo de santidade; é neles, pois, que se encontra a fonte de religiosidade.

Em todas as religiões, os ritos e os cultos se fazem presentes. Em todas as religiões, o sagrado se distingue do profano. Em todas as religiões, o culto deriva das crenças e os deuses precisam ser cultuados para sobreviverem. As lendas contam histórias e falam de mitos. É recorrente que em todas elas haja a valorização de objetos aos quais os fiéis conferem significados. Enfim, todos esses elementos encontram-se coadunados neste sistema complexo de crenças e de práticas rituais ao qual chamamos de religião.

Cabe aqui destacar que o que constitui a santidade de uma coisa é, pois, o sentimento coletivo de força religiosa que é capaz de transformar o impuro em puro e em instrumento de purificação. Nesse sentido, é pertinente pensar no santuário de Nossa Senhora da Saúde, cuja romaria teve início com a construção de uma igreja e a propagação de milagres e curas advindas das promessas e, sobretudo, do contato com a água do manancial. No período da romaria isso se torna mais evidente, já que um grande fluxo de devotos se dirige ao santuário. A festa religiosa possibilita que o individual passe a ser coletivo, pois o fiel, na grande maioria das vezes, escolhe, aliás, promete que cumprirá sua promessa ou fará sua visita, como assim gosta de dizer, no dia de Nossa Senhora da Saúde. É como se os outros dias, no decorrer do ano, não tivessem o mesmo valor para aqueles devotos.

Já tá com vinte e poucos anos que eu ando aqui. Eu fiz uma promessa e alcancei. Aí todos os anos quando eu posso vir, eu venho. A graça que eu alcancei foi pelo meu filho que tava doente. Eu pedi e fui validada. Todos os anos eu venho, mas eu fiz a promessa assim: que enquanto eu tivesse vida e saúde no dia dela eu vinha visitar ela (Raimunda Rodrigues – romeira de Aracati, em 14.08.2001).

Nessa perspectiva, refiro-me às reflexões suscitadas por Durkheim (1986) acerca do vasto simbolismo da vida social. Os gestos aparentemente sem importância encontram-se imbuídos de um significado humano profundo. É o contágio ou o contato com o sagrado expresso através de uma teia de símbolos que é capaz de santificar pessoas e coisas por meio dos ritos de consagração. Para comungar com o sagrado, cada um, em cada sociedade, guarda os seus rituais, suas crenças e seus bens simbólicos. O cumprimento de uma promessa, por exemplo, é sagrado para o devoto, pois faz parte de seu sistema de crenças, no entanto, pode representar apenas um gesto sem significado para outros.

D. Alcinda Arruda havia estado em Olho d'Água da Bica quando contava com 18 anos de idade e, em 1970, ficou impossibilitada de andar, sendo este o motivo de sua promessa. Somente em 1999 se sentiu em condições de cumprir o prometido, que se restringia a sair de pés descalços de sua casa no Município de Jaguaribe-Ce, até chegar à nascente do olho d'água de Nossa Senhora da Saúde. Aos 79 anos de idade, D. Alcinda chegou em Olho d'Água da Bica com os pés cravejados de espinhos. O crepúsculo vespertino anunciava que ela teria ainda mais dificuldades, mesmo assim, subiu até o olho d'água, lavou sua cabeça com a água da fonte, e, apesar de toda dor e de todo cansaço, se dizia feliz e satisfeita por ter conseguido chegar até ali, pois não poderia morrer sem pagar sua promessa.

Contudo, caberia então dizer que quaisquer que sejam as práticas rituais, estas não são movimentos inúteis e gestos sem eficácia. Durkheim (1986) já sinalizava a esta proposição, ao tratar dos rituais e das crenças da religião totêmica como sendo desconcertantes aos olhos da razão e acentuadamente contrastantes com relação à fé. A fé, juntamente com o culto, apresenta o que há de eterno na religião, pois esta não está propensa a desaparecer, porém sempre a transformar-se. O valor simbólico conferido pelo homem às coisas, aos tempos e aos espaços é imensurável, pois o homem religioso transporta para o signo todo o seu sentimento, passando a amá-lo, temê-lo e respeitá-lo.

Assim, afirma Durkheim (1986): “Não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneira diferentes a determinadas condições de vida humana” (p. 31).

3.2. A dimensão cultural da religião

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos em cuja linha de frente colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência e religião. Todos esses sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social e, ainda mais, as relações que estes dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm com os outros.

Marcel Mauss

O pensamento geertziano (1978) repousa essencialmente no fato de que o comportamento humano é ordenado pela cultura, de que todo ele é uma ação simbólica e, não esqueçamos, carregada de significado, proposição esta que justifica suas realizações. Observa-se, então, que a cultura pode ser vista como uma teia de significados, um conjunto de mecanismos de controle que tende a direcionar o comportamento dos indivíduos. Concebendo-a dessa forma, o autor parte do pressuposto de que o pensamento humano é tanto social quanto público.

Assim sendo, a sua concepção de cultura está relacionada à ordem dos códigos públicos, bem como à de seus significados. A cultura é pública porque seu significado também o é. Seja qual for o sistema cultural, o comportamento do homem é dirigido por padrões culturais específicos, compostos por um conjunto de significados que só poderão ser entendidos inseridos num determinado contexto. A cultura apresenta-se, assim, como um contexto dentro do qual os processos, as instituições e os comportamentos podem ser descritos e interpretados.

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos: ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (Geertz, 1978, p. 105).

Geertz (1978) afirma que toda ação responde a um significado. Entretanto, aponta a enorme variedade nas formas de viver da humanidade, como sendo a impossibilidade de se traçar variantes universais para a cultura. Entende a cultura não como fragmentos, mas como sistemas culturais que compõem uma dada sociedade, como um texto, um relato construído, uma fabricação realizada de acordo com as especificidades dos agrupamentos humanos.

Atentar para detalhes aparentemente insignificantes e para a abordagem diacrônica dos movimentos culturais; entender a cultura como um contexto e como uma coleção de “textos”; considerá-la como condição essencial para a existência humana se constituem em elementos que me conduzem a pensar no santuário de Nossa Senhora da Saúde para tentar perceber como a religião, como sistema cultural, se insere no espaço da festa religiosa de Olho D’ Água da Bica.

Conforme ressaltai, o santuário é um cenário capaz de abarcar uma variedade de discursos acerca de sua origem, das lendas e, sobretudo, das curas alcançadas pelos devotos. Embora a fé se constitua numa dimensão implícita do fenômeno religioso, a romaria se configura como o espaço e o momento que o devoto tem para externar, através das oblações, toda a sua crença em Nossa Senhora da Saúde.

Eu trabalhava com cinema, passando filme de cidade em cidade. Ai, um dia com meia hora que eu tava sentado, senti que meus pés não estavam normal e começou a espinhar e a ficar durmente. Eu comecei a ficar preocupado porque em menos de duas horas foi tomando o corpo todinho. Não podia andar e tava todo dormente e inchado. Os médicos me desenganaram. Ai quando eu ía na ambulância para fortaleza comecei a pensar em Nossa Senhora da Saúde. Se ela mostrar um meio de eu andar, vou deixar uma cruz no Olho D’ Água da Bica... Eu estava como morto, não mexia nada... Até que um dia o médico veio fazer o exame e eu senti minha mão, depois as pernas e o resto do corpo. Ai pensei: Nossa Senhora está me ouvindo. Nesse dia, saí pelo hospital agradecendo a Nossa Senhora da Saúde...Depois que tive esse milagre tudo dá certo pra mim... Quando eu vim deixar a cruz eu já tava muito cansado, mas quando vi a igreja parece que recebi uma força e só quando coloquei a cruz na igreja é que chegou o cansaço (José Vital dos Santos – romeiro de Limoeiro do Norte-Ce).



Fig. 18 – José Vidal, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

“Na Casa dos Milagres, tem milagre de toda qualidade”, disse D. Olira querendo enfatizar que os milagres atribuídos a Senhora da Saúde são diversos, e expressos, muitas vezes, através dos ex-votos. Em Olho d’Água da Bica, as oblações são depositadas pelos peregrinos na Casa dos Milagres, que se localiza ao lado do santuário e que é bastante visitada nos dias dos festejos da padroeira. É uma sala pouco espaçosa, mas que guarda preciosidades daqueles que as levam, pois expressam a materialização simbólica da cura de cada um desses devotos. Na grande maioria, são peças de madeira representando partes do corpo como pernas e braços, todavia, o que despertou a minha atenção foi a vasta quantidade desses objetos figurando seios, conduzindo-me a pensar, que muitas mulheres são atualmente acometidas pelo câncer de mama e por tratar-se de um culto mariano, é

demasiadamente visitado por mulheres. As fotografias de pessoas expostas nas paredes são incontáveis, os trajes de Nossa Senhora nas cores azul e branco pendurados em cabides de madeira, e objetos, como muletas, também são diversos.

Ali é a casa que botam os milagre. É porque já queimaram muito. Tinha ali retrato, pau de todo jeito, de perna, de braço, de tudo tinha. Que o povo faz promessa e voga (Seu Raimundo Lúcio, 10.04.1999).



Fig. 19 – Casa dos Milagres, 08/2001.

Foto: Débora Maia.

Os pagadores de promessa geralmente depositam as oferendas na Casa dos Milagres após terem assistido às celebrações, em forma de retribuição, reafirmando o respeito e a gratidão pelo benefício alcançado.

Vim aqui para entregar a roupa na Casa dos milagres. Tô agradecendo também por ter conseguido chegar aqui, chegar bem, apenas com os pés doendo muito. Eu saí de casa de pés descalço, porque depois que eu vesti o traje eu não andei mais de sandália (Maria Mendes, romeira de Limoeiro do Norte, 14.08.2001).

Eu vivia muito doente com uma dor no estômago e os médicos não descobriam o que era. Mas, fui para Fortaleza e fiz um exame que deu pedra nos rins e tive que me operar. Por isso, fiz esse voto a santa. Todos os anos eu só venho descalço e com roupa branca em homenagem a ela (Sônia Magalhães, romeira de Apodi – RN - em 14.08.2002).

Ao andar pelo santuário, observei muitas pessoas portando objetos ou caracterizadas de maneira que as diferenciava das demais. Com efeito, a vestimenta de Nossa Senhora, rosários, roupas brancas, pessoas descalças e até mesmo uma fita azul²⁹ posta na roupa das mulheres expressava para elas e revelava para mim, um sentimento de pertença, de identidade, de igualdade, do ser devoto e do reconhecer-se devoto. Estes sinais produzem significados que possibilitam a eles estabelecerem uma identidade para que possam delimitar seu espaço. Nas romarias, estes símbolos fazem parte de rituais performáticos que instauram a ordem religiosa que caminha passo a passo com a ordem estabelecida, seja qual for o credo religioso, tratando-se neste caso de um culto mariano. Contudo, existem também os laços identificadores que ficam subjacentes à romaria, como por exemplo a peregrinação do devoto de Nossa Senhora da Saúde ao Santuário de São Francisco em Canindé.

Estas insígnias às quais fiz alusão são emblemáticas entre os que crêem em Maria. Durante a missa da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde algumas mulheres, em cumprimento de uma promessa ou a pedido das associadas mais antigas que primam para que a tradição e a crença sejam mantidas, a ela se incorporaram, tendo passado por um verdadeiro ritual, como é o caso de D. Maria Xavier, que frequenta o Olho d'Água há 18 anos.

²⁹ Insígnia da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde.

Hoje me associei porque fiz uma promessa. E tem outra coisa, as mais velhas vão pedindo prá gente entrar se não vai acabar. Pra se associar tem que ser na missa da Irmandade que é no dia da festa. Tem que estar de branco. Depois da missa o padre me chamou para o altar, benzeu a medalha e disse que eu beijasse ela, só depois a zeladora que é uma das associadas mais antigas, colocou a fita em mim. Agora eu sou da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, mas já faço parte da de Nossa Senhora das Graças e do Coração de Jesus. Todo ano quando vier assistir à missa tenho que estar de branco e com a fita azul na roupa (Maria Xavier – romeira de Tabuleiro do Norte, 14.08.2002).



Fig. 20 – Romeira indo em peregrinação ao Olho d'Água da Bica, 08/1999.

Foto: Débora Maia.

Conforme assinalou D. Maria Xavier, a partir desse ritual ela se fez membro da Irmandade, sendo reconhecida pelo grupo como tal. Além da aceitação e da auto-proclamação, a ela são feitas atribuições que corroboram com o fato de que a identidade religiosa aponta para um lugar demarcado no campo social. A associada da Irmandade, como assim são denominadas entre elas, deve ir de branco à missa, reafirmando, tal como o simbolismo da água, a importância do simbolismo da vestimenta e das cores; deve ainda, participar da chamada que é feita também nesta ocasião, dar uma contribuição em dinheiro e rezar três ave-marias todas as noites. Cumpre lembrar que os rituais não se apresentam da mesma forma para as religiões, pois seus objetivos são distintos, já que cada um exerce sua função social. O sentido da prática simbólica é sempre dado pelo grupo. Uma peregrinação religiosa ou este ritual que acabei de mencionar revela um aspecto afetivo, o que demonstra que a primeira função das expressões religiosas não é de transmitir racionalidade, porém, trata-se da reafirmação de um sentido. A um objeto ou manifestações da vida cotidiana, profana pode-se atribuir uma conotação sagrada por expressar uma relação com o sobrenatural, como sugere Houtart (1994).

As práticas rituais ora mencionadas compõem um sistema religioso e estão associadas aos símbolos sagrados reputados pelos devotos de Nossa Senhora da Saúde. Nesse sentido, Geertz (1978), numa dimensão cultural da análise religiosa, afirma que o conceito de cultura

(...) denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporando em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (p. 103).

Em se tratando de religião como um sistema cultural e como um elemento que permite ao indivíduo organizar sua conduta, ainda adverte o autor para a relevância do significado, do sentido, imprescindível entre os símbolos sagrados,

uma vez que representam o ethos de um povo e a sua visão de mundo³⁰. O símbolo, para Geertz (1978), pode ser representado por um objeto, um ato, um acontecimento ou algo que serve como vínculo ao significado do símbolo. Desse modo, penso na cruz que o devoto levou ao santuário simbolizando toda a sua fé e agradecimento a Nossa Senhora da Saúde. Penso na água da fonte, muitas vezes disputada por romeiros que acreditam no seu poder curativo. Penso nos devotos que vão ao santuário com os pés descalços e que lá chegam com os pés cravejados de espinhos, porém com a certeza de terem cumprido suas promessas. E o que seria isso, se não símbolos representados através de atos, objetos e palavras que trazem em si uma carga de significados? Essas ações têm um sentido, um significado para quem as faz. Trata-se, portanto, de uma ação social feita por um ator social inserida num contexto que lhe é peculiar.

Os exemplos citados acima sinalizam para a materialização do símbolo de que nos fala Geertz (1978). O comportamento dos devotos é modelado conforme seus padrões culturais, ou seja, de acordo com seu sistema de símbolos, que na verdade, é o que estabelece o quê eles têm como verdade.

As inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia – para não falar do poder erógeno de tantos mitos e rituais mundiais. Não se pode falar apenas de uma espécie de motivação chamada religiosidade, da mesma forma que não existe apenas uma espécie de inclinação que se possa chamar devoção (p. 111).

É pertinente destacar que se percebe em outros centros de peregrinação religiosa, como é o caso de Juazeiro do Norte na romaria ao Pe. Cícero, a manifestação de um sincretismo religioso. Em Olho d'Água da Bica, durante as festividades de Nossa Senhora ocorrem, simultaneamente a estas, os cultos

³⁰ Geertz (1978) refere-se ao ethos de um povo como sendo o seu tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos. E sua visão de mundo é o quadro que se elabora das coisas como elas são na sua realidade, suas idéias mais abrangentes sobre a ordem (p. 103/4).

evangélicos, realizados na Igreja Assembléia de Deus³¹, todavia não foi possível observar a existência de símbolos que escapam ao ethos cristão.

As manifestações religiosas expressas através das celebrações católicas, dos cânticos e das orações, bem como a devoção e oblações voltadas para a padroeira do lugar legitimam este culto mariano. Elaboraões locais a exemplo de alguns cânticos, são imprescindíveis na programação religiosa, sendo comumente cantados ao final de cada evento. Eles traduzem a história do santuário de modo que reúne a comunidade católica com o objetivo de homenagear e reforçar a crença em Nossa Senhora da Saúde.

Hino da Padroeira ³²

No sopé tão adulto da serra
Bem humilde esquecida e pequena
Quis a virgem escolher esta terra
Para alívio dos pobres que pena

Da saúde protetora
Ó Maria mãe querida
Sede nossa defensora
nos perigos desta vida

Olho d'Água da Bica é cenário
Dos prodígios da Virgem Maria
Nesta terra os milagres são diários
Nela planta sucede alegria

Do pecado é castigo a doença
Como o pranto é castigo também
Haja aumento de amor e crença
E Maria será o nosso bem

Na linguagem tocante do amor
Sua imagem tão bela nos fala
No sofrer os teus filhos na dor
Vossa mãe junto a Deus não se cala

Vinde todos a mim que sofreis
Filhos deste sertão esquecido
Tende fé, tende amor e sereis
Da mãezinha protegido.

³¹ A questão do sincretismo religioso poderá ser objeto de estudo em pesquisas posteriores.

³² Letra de Monsenhor Otávio Santiago.

Ainda no que tange ao sistema cultural, Levi-Strauss (1985) considera a cultura como sendo “um universo de regras” através do qual os povos elegem seus símbolos e, tal como Geertz (1978), entende que para cada grupo humano existem lugares sagrados na relação homem/natureza. Desse modo, a questão de espaço sagrado nos remete a pensar na sacralidade da fonte de Olho D'Água da Bica devido ao culto que lá ocorre.

Como afirmei inicialmente, este santuário é bastante procurado pelos devotos que almejam a cura para suas enfermidades, seja através do contato com a água que consideram milagrosa³³, seja através do cumprimento de suas promessas que muitas vezes exigem esforços físicos, como as longas peregrinações. A exemplo do que se passa na Bica, relativo à busca incessante pela cura, convém enfatizar que essa prática é comum, haja vista fazer parte da cultura de vários grupos humanos, consideradas obviamente, as especificidades culturais de cada um.

Observam-se sob este aspecto, as representações existentes concernentes à doença, bem como às práticas de cura utilizadas em algumas tribos indígenas do Alto Xingu, como fazendo parte de um processo simbólico. Segundo Verani (1999), a influência de fatores culturais na construção do fenômeno social da doença é algo inegável e as práticas rituais se mantêm amparadas nas suas tradições. Convém ressaltar que, no caso da cura xamanística, a questão do simbolismo cultural está presente tanto no processo de formação da doença quanto no processo de cura, o que nos mostra claramente a força da eficácia simbólica nos rituais xamânicos e creio, não somente neles, mas em todos aqueles em que o homem recorre à esfera do sobrenatural para obter a cura.

Nessas sociedades, os processos de cura se dão através dos Xamãs que atuam como uma espécie de médico das sociedades ocidentais utilizando sua voz com a finalidade de curar; por meio, também, de privações alimentares e sexuais, da

³³ A cura realizada através do contato com a água me fez pensar na obra de Marc Bloch, *Os Reis Taumaturgos*, que analisa o milagre régio, isto é, o poder curativo atribuído aos reis em rituais que ocorreram durante a Idade Média na França e na Inglaterra. A origem deste ritual, chamado de toque régio, se deu no início do século XI na França e no século XII na Inglaterra. Os reis eram tidos como personagens sagradas, por isso considerados taumaturgos, pois tinham o dom de curar os enfermos que sofriam do mal das escrófulas. Eles eram, segundo a realeza e a maioria do povo, escolhidos por Deus para fazerem milagres em seu nome e, nos rituais, diziam: “O rei te toca e Deus te cura”. De fato, acreditavam que somente eles tinham as virtudes e os poderes divinos, que através do contato de suas mãos com os enfermos eram capazes de curá-los.

fitoterapia – aroma das plantas, das infusões, enfim, de tantos outros elementos aparentemente sem significado conhecido por nós. Caberia, em se tratando de elementos simbólicos, fazer alusão ao “churinga”, objeto utilizado nas sociedades indígenas australianas, cujo contato surtia efeitos como a eficácia contra doenças e a cura de feridas.

Nesse sentido, as práticas religiosas cristãs como a devoção aos santos, bem como a utilização da água, a magia, o canto, entre tantos outros meios através dos quais o homem busca a cura, não podem ser negadas. Para tanto, basta que cada um olhe a sua volta para perceber o quanto essa diversidade é tamanha.

Segundo Levi-Strauss (1985), todas as sociedades possuem suas culturas e não se pode perder de vista os critérios utilizados para ordená-las e classificá-las, apontando, desse modo, a inconsistência da perspectiva evolucionista. A originalidade de cada cultura consiste na forma como cada uma delas se depara com valores que são praticamente os mesmos para todos os grupos, pois todos eles possuem linguagem, formas de organização social, econômica e política, crenças religiosas. Não obstante, o que muda “é a forma como cada cultura os agrupa, os retém ou os exclui” (p. 69). E é essa forma diferenciada que faz com que as sociedades sejam comparadas e a diversidade cultural preservada.

A partir dessa afirmação de Levi-Strauss, é bom lembrar que é comum a diversidade cultural até mesmo dentro dos mesmos agrupamentos humanos, e nesse sentido, é propício mencionar que, dentre os moradores do Olho D`Água da Bica, as opiniões com relação ao poder da água da fonte divergem, já que algumas pessoas a consideram milagrosa, outras não.

As lavadeiras, por exemplo, consomem aquela água diariamente para uso doméstico, não lhe atribuindo poder curativo.

Essa água é ruim pra sabão. Durante o verão a água fica presa lá em cima, porque é pouca, mas a fonte nunca secou. Para mim, a água é a mesma, tanto faz essa daqui, como a de qualquer outra coisa. O povo traz as garrafinha pra encher e leva até ramo daqui. Eu acho que a fé é que cura. Quando se aproxima a festa vem muita gente pagar promessa e tomar banho, sabe? (Maria Bernadete – lavadeira, em 07.05.2000).

Eu acho que a fé é que faz essas pessoas acreditar que fica boa. Tem muita gente que acha que se cura com essa água. Meu marido mesmo tem maior fé. Às vezes as meninas tão gripada e doente da garganta e ele diz: Tá minha filha eu vou pegar uma aguinha [apontou para a água da fonte] e aí ela melhora. Eu digo que é por causa do tempo que melhora e ele diz que não. Eu só acredito numa coisa quando é muito difícil. Eu não acredito em tudo no mundo não. Eu tenho um menino que tem muita fé nessa água. Em junho ele ficou doente dos pés e ele mesmo fez uma promessa prá passar o dia 14 descalço, assistir a missa e vim tomar banho aqui no Olho D'Água. Na santa mesmo eu tenho fé, já fiz até promessa, mas nessa água eu não tenho não (Franci Gama da Silva, lavadeira 07.05.2000).

Mas, é interessante notar que mesmo dizendo não acreditar no poder curativo da água, D. Franci a ela recorre, já que toda sua família crê que, se estiver enferma, a água poderá curá-la.

Já os romeiros utilizam-na, principalmente nos dias de festa, como elemento que não tem a mera função de higienizar ou de simplesmente servir para o consumo doméstico, mas essencialmente porque detém o poder de curar. Observa-se aqui o simbolismo da água presente em todas as religiões. Ao beber a água do manancial num Domingo que não era de festa, D. Rosália Mota, romeira da cidade de Russas, disse próxima às lavadeiras:

A fé é que cura. Às vezes o pessoal daqui nem dá valor a essa água, mas nós é doído por essa água (20.06.99).

A afirmação de D. Rosália é de poucas palavras, contudo, reveladora de um imenso significado. Ela referiu-se à água como sendo um elemento capaz de curar apenas aqueles que têm fé, externando, desse modo, o seu sistema de crenças e seus bens simbólicos. Ainda a esse respeito:

Meu neto sofreu pneumonia e foi tratado em Fortaleza. Eu fiz promessa e ele ficou bom. Vou lavar a cabeça dele, assistir a missa, dar esmola e deixar a roupa na Casa dos Milagres. Nossa Senhora da Saúde, tão poderosa! Eu tenho essa água como um milagre.

Passo toda dificuldade pra eu vir. Eu tenho fé grande (Maria Enice Moreira – romeira de Alto Santo-Ce., 14.08.1999).

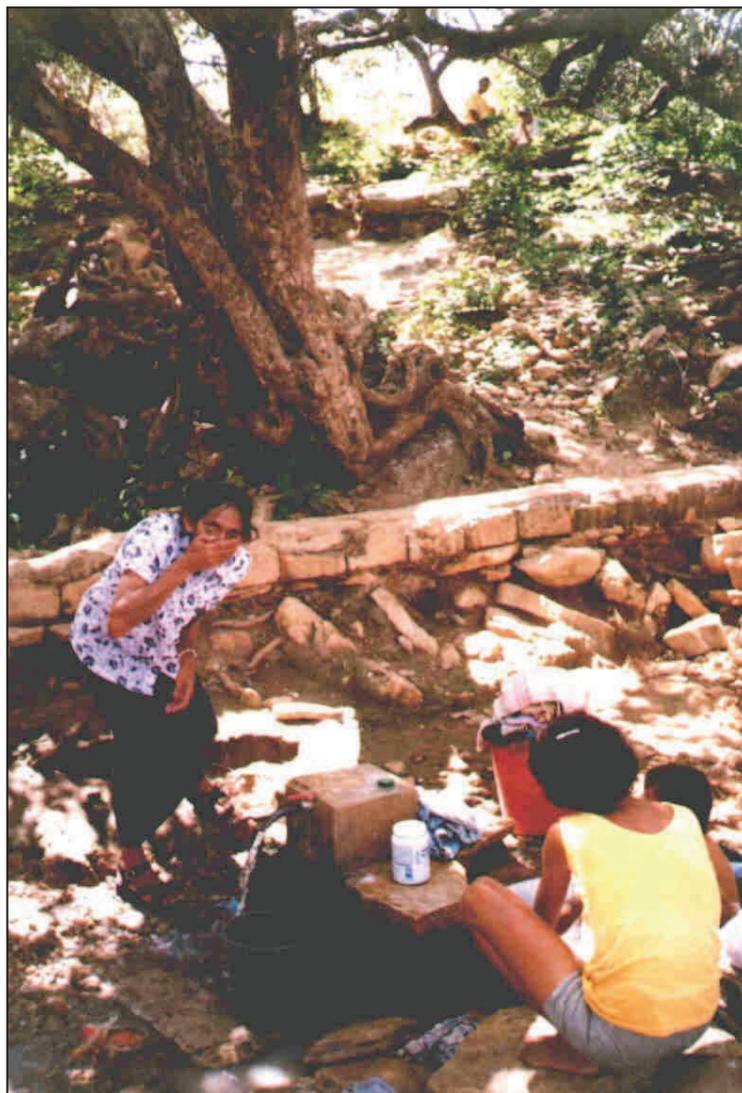


Fig. 21 – D. Rosália, em 20/06/1999.

Foto: Débora Maia.

Sob esse aspecto, a posição do clero local, representado pelo Pe. Francisco Edvaldo Marques é que, de fato, cientificamente a água não exerce o poder curativo que os fiéis lhe atribuem. Segundo ele, as ações dos devotos estão mais voltadas aos seus significados simbólicos e, sobretudo, de fé.

Todo gesto que o romeiro faz na romaria é simbólico, litúrgico e cheio de fé. Como por exemplo, quando ele vai a fonte tomar da água e banhar-se, acreditando no seu poder de cura, ou quando vai em peregrinação ao santuário... Esses gestos dos romeiros são a expressão popular simples de sua fé, é o sentimento que toca o povo (Entrevista em 17.07.2000).

A diversidade é algo que existe não só entre culturas, mas também, dentro de uma mesma cultura. Nas sociedades alto-xinguanas há, apesar de todos os seus rituais de cura, a procura por métodos da medicina ocidental. Contudo, suas práticas culturais, tanto em um como em outro, são preservadas, o que demonstra, de acordo com Sahlins (1987), que os sistemas simbólicos são dinâmicos e que a cultura é constantemente reelaborada pelos processos históricos e, porque não dizer, por nós que somos os próprios agentes históricos. Segundo o autor, deve-se estar atento também a essas mudanças culturais e, sobretudo, à maneira como elas são incorporadas dentro de uma determinada sociedade, já que as formas tradicionais podem ser mantidas, embora que dentro de um processo de mudanças.

As representações criadas acerca dos lugares, dos objetos é que traz em si a verdadeira eficácia simbólica das coisas. Segundo Houtart (1994), a produção de representações que se referem ao sobrenatural, ou seja, a religião, exerce uma influência sobre a maneira de como as pessoas atuam, conscientemente ou não, construindo, reproduzindo ou transformando através de sua prática, as estruturas da sociedade.

A água pode ter representações sociais diversas. Nesse sentido, ela não é o elemento responsável pela cura dos devotos, mas sim, o significado, o valor simbólico nela representado. A água da fonte de Olho d'Água da Bica cura, aos olhos dos devotos, porque não se trata de uma fonte como qualquer outra, mas porque nela foi-se instituído um valor sagrado.

Por isso entendo ser pertinente retomar a questão do imaginário com relação à água que corre do manancial, sobretudo porque aqui no Ceará, especificamente no sertão, ela é escassa. E, segundo os moradores da Bica, a água da fonte, ao longo de todos esses anos nunca deixou de correr.

O olho d'água nunca secou. Três ano seco, houve muita vez, eu conto uns pouco de três ano seco. A água era fraquinha, mais toda vida dava pra despachar o povo e dá água os bicho. É um milagre, é vê um milagre. [...] Passava o dia dando água o gado e milho à noite. Mais ele nunca secou, esse Oio d'água nunca secou (Raimundo Lúcio, 10.04.1999).



Fig. 22 – Romeiros na fonte, 08/2002.

Foto: Débora Maia.

Não obstante, nos dias de festa a procura é tanta que a água já não corre fluentemente e os romeiros disputam-na a todo custo, pois segundo D. Lúcia, todo romeiro que visita o santuário visita também a fonte. Nesse sentido, alguns moradores afirmam que:

No dia da festa, esse caminho é um formigueiro de gente em procura da fonte (D. Zuleide, 10.04.1999).

Era bom se no dia da festa tivesse muita água porque aparece gente de todo canto, tudo brigando por essa água pra curar enfermidade (Franci Gama da Silva, 07.05.2000).

Essas práticas estão associadas aos rituais simbólicos aquáticos e, nesse sentido, levam-me a pensar no que presenciei em meio a inúmeros fiéis que chegavam à nascente e aguardavam a oportunidade de pegarem a água: um rapaz, ao encher um recipiente e entregá-lo a sua tia, referiu-se à pouca quantidade de água, porém sendo o suficiente para molhá-la, já que se tratava de um banho simbólico.

Sob essa perspectiva, D. Francisca Oliveira, romeira de Limoeiro do Norte, pensa diferente.

Eu já vim outros anos. Mas, esse ano eu vim por causa da promessa que não ficou bem cumprida ano passado. Eu alcancei uma graça e prometi que vinha tomar banho com a água de Nossa Senhora da Saúde. Só que o ano passado a água era pouca e só deu para molhar a cabeça. Esse ano eu paguei. Esse ano eu tomei banho.

Desse modo, torna-se notória a relevância dos símbolos conferidos pelo homem e as representações criadas por ele em seu universo imaginário. Este utiliza uma linguagem codificada expressa através de símbolos, que, a despeito de se apresentarem com significados distintos, são sempre utilizados por todos os grupos humanos. “O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura” (Geertz, 1978, p. 114). Justifica-se, então, que os exemplos dos símbolos sagrados citados no decorrer deste trabalho traduzem a sua relevância para os devotos de Maria e assim compõem o seu sistema religioso, já que eles variam de cultura para cultura. Concebendo, portanto, o homem como parte dessa rede de símbolos, instituída de significados e valores religiosos, é que me propus a estudar o santuário da Senhora da Saúde.

3.3. Cada prece, uma história

“Me vali de Nossa Senhora da Saúde”, “Nossa Senhora é que obra esse milagre”, “Me apeguei com Nossa Senhora”. Conforme demonstrei, essas são algumas das expressões mencionadas nas narrativas dos devotos sobre os pedidos feitos à Santa. Assim sendo, claro está, a partir dos relatos aqui apresentados, que o fiel recorre ao santo ao qual tem devoção, no momento em que se encontra desamparado e, sobretudo desacreditado da medicina, pois a religião se apresenta como uma resposta às suas aflições. As promessas feitas a Nossa Senhora da Saúde estão quase sempre voltadas para a cura de uma doença. Mas encontrei também pessoas que haviam feito promessa para que seu objeto roubado fosse encontrado, por exemplo. No entanto, qualquer que seja o pedido, os devotos expressam toda sua fé nas “conversas” com a santa, pois, segundo eles, somente assim serão atendidos. Trata-se de um momento íntimo e de muita devoção.

Eu fiz a promessa por que os médicos em Juazeiro da Bahia disseram, quando eu recebi a biopsia, que eu tava com câncer. Ai, eu vim para Fortaleza e passei dois meses de agonia. Até em suicídio eu pensei e não nego, mesmo sabendo que não é certo. Quando descobri que tinha câncer fiquei desesperada. Na hora da minha aflição me apeguei com Nossa Senhora da Saúde pra mim vim de pés e assistir a missa toda de joelho. Eu só me peguei com ela. Rezei muito pra Santa Eduvirges também. Naquela época a mulher de Roberto Carlos também tava com câncer e ele tinha muita fé nela. Mas pra ela eu não fiz promessa. Fiz pra Nossa Senhora da Saúde por que ela já me ouviu uma vez. Eu só me peguei com ela. Acho que foi um milagre dela de tanto eu me pegar, de pedir, de tanto que chorei e que rezei, eu alcancei a graça. Nossa Senhora da Saúde me atendeu mais uma vez. E se precisar eu faço outras ainda, porque eu tenho certeza que ela vai me ouvir. Ela ouve, a gente tendo fé ela ouve (Lena – romeira de Juazeiro – Bahia).

Eu fiquei doente e com a prece que fiz fiquei boa. Hoje em dia eu não tomo nenhuma qualidade de comprimido. Tinha pressão alta, mas muito alta mesmo. Então me vali de Nossa Senhora da Saúde e graças a Deus e a ela estou bem (Rita Soares Chaves – romeira de Tabuleiro do Norte – Ce, em 13.08.2002).

Essa questão da “conversa” com a santa me conduz a pensar no estudo de Mauss (1979) sobre a prece, no qual refere-se a sua importância intrínseca por representar um dos fenômenos centrais da vida religiosa. Para o autor, ela é ponto de convergência de um grande número de fenômenos religiosos, pois participa simultaneamente da natureza do rito e da natureza da crença.

A prece, ainda segundo Mauss (1979), pode assumir papéis diversificados. Ela pode ser uma exigência, um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, etc. Pois “uma mesma instituição pode desempenhar as funções mais diversas, como uma mesma realidade pode assumir múltiplas formas e ainda continuar a ser ela mesma e sem mudar a natureza” (p. 101).

Referindo-se à evolução da prece, o autor afirma que, inicialmente, ela era mecânica e atuava através de sons proferidos pelo padre, em nome do povo, por exemplo. No entanto, a prece coletiva “dita em comum” foi suplantada paulatinamente por uma oração livre, passando a ser mentalizada e interiorizada, ou seja, cada vez mais individual, cuja escolha era do próprio crente conforme seus sentimentos e suas circunstâncias.

As práticas religiosas se tornaram na maioria verdadeiramente individuais. O instante, o lugar, as condições dependem cada vez menos de causas sociais. Da mesma forma que cada um age aproximadamente a sua maneira, cada um é também, na medida do possível, o criador de sua fé (Mauss, 1979, p. 106).

Esta afirmação sinaliza para as narrativas dos devotos da Senhora da Saúde. Cada um deles, diante da sua necessidade, implora por algo. Cada um é responsável pelo que promete. Cada um é o autor de sua fé. Contudo, segundo Mauss (1979), a prece não é um fenômeno essencialmente individual, pois embora se realizando no espírito de um indivíduo, ela tem, sobretudo, uma existência social que se manifesta fora dele, na esfera do ritual, da convenção religiosa. Entre uma dada prece existe uma sociedade e uma religião que se constituem num elo necessário, o que faz da prece uma instituição social.

Da mesma maneira que cada um tem seu estilo, seu sotaque, ainda que falando a linguagem nacional, cada um pode criar sua prece, sem que a prece deixe de ser uma instituição social (Mauss, 1979, p. 122).

Mauss (1979) assinala ainda a importância do poder da palavra na prece. As palavras podem causar fenômenos extraordinários. A prece é um rito oral, não obstante, a prece mental, que é uma oração interior, constitui-se numa atitude da alma tão eficaz quanto aquela pronunciada materialmente. Os depoimentos dos devotos são elucidativos nesse sentido:

Eu adoeci, aí me lembrei da santa. Aliás, foi a única santa que lembrei foi Nossa Senhora da Saúde. Já tinha ouvido falar no santuário, mas nunca tinha vindo aqui. Graças a Deus eu vim de pés e minha mãe disse: mulher, volte, você não bota lá. Eu vim para Tabuleiro e de lá eu vim a pé pra cá. Graças a Deus e a Nossa Senhora da Saúde deu tudo certo, depois de tudo que eu passei, porque eu tive mal mesmo. Eu achava que não escapava, mas me apeguei com a santa. Realmente eu vi ela direitinho. A fé da gente representa tudo. Eu tive muito mal mesmo, mas a fé que eu tenha nessa santa fez com que hoje eu esteja curada contando essa história (Nina Claudino de Sousa – romeira de Jaguaribe – agosto de 2002).

Já faz dez anos que eu venho aqui. Mas hoje eu tô aqui pelo meu neto que tem um problema na cabeça. Ele tá com 11 meses e desde os dois usa um aparelho na cabeça. Foi preciso fazer uma cirurgia. Então me vali muito de Nossa Senhora da Saúde pra ajudar na cirurgia dele, pra que ele alcançasse a felicidade dele resistir. Graças a Deus ele tá recuperando bem e tá bem melhor (Luiza de Souza – romeira de Palhano 13.08.2002).

De acordo com Mauss (1979), cada prece tem um autor que estabelece seu texto e, por conseguinte, seu sentido. Desse modo, enfatiza a importância de se saber quem é este autor e quais são suas idéias e expressões. Os autores das preces feitas à padroeira do Olho D'Água da Bica pedem, sobretudo, saúde. Já nas preces coletivas feitas geralmente durante as celebrações os pedidos são pela paz, por emprego, etc. Observa-se no santuário, pessoas de classes sociais distintas, como agricultores, donas de casa, professores, comerciantes, costureiras,

funcionários públicos, entre tantas outras, todavia; a maior parte é de pessoas não-letradas e de poucos recursos financeiros.

Contudo, todas elas são movidas praticamente pelos mesmos desejos e tomadas pela fé, se vendo na grande maioria das vezes sem outras alternativas, imploram a santa para que seu pedido seja atendido, pois cada uma delas, a sua maneira, utilizando-se de sua linguagem, seja ela oral ou gestual, suplica para que sua graça seja alcançada e, para tanto, sempre oferece algo em troca, as chamadas oblações. A troca se constitui em uma oferenda do agente para uma entidade transcendente.

Conforme já mencionei, os dias de festa em Olho d'Água da Bica são marcados por uma euforia que contagia a todos que lá estão. Sobretudo porque os devotos chegam em peregrinação e lotam a igreja e a praça para assistirem às celebrações religiosas; chegam muitas vezes à igreja com o corpo tomado pelo cansaço, já que muitos deles vêm a pé ou de muito longe. Vão em busca da água que jorra da fonte, participando de rituais de purificação e cura, tratando-se assim de um verdadeiro culto ao manancial, práticas constantes que estão associadas a rituais simbólicos aquáticos.

No santuário, especialmente nos dias de festa, é comum a presença de devotos oferecendo esmolas, usando o traje de Nossa Senhora, chegando a pé e muitas vezes com os pés descalços, conduzindo-se à igreja de joelhos, rezando terços ao assistirem às celebrações; depositando os ex-votos na casa dos milagres, enfim, enumerá-las aqui seria difícil, já que cada um é o autor de sua prece e a faz conforme suas necessidades e circunstâncias. Mauss define a prece como sendo um “rito religioso, oral, diretamente ligado as coisas sagradas” (p. 146).

Entende-se por rito a repetição de comportamento padronizado que se constitui de normas simbólicas traduzidas por manifestações verbais e gestuais. Seu caráter repetitivo possibilita a consolidação da ordem funcional, pois seus aspectos socioculturais contribuem para a coesão de determinado grupo. Todo ritual é performático já que envolve a participação de vários atores e um ato de comunicação (Zumthor, 1997). Os rituais religiosos apresentam-se como enunciações performativas e a dramatização de uma determinada história.

Segundo Pordeus (2000), “É no ritual que se encontra o contexto da enunciação, é nele que se realizam os atos ilocucionários de expressão de desejo,

sugestão, advertência, agradecimento, crítica, acusação, afirmação, súplica, promessa, desculpa, jura, autorização, declaração" (p. 31).

O autor reporta-se a essas orações performativas como sendo enunciações que permitem invocar o Orixá a fim de pedir o bem-estar e a sua proteção. Nesse sentido, penso que essas orações são também enunciadas em outros grupos religiosos. Certamente de forma diferenciada; certamente uma outra divindade sendo invocada. Contudo, o que se busca é proteção, é saúde em quaisquer que seja o universo religioso.



Fig. 23 – Fiel cumprindo uma promessa, 08/2000.

Foto: Débora Maia.

Assim sendo, o devoto de Nossa Senhora da Saúde também se utiliza dessas orações performativas há pouco citadas. Ele recorre a elas, a fim de pedir algo; seus gestos³⁴ evidenciam um contexto específico e estão carregados de significado. Eles podem complementar uma palavra, mas podem também substituí-la, tornando-se mais enfáticos ao fornecer uma informação. O gesto do devoto ao entrar de joelhos na igreja, ou daquele que assiste às celebrações com

os pés descalços, daquele que conduz ao santuário objetos como cruzes pesadas, ou ainda, das mulheres vestidas com indumentárias de Nossa Senhora, pode parecer, para alguns, insignificante. Com efeito, faz parte da história de quem o realiza, revela muitas vezes que um pedido foi alcançado e, conseqüentemente que algo em sua vida mudou para melhor, desvela o seu comportamento diante das coisas sagradas, bem como, os sonhos e a experiência de vida dessa “coletividade”. O gesto explicita, portanto, o não dito oralmente.

Daí ser importante perceber os elementos culturais presentes em toda comunicação. “É preciso notar que um gesto pode pertencer a várias categorias e que aquilo que se descreve não é tanto o gesto como o contexto. Registrem-se apesar de tudo, tentativas para distinguir os gestos baseados na intenção ou não de significar” (Enciclopédia Einaldi, p. 14). Desse modo, o crente pede, agradece, suplica, se desculpa, adverte, jura, promete... Enfim, como todos os que crêem em algo ou em alguma divindade, ele recorre ao seu deus fazendo uso da oralidade, que nada mais é que toda forma de expressão que se endereça ao outro.

Os rituais religiosos, expressos aqui no cumprimento de uma promessa e na manifestação de sacrifícios e oferendas, realçam seu caráter performático, pois acontecem num dado cenário, no qual a voz, o gesto, a indumentária, implicam em comunicação, possibilitando ao corpo encenar seu próprio discurso. Representam a concretização de um comportamento consagrado através de cerimoniais e de símbolos específicos que permitem aos agentes se mobilizarem dentro do referido universo religioso e, desse modo, compõem a malha simbólica tecida pelos atores sociais presentes no teatro da festa de Nossa Senhora da Saúde.

³⁴ Refiro-me aos gestos dos devotos relacionados às suas preces, bem como ao pagamento de suas promessas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão religiosa esteve e em meu entender sempre estará presente nas discussões concernentes ao modo de viver de uma determinada sociedade, pois se constitui numa referência de análise para os estudos sociológicos, antropológicos e históricos. As religiões podem ser entendidas como sistemas de manutenção de crenças e práticas que resultam numa ética manifesta na conduta de seus adeptos.

Assim concebendo a religião, foi, para mim, imprescindível assinalar a importância de se compreender o processo extra-religioso dentro do fenômeno religioso, pois este traz em si duas categorias intrínsecas: ethos e visão de mundo, percebidas na Festa de Nossa Senhora da Saúde.

A festa, conforme foi mencionada neste trabalho, representa um momento de ruptura com o cotidiano e também um momento de reencontro entre as pessoas e o reencontro destas com a fé. Nesta perspectiva é que procurei demonstrar que todo fenômeno religioso é fundamentalmente social. As categorias de atores sociais que figuraram aqui demonstraram, através de um repertório de narrativas e das suas ações, que o religioso, o político, o econômico e o social coexistem na romaria de Olho d'Água da Bica. Assim sendo, propus ainda ressaltar qual o momento e em quais circunstâncias a esfera religiosa ultrapassou as demais.

Cada ator representou no seu espaço o seu papel. Espaços que ora foram demarcados, ora se entrelaçaram. Falas contraditórias que foram capazes de revelar posicionamentos opostos numa comunidade que encena, ao menos durante as festividades, interesses distintos.

Não poderia deixar de frisar o simbolismo que envolve a história do santuário da Senhora da Saúde. Aspectos como a manifestação do sagrado através de uma revelação onírica e o fato de lá existir uma fonte de água milagrosa e perene corroboram com a questão do imaginário simbólico presente num lugar marcado pela religiosidade.

Os símbolos sagrados materializados por atos, objetos, enfim acontecimentos, estão dentro de um sistema de significações, possível de se compreender apenas se for considerado o contexto no qual emergem, pois as

representações sociais devem ser vistas como algo que é construído pelos próprios atores sociais.

Parti, portanto, de diferentes discursos aos quais me detive em dialogar com os romeiros, os moradores, os agentes religiosos, o clero e os vendedores, para compreender o que chamei de polifonia da festa. A festa é a essência da religião e traz consigo a ambigüidade do sagrado, revelando no decorrer deste trabalho aspectos de uma análise estruturalista: sagrado/profano; fiel/infiel; pureza/impureza; que foram constantemente citados seja numa fala ou num gesto dessas pessoas.

Uma etnografia da festa traduziu, pelo menos em parte, os interesses desses atores que foram entrando em cena e assumindo seus personagens no teatro do social. Estabeleceu-se uma rede de relações sociais, tecida nesse campo religioso onde as "identidades" se articularam, sendo possível perceber o poder e o conflito que legitima o status de cada um desses grupos presentes na festa de Nossa Senhora da Saúde.

No entanto, ciente da impossibilidade de dar conta da totalidade de uma realidade social, penso que algumas questões sinalizadas neste trabalho poderão ser objeto de reflexão em estudos posteriores. Uma delas, diz respeito a circularidade dos vendedores itinerantes e ao "comércio" de objetos que remetem ao campo do sagrado, que dão sustentação econômica às festas de santos padroeiros. A dinâmica da realidade social me levaria ainda a dois caminhos: a inserção do Olho d'Água da Bica no circuito do turismo religioso, já que existe um projeto junto a EMBRATUR voltado para esse fim; e a possibilidade de um sincretismo existente no santuário de Nossa Senhora da Saúde durante as festividades. Como disse, essas questões se apresentaram no curso deste trabalho e uma análise de outras festas poderão suprir tais inquietações. Com efeito, os resultados aqui demonstrados fizeram parte de um determinado momento e situações específicos.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

As personagens

Aila Maria Barbosa, vendedora de Canindé-CE. Olho d'Água da Bica, 13 de Agosto de 2001.

Alba Gadelha Lima, romeira de Tabuleiro do Norte-CE. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 2002.

Alzira Maria do Espírito Santo (D. Olira). Olho d'Água da Bica, 10 de Abril de 1999.

Ana Teófilo Costa, romeira de Fortaleza-CE. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Antônio de Sousa, vendedor de Canindé-CE. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 2002.

Antônio Mariano de Sousa, romeiro do Sítio do Góis-RN. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Dom José Haring. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 2002.

Franci Gama da Silva. Olho d'Água da Bica, 07 de Maio de 2000.

Francisca de Lima Oliveira, romeira de Morada Nova-CE. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 2002.

Francisco Antônio, romeiro de Rodolfo Fernandes-RN. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Francisco Barbosa de Freitas, romeiro de Itaiçaba-CE. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 2001).

Francisco de Assis da Silva, romeiro de Iracema-CE. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Gerardo Nunes Malveira. Tabuleiro do Norte-CE., 22 de Maio de 1999.

Helena Damasceno, vendedora de Juazeiro do Norte-CE. Olho d'Água da Bica, 12 de Agosto de 2001.

Jean Elker, romeiro de Tabuleiro do Norte-CE, 12 de Agosto de 2001.

Jeane da Silva Santos. Olho d'Água da Bica, 07 de Maio de 2000.

Joana Barreto da Silva, romeira de Palhano-CE. Olho d'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

José Lúcio (Zé de Olira). Olho D'Água da Bica, 20 de Abril de 1999.

José Vital dos Santos, romeiro de Limoeiro do Norte-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

José Francisco da Costa, funcionário da Prefeitura Municipal. Olho d'Água da Bica, 13 de Agosto de 2001.

Lena Xavier, romeira de Juazeiro-BA. Olho D'Água da Bica, 13 de Agosto de 2001.

Lindete Maria. Tabuleiro do Norte, 26 de Setembro de 2003.

Lúcia de Sousa. Olho d'Água da Bica, 28 de Março de 2003.

Maria Bernadete Tavares. Olho D'Água da Bica, 07 de Maio de 2000.

Maria Mendes, romeira de Limoeiro do Norte-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 2002.

Maria do Rosário de Sousa, romeira de Palhano-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Maria Enice Moreira, romeira de Alto Santo-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Maria Irismar de Lima, romeira de Palhano-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Maria Rufino da Silva. Olho d'Água dos Currais, 20 de Setembro de 2003.

Maria Xavier, romeira de Tabuleiro do Norte-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 2002.

Nina Claudino de Sousa, romeira de Jaguaribe-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 2001.

Pe. Francisco Edvaldo Marques, pároco do município de Tabuleiro do Norte-CE, 31 de Outubro de 1999; 17 de Julho de 2000.

Pe. Manuel Diomedes de Carvalho, pároco do município de Quixeré-CE. Olho d'Água da Bica, 13 de agosto de 2002.

Raimunda Célia Magalhães, romeira de Tabuleiro do Norte-CE. Olho d'Água da Bica, 13 de Agosto de 2001.

Raimunda Célia Rodrigues, romeira de Tabuleiro do Norte-CE. Olho D'Água da Bica, 13 de Agosto 2001.

Raimunda Rodrigues, romeira de Aracati-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 2001.

Raimundo José da Costa. Olho D'Água da Bica, 20 de Abril de 1999.

Raimundo Lúcio. Olho D'Água da Bica, 10 de Abril de 1999.

Raimundo Nonato Bezerra, romeiro de Ocara-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Raimundo Silva, vendedor de Canindé-CE, Olho D'Água da Bica, 13 de Agosto de 2001.

Raimundo Soares da Conceição, romeiro de Palhano-CE. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 1999.

Rita Soares Chaves, romeira de Tabuleiro do Norte-CE. Olho d'Água da Bica, 13 de Agosto de 2002.

Ronaldo Guimarães. Olho D'Água da Bica, 05 de Janeiro de 2000.

Rosália Mota, romeira de Russas-CE, Olho D'Água da Bica, 20 de Junho de 1999.

Sônia Magalhães, romeira de Apodi-RN. Olho D'Água da Bica, 14 de Agosto de 2002.

Vera Lúcia Romão, vendedora de Juazeiro do Norte-CE. Olho D'Água da Bica, 13 de Agosto de 2000.

Zuleide de Lima Rebouças Lúcio. Olho D'Água da Bica, 20 de Abril de 2000.

Fonte hemerográfica

Jornal *Diário do Nordeste*, de 15.08.2002.

Bibliografia

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Ars Poética, 1996.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BEIANI, Thaís Curi. *Máscaras do tempo*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BIANCO, Bela Sédima. *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global Universitário, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Nervos saudáveis*. In Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

BLOCH, March Lepold Benjamim. *Os Reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOSI, Ecléa. “A opinião e o estereótipo”. In: *Contexto*. São Paulo: Hucitec, 1977, n.02.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas-SP: Papyrus, 1996.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1950. (Col. Perspectivas do Homem, v. 10).

CHARBONNIER, Georges. “Primitivos e civilizados”. In: *Arte, Linguagem, Etnologia. Entrevistas com Claude Lévi-Strauss*. Campinas-SP: Papyrus, 1989. pp. 19-28.

_____. “Relógios e Máquinas a Vapor”. In: *Arte, Linguagem, Etnologia. Entrevistas com Claude Lévi-Strauss*. Campinas-SP: Papyrus, 1989. pp 29-40.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1999.

COMMERFORD, Jonh Cunha. *Fazendo a luta: sociabilidades, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARVALHO, Gilmar de. *Madeira Matriz – cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradição, ciência do povo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CORTES, Soraya M. Vargas. *Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados*. In: Cadernos de Sociologia. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998.

CHAVES, José Olivenor. *Narrando a arte de lembrar e lembrando na arte de narrar*. Propostas Alternativas – Memórias e Patrimônio Cultural do Ceará. Nº 08, Instituto da Memória do Povo Cearense - IMOPEC, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1981.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. (Col. Debates antropologia).

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: A essência das religiões*. 3. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Origens: história e sentido na religião*. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1989. (Col. Perspectivas do Homem, v. 34).

_____. *Tratado de história das religiões*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOUTART, François. *Sociologia da religião*. São Paulo. Ática, 1994.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIRÃO, Raimundo. *História econômica do Ceará*. Fortaleza-CE: Casa José de Alencar/ Programa editorial, 2000.

KUJAWISK, Gilberto de Mello. *O sagrado existe*. São Paulo: Ática, 1994.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Ática, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas – SP: UNICAMP, 1996.

LENOIE, Remi. “Objeto sociológico e problema social”. In: *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

LEVI-STRAUSS, Claude. “Raça e história”. In: *Levi-Strauss*. São Pulo: Abril Cultural, 1985, pp 47-87.

_____. “O Tempo redescoberto”. In: *O Pensamento selvagem*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976, pp. 250-279.

_____. “Ordem e desordem na tradição oral”. In: *Minhas palavras*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, pp. 149-158.

MAGNANI, José Guilherme. *Festa no pedaço*. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1998.

MAIA, Dália Maria B. *De Tabuleiro do Norte à “Tabuleiro da Morte”: a trajetória da violência numa cidade do Vale do Jaguaribe*. Limoeiro do Norte-Ce.: FAFIDAM/UECE, 2003. (em mimeo).

MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução”. In: *Os argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Col. Os Pensadores).

MALVEIRA, Antônio Nunes. *O Velho sertão da bica*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1986.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.v.II. Introdução à obra de Claude Lévi-Strauss, p.1-36.

_____. A Prece (1909). In: Oliveira, Roberto Cardoso de. (org). Marcel Mauss: SP: Ática, 1979. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social*. 7. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. “Teoria e método”. In: *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

OLIVEIRA, Ana Cláudia e SANTELLA, Lúcia. *Semiótica da cultura, arte e arquitetura*. São Paulo: Educ., 1987.

OLIVEIRA, Paulo de Sales. *Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas*. In Metodologia das Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. n. 03. Memória. São Paulo: Vértice, 1989.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael. *Uma casa luso-afro-brasileira com certeza: emigrações e metamorfose da umbanda em Portugal*. São Paulo: Terceira Margem, 2000. (Col. África).

SANTO, Moisés do Espírito. *A Religião popular portuguesa*. Lisboa – Portugal: Assírio & Alvim, 1990.

_____. *Origens do cristianismo português*. Lisboa: Ed. Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões. Universidade Nova de Lisboa, 1993.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

_____. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção. (parte I). Revista Maná. Estudos de Antropologia Social, vol 03, n. 01, abril de 1997, pp. 41-73.

_____. O “*pessimismo sentimental*” e a *experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção*. (parte II). Revista Maná. Estudos de Antropologia Social, vol 03, n.02, outubro de 1997, pp. 102-150.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

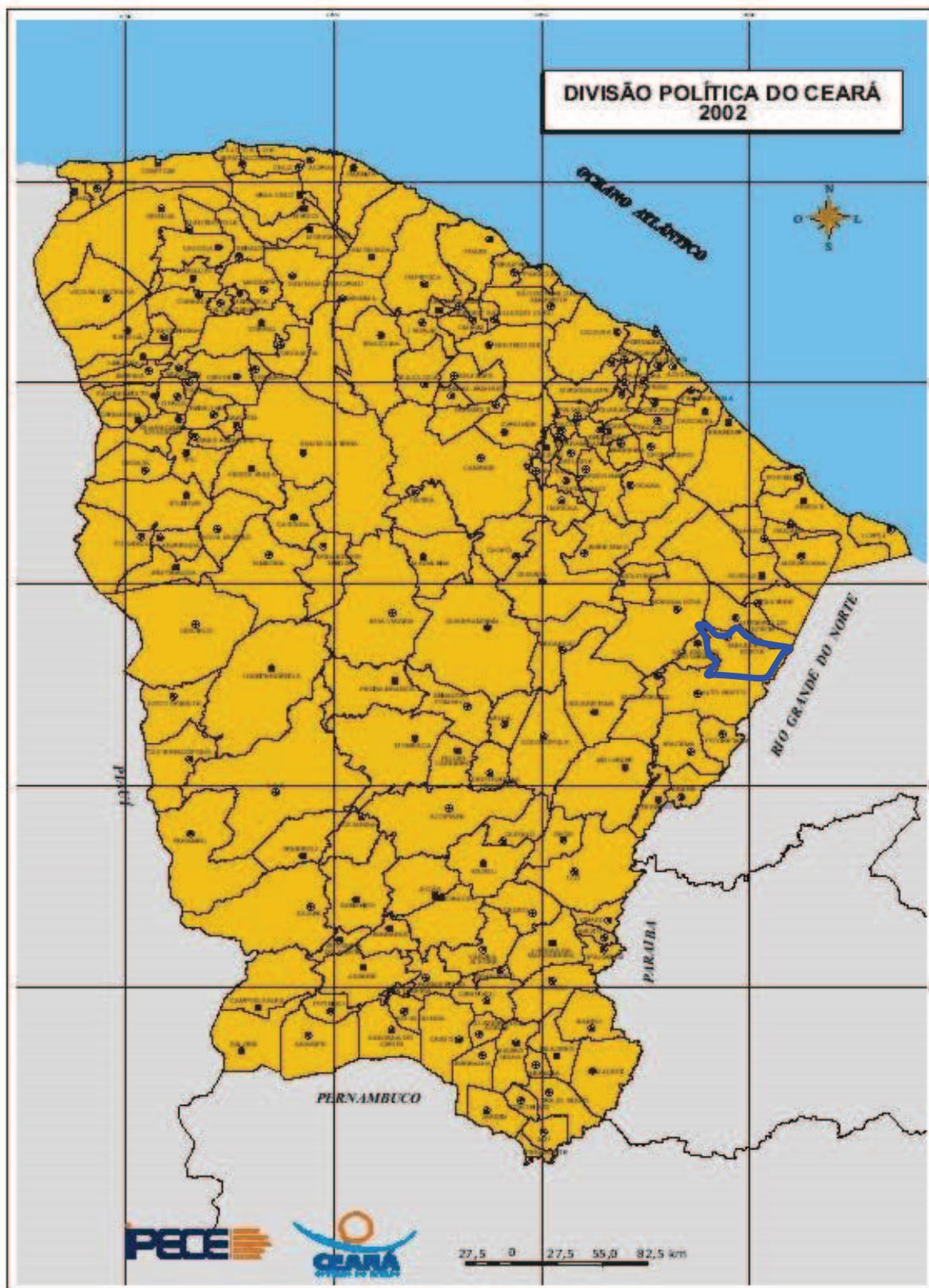
TEIXEIRA, Maria Lina Leão e BRANDÃO, Thadeu de Sousa. *Tradição e modernidade na festa de Santa’Ana de Caicó*. Ensaio apresentado nas IX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Seminário Temático n.º 01: “O secular no religioso e o religioso no secular”. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ, em 22/09/1999.

ZALUAR, Alba. *Os homens de deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. (Col. Antropologia Social).

_____. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

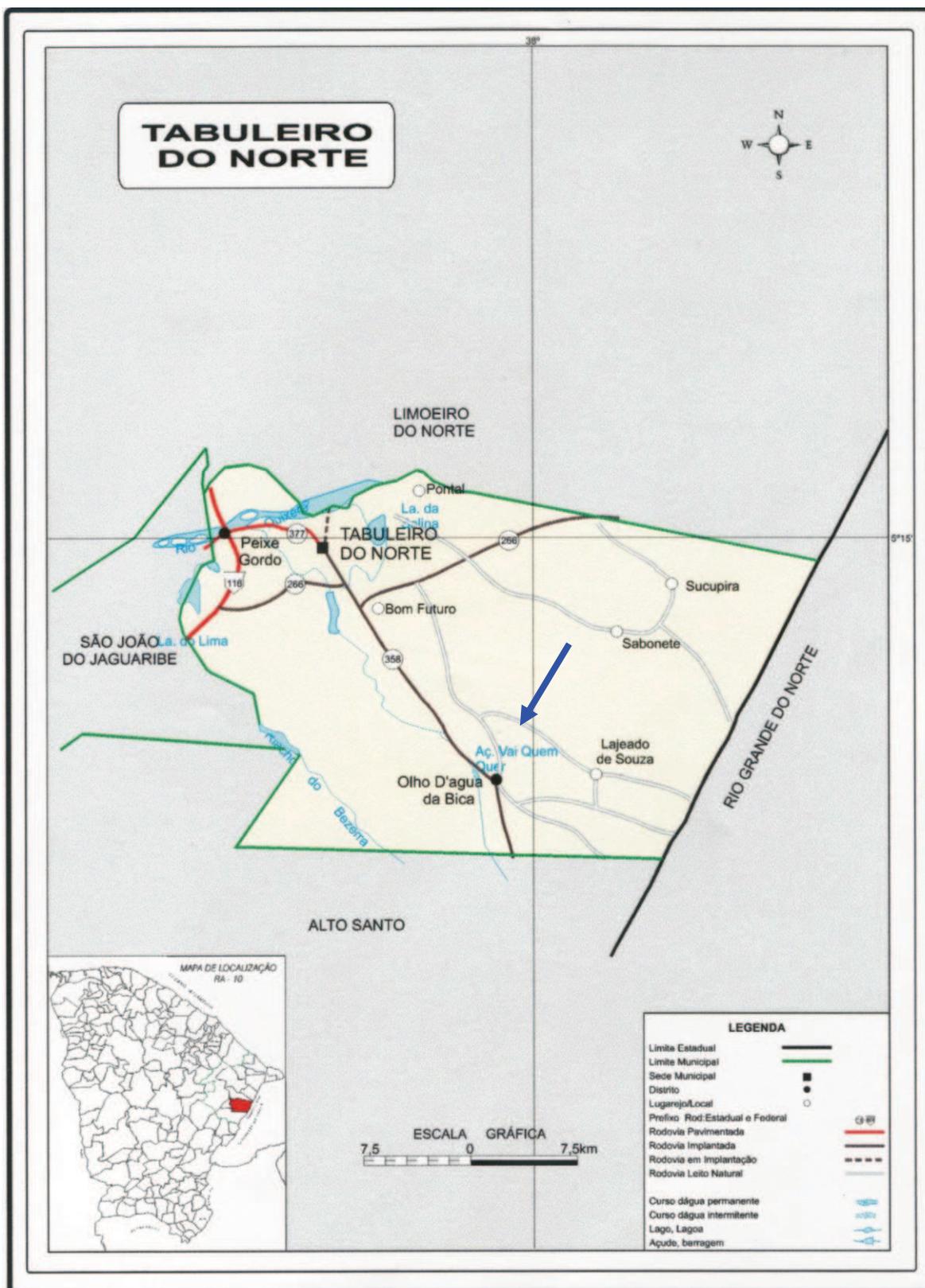
ZUMTHOR, Paul. *Introdução a poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

ANEXOS



Mapa de divisão política do Estado do Ceará, com ênfase ao município de Tabuleiro do Norte – Ceará.

Fonte: (Adaptado de) Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE/2002.
<http://www.iplance.ce.gov.br>



Mapa do município de Tabuleiro do Norte – Ceará, com ênfase ao Distrito de Olho d'Água da Bica.